



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

FERNANDA GONÇALVES PIMENTEL

**EFEITOS DA COLONIZAÇÃO EM IRACEMA E A
ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO DISCURSO SOBRE O
TURISMO NACIONAL**

**Campinas - SP,
2022**

FERNANDA GONÇALVES PIMENTEL

**EFEITOS DA COLONIZAÇÃO EM IRACEMA E A
ATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO DISCURSO SOBRE O
TURISMO NACIONAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientador (a): Prof(a). Dr(a). Cristiane Pereira Costa Dias
Coorientador (a): Prof. Dr. Élcio Aloisio Fragoso

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação/Tese defendida pela aluna Fernanda Gonçalves Pimentel e orientada pela Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias

CAMPINAS,

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

P649e Pimentel, Fernanda Gonçalves, 1991-
Efeitos da colonização em Iracema e a atualização da memória no discurso sobre o turismo nacional / Fernanda Gonçalves Pimentel. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Cristiane Pereira Costa Dias.

Coorientador: Élcio Aloisio Fragoso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Memória. 3. Turismo - Brasil. 4. Literatura brasileira. 5. Colonização. I. Dias, Cristiane Pereira, 1974-. II. Fragoso, Élcio Aloisio. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Effects of colonization in Iracema and the updating of memory in the discourse on national tourism

Palavras-chave em inglês:

Discourse analysis

Memory

Tourism - Brazil

Brazilian literature

Colonization

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Cristiane Pereira Costa Dias [Orientador]

Verli Fátima Petri da Silveira

Marcos Aurelio Barbai

Data de defesa: 07-07-2022

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-2304-1169>

Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1781357075451530>



BANCA EXAMINADORA

Marcos Aurelio Barbai

Cristiane Pereira Costa Dias

Verli Fátima Petri Da Silveira

**IEL/UNICAMP
2022**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL.

À minha mãe
Ao João (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias pela orientação e por todas as vezes que só pelo olhar gentil e atencioso fortaleceu o meu afeto pela teoria. Sou grata só pela honra de ter a oportunidade de conhecer a profa Cris, pessoa tão querida, acolhedora e admirável.

Ao meu coorientador Prof. Dr. Elcio Fragoso pela importante participação no meu percurso acadêmico.

Aos funcionários e professores do LABEURB e do LABJOR, com os quais sempre pude contar e aprender, em especial à Andressa (Sol) e à Profa. Dra. Greciely Costa.

Aos professores da banca Verli Petri e Marcos Barbai pelo constante incentivo e pela rica contribuição a essa pesquisa.

Ao professor José Horta Nunes pela leitura tão produtiva e cuidadosa no estágio de qualificação da dissertação.

À Profa. Dra. Carolina Rodriguez e à Profa. Dra. Ana Claudia Fernandes Ferreira pela leitura atenta e crítica ainda nas minhas reflexões iniciais.

À Profa. Dra. Vanise Medeiros por gentilmente me disponibilizar a sua tese.

À equipe do Museu da Cidade de Salto pela generosidade em relevar as minhas muitas ausências e distrações durante o período que venho me dedicando aos estudos. Meus agradecimentos especiais aos coordenadores Raquel Fayad e Rafael Barbi pelo incentivo e pela paciência!

Ao Marcos Marques, meu amigo querido e parceiro nos melhores e piores momentos.

Um agradecimento especial ao prof. Salvador Carpi pelos agradáveis encontros na Unicamp e pelo aprendizado que tem me proporcionado referente às questões ambientais na nossa região.

Aos meus amigos Allison, Milly e Jaque e a tantos outros que tive a alegria de conhecer durante as aulas da pós-graduação.

Às amigas que fiz e/ou fortaleci pelas redes sociais especialmente durante o período mais crítico de isolamento na pandemia. Um agradecimento especial à Sandra.

Aos meus queridos amigos João Pedro, Andressa, Letícia Costa, Guilherme, Danúbia e Laís pelos encontros tão valiosos que me deram fôlego na caminhada.

À Bethinha, à recém-mamãe Jéssica e à Letícia pelas palavras amigas e pela promessa de um novo encontro.

Aos motoristas da Van e ao grande Luís, pessoas sempre muito gentis e se tornaram bons amigos.

Aos profissionais e professores da graduação de Letras do Ceunsp, todos sempre muito pacientes comigo! Agradeço a todos, mas alguns certamente se tornaram pessoas queridas e inesquecíveis, como Élide, Giani, Marli, Patrícia, Eliana e Adelma. Um agradecimento especial ao professor Bruno, sempre solícito nas leituras dos meus textos e um dos meus principais incentivadores. Sou grata também à professora Heloisa pelas conversas e pelos momentos de gentileza e afeto fundamentais para que eu amadurecesse tantas ideias. Muitíssimo obrigada aos muitos nomes que tanto me ensinaram e nem caberiam nessas páginas. Deixo ainda um agradecimento à profa Ana Maria que me inspirou grandes reflexões e que, de certo modo, provocou-me a sair um pouquinho do lugar do conforto, do já-sabido.

Aos demais colegas da graduação que se fizeram amigos!

Ao meu amigo Klaus pelos excelentes palpites nos meus textos e pela escuta generosa das minhas queixas cotidianas.

Ao Carlos, da Unir, pelo apoio constante durante essa jornada tão árdua.

À Beth que fez muito mais que me apoiar, mas me arrebatou para o universo acadêmico para além da sala de aula.

Ao meu pai Luiz Roberto, meus irmãos Helder e Fernando, minha cunhada Adriana e toda a minha família, pela paciência e pela ajuda nas dificuldades.

À minha mãe Maria que nunca descuidou de mim, com excesso de zelo e amor!

Ao Baby, que sempre esteve ao meu lado me fortalecendo dia após dia nas adversidades.

Enfim, a todos que estão na luta e em luto no atual cenário de pandemia da COVID-19, dedico também a vocês esse trabalho!

Homem comum

Sou um homem comum de carne e de memória, de osso e esquecimento. Ando a pé e de ônibus, de táxi, de avião e a vida sopra dentro de mim pânica feito a chama de um maçarico e pode subitamente cessar. Sou como você feito de coisas lembradas e esquecidas, rostos e mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia em Pastos-Bons, defuntas alegrias, flores, passarinhos, facho de tarde luminosa, nomes que já nem sei.

Ferreira Gullar

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é mostrar uma reflexão sobre a memória discursiva da literatura e o processo de colonização no turismo à luz da articulação da Análise de Discurso (AD), filiada a Michel Pêcheux, com a História das ideias linguísticas (HIL), bem como pelos desdobramentos desses campos disciplinares desenvolvidos por Eni Orlandi e outros autores no Brasil. Para tanto, analisamos as coisas a saber referentes ao Brasil nesses dois campos de conhecimento hoje articulados pelo digital, de modo a possibilitar a construção de um percurso investigativo que trata de alguns aspectos parafrásticos em torno dos efeitos da colonização que, a nosso ver, ressoam no processo de metaforização da textualidade do romance *Iracema* no discurso sobre o turismo. O que percebemos é o movimento de deriva na contradição da passagem de nomeação da obra de José de Alencar para o espaço, a praia de Iracema, localizada em Fortaleza, cidade do Ceará. Mostra-se, nesse processo, como os efeitos da colonização produzem os seus impactos na relação entre turistas e moradores apesar da diferença nos modos de subjetivação do sujeito capitalista atualmente. Para refinarmos a compreensão dos efeitos de sentidos coloniais que se reatualizam no turismo, investigamos as condições de produção do discurso fundador na Carta de Pero Vaz de Caminha no século XVI e dos relatos naturalistas no século XIX. Lidar com a heterogeneidade de tais materialidades endossa a relevância de abordarmos a contradição na tomada de posição do sujeito que se choca com os mecanismos de regularização que naturalizam o retorno ao colonial no discurso sobre o turismo, inviabilizando um lugar de grandes rupturas pela resistência. Isto posto, compreendemos que, pelas ressonâncias românticas de *Iracema* no turismo, é possível se observar regularidades discursivas como a hospitalidade, o patriotismo, a natureza exuberante que maquam a noção de identidade nacional, mas que não retiram da evidência nem refletem de forma historicizada sobre o processo de colonização. Assim sendo, construiu-se o *corpus* principalmente em torno dos comentários no site Tripadvisor que, pelo que se analisou, sustentam as mesmas condições de produção que ainda fazem ressoar a memória da colonização nas campanhas publicitárias do Ministério do Turismo (MTur) e de outras mídias, como o blog *Quanto custa viajar*, o site *Globo.com*, o Youtube e o *Portal Messejana*.

Palavras-chave: Memória discursiva. Brasil. Turismo. Literatura. Colonização.

ABSCTRACT

The objective of this research is to show a reflection on the discursive memory of literature and the colonization process in tourism in the light of the articulation of Discourse Analysis (AD), affiliated with Michel Pêcheux, with the History of linguistic ideas (HIL), as well as for the unfolding of these disciplinary fields developed by Eni Orlandi and other authors in Brazil. In order to do so, we analyze the things to know about Brazil in these two fields of knowledge today articulated by the digital, in order to enable the construction of an investigative path that deals with some paraphrastic aspects around the effects of colonization that, in our view, resonate in the process of metaphorization of the textuality of the novel *Iracema* in the discourse on tourism. What we perceive is the movement of drift in the contradiction of the passage of naming the work of José de Alencar to the beach of Iracema, located in Fortaleza, city of Ceará. In this process, it is shown how the effects of colonization produce their impacts on the relationship between tourists and residents despite the difference in the modes of subjectivation of the capitalist subject today. In order to refine the understanding of the effects of colonial meanings that are updated in tourism, we investigated the conditions of production of the founding discourse in the “Letter of Pero Vaz de Caminha”¹ in the 16th century and in the naturalist accounts in the 19th century. Dealing with the heterogeneity of such materialities endorses the relevance of approaching the contradiction in the position of the subject that clashes with the regularization mechanisms that naturalize the return to the colonial in the discourse on tourism, making a place of great ruptures by resistance unfeasible. That said, we understand that, through the romantic resonances of Iracema in tourism, it is possible to observe discursive regularities such as hospitality, patriotism, exuberant nature that make up the notion of national identity, but that do not remove the evidence or reflect in a historicized way about the colonization process. So the *corpus* was built mainly around the comments on the Tripadvisor website which, from what was analyzed, sustain the same production conditions that still make the memory of colonization resound in the advertising campaigns of the Ministry of Tourism (MTur) and other media, such as the blog *Quanto custa viajar*, the *Globo.com* site, Youtube and the *Portal Messejana*.

Keywords: Discursive memory. Brazil. Tourism. Literature. Colonization.

¹ This letter is considered the first document in the history and literature of Brazil.

LISTA DE SIGLAS

AD Análise de discurso

FD Formação Discursiva

HIL História das ideias linguísticas

MTur Ministério do Turismo

ONU Organização das Nações Unidas

RL Recorte literário

RP Recorte printscreen

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - Construindo um percurso	22
1.1 Janelas que se abrem para a teoria	22
1.2 Uma articulação entre o turístico e o literário	26
1.3 Condições de produção	36
1.3.1 Uma abordagem discursiva sobre lenda e identidade em Iracema	36
1.3.2 O Mtur e a memória nacionalista em Iracema	48
1.4 A atualização da memória na #PARTIUBRASIL	49
CAPÍTULO 2 - <i>Iracema</i> como lugar de memória e outros desdobramentos discursivos	61
2.1 A atualização da memória colonial no Youtube durante a pandemia	62
2.2 Retomada de um setor pelas trilhas do nacionalismo	66
2.3 A hospitalidade como fio condutor do romantismo	68
2.4 Uma breve passagem entre a Carta de Caminha e <i>Iracema</i> : da narração à descrição	78
2.5 <i>Iracema</i> e os relatos naturalistas do século XIX	85
CAPÍTULO 3 - Efeitos metafóricos de <i>Iracema</i> no Turismo pelo digital	95
3.1 Tripadvisor e <i>Iracema</i> : a construção de um <i>corpus</i> em articulação com o digital	95
3.2 As discursividades em torno de <i>Iracema</i> pelo digital: uma extensão do <i>corpus</i>	128
3.3 A relação do <i>corpus</i> com a textualização da natureza	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	148

INTRODUÇÃO

Quando se está há alguns anos num lugar, ocupando e desocupando espaços com objetos, textos e imagens corre-se o risco de, em algum momento, a gente se deparar com o desconforto de que lembrar tudo o que aconteceu ali é ao mesmo tempo impossível e obsedante. Assim, a minha relação teórica com a memória foi se tecendo por meio de um trabalho incontornável, pelo cargo que ocupo no Museu da Cidade de Salto. Já que vivemos numa sociedade do trabalho, confesso que não foi por entretenimento que me interessei pelos temas que hoje me confrontam na escrita dessa dissertação. Mas não só pelas vozes do trabalho, as formas de entretenimento e lazer, as quais não escapam ao capitalismo, também me provocavam pelo interesse/desejo do outro. Do mesmo modo que um discurso se constitui em relação a outro (s), a minha profissão também se constitui no discurso sobre o estudo e o lazer do outro. O outro, que é também o turista com suas expectativas curiosas (algumas superficiais, outras até cruéis!!!) que ainda ressoam sobre a nossa gente: “O que tem pra ver nessa cidade?”, “Onde tem gente bonita?”, “Cidade bonitinha, não tem muito pedinte nas ruas”, “Pena que o rio está poluído”. Enfim, o turista a quem constantemente eu direcionava a palavra, já que não me debruçava sobre o arquivo do museu, em seus textos e objetos expográficos a fim de recortá-los, estabilizá-los, ordená-los numa sequência cronológica e narrá-los apenas para o meu deleite. Se pensarmos a leitura como prática social plural pode não ser exagero afirmarmos que o gesto de ler nunca é solitário. Também eu não poderia escrever essa dissertação sozinha. É tomando o texto enquanto “acontecimento a ler o outro como real histórico” (NUNES, 1992, p. 29), que salientamos que lemos e escrevemos sempre pelo outro e para o outro.

Apesar de o enfoque dessa pesquisa não ser o museu, mas o discurso sobre o turismo que também se constitui nele e para ele, creio que reste uma dívida com a instituição, a qual me fez perceber que já não falávamos sobre duas histórias isoladas. A história da fundação do lugar, com os dados acumulados ao longo do tempo sobre o prédio e a história cidadina (universal) que o museu guardava, lembrava e contava às pessoas. O arquivo não podia ser aquele arquivo morto que amarelava e empoeirava nos armários e gavetas de um departamento de pesquisa. Mas havia ainda a necessidade de se pensar a pluralidade do arquivo, no caso, os diferentes modos de ler os arquivos em suas distintas materialidades. Tampouco falamos da memória verdadeira, incontestável, homogênea e totalizante durante as visitas monitoradas. Talvez fosse mais produtivo observar o próprio museu enquanto arquivo dotado de uma narratividade, pelo modo “como a memória se

diz” (ORLANDI, 2017, p.48) nele, dentre tantas versões possíveis e não somente como porta-voz de uma narrativa dominante. Assim, daríamos outro estatuto para a memória, por uma perspectiva que tira o sujeito bio - psico- socio - cultural da evidência de unidade sobre si mesmo, de uma memória não mais descolada da inscrição do sujeito falante na história.

Esse trabalho tem como questão central observar como o discurso sobre o turismo produz determinados sentidos para a identidade nacional e atualiza a memória discursiva da literatura e do processo de colonização.

Pela filiação teórica à Análise de Discurso (AD) francesa articulada à História das ideias linguísticas (HIL) e pelos desdobramentos desses campos disciplinares no Brasil desenvolvidos por Eni Orlandi e outros autores, coloco-me numa posição de autoria que requer a noção de que tudo não se diz sobre um assunto, um lugar ou país. Ao falar da leitura e do arquivo de um determinado modo, devo excluir outro (s), assim como venho abordando brevemente o próprio espaço do museu como arquivo de onde parte o meu interesse pelo discurso sobre o turismo e não, simplesmente, o discurso do turismo enquanto um conteúdo a ser reproduzido e assimilado. Para tanto, mobilizaremos noções para compreendermos a historicidade dos nossos recortes no tempo e espaço em que aparecem, tais como interdiscurso (o Outro) e memória discursiva, pré-construído, formação discursiva, textualidade, paráfrase e polissemia. Tratamos da memória não enquanto lembrança do indivíduo, mas estruturada pelo esquecimento e observaremos o gesto de leitura e tomada de posição do sujeito constituído pela ideologia e pelo inconsciente. São, portanto, determinados modos de individuação do sujeito contemporâneo que nos interessam no discurso sobre o turismo. O sujeito atravessado pelo imaginário de um Brasil edênico, paradisíaco e irreverente ao silêncio, ao silenciamento do brasileiro e de sua identidade (sempre em movimento) nos processos de significação e identificação pela sua inscrição na história.

Nesse sentido, objetivamos uma articulação do turístico com o literário por meio da observação do efeito de retorno ao colonial a partir da textualidade em *Iracema*, a qual funciona como fio condutor para a leitura que propomos em torno de outras formas de textualização do discurso sobre o turismo. Dito de outro modo, creio que seja pertinente compreender os modos como falar da virgem dos lábios de mel do século XIX, na contemporaneidade, ainda atualizam uma memória colonial sobre o Brasil, mesmo que as referências à *Iracema* estejam implícitas. Fazer uma escolha teórica sobre um determinado texto não é um gesto ingênuo ou neutro, pois sabemos que os gostos pelos

clássicos se transformam com o tempo. Para nós, a literatura é sobretudo um afeto político.

Ao falarmos de coisas lembradas e esquecidas, durante o Ensino Médio, recordo-me das queixas frequentes dos alunos pela obrigatoriedade da leitura desse clássico alencariano, tanto para o currículo escolar quanto para os vestibulares. Mais tarde na minha graduação de Letras, as queixas persistiam, agora, pelos adultos. Alguns dos meus professores de Literatura se ressentiam com o descaso e desinteresse da juventude com a leitura dos famigerados títulos nacionais. E lá estava novamente *Iracema*, com outra roupagem, mas trazendo à tona as implicações nas diferentes formas de ler que afetavam e eram afetadas pelas histórias das leituras de seus leitores. A princípio, o que me instigava era como uma personagem tão submissa podia dizer tanto, ainda que pelo silêncio do que ela não dizia e, justamente por ele, à medida que outros falares sobre ela se perpetuavam como um coro de lamúrias sem cessar.

Ademais, o atual cenário político do Brasil, recheado de conservadorismos, é ainda mola propulsora que me provoca a lidar com questões dolorosas de identidade que julgo não superadas pelo povo brasileiro. Creio ser produtiva a articulação do literário com o turístico, pois são lugares em que emergem visíveis contradições entre a ideologia - que não é a idealização ou a invenção em si, mas estabelece a relação do imaginário com as suas condições materiais de existência - e o real (aquilo que não pode não ser assim). Lugares estes consagrados pela difusão do saber, pela criatividade de um povo e nem sempre associados a formas de censura e silenciamento, especialmente quando se fala em turismo.

Mas o que nos atrai na compreensão daquilo que aproxima o nacionalismo do romântico no turístico é que nem sempre o que pode e deve ser dito/lido sobre um país é regulado pela proibição explícita ou queima de livros em praças públicas. Tomamos como exemplo o seguinte recorte: “Vamos ler menos *The New York Times* e mais José de Alencar e Gonçalves Dias”. Tais dizeres proferidos por Ernesto Araújo, durante a sua posse como ministro das Relações Exteriores, ecoaram pelas mídias provocando uma certa polêmica em 2019. No contexto da fala do ministro, ele enaltece o nacionalismo e cita esses dois autores consagrados pelo romantismo, buscando no retorno ao cânone o efeito de verdade para legitimar a sua posição enquanto intelectual ao mesmo tempo que exalta mitos que reforçam o heroísmo dos colonizadores do Brasil.

O que nos faz questionar se tanto para o Estado quanto para o sujeito individuado por ele, se nas falas atuais, a idealização - até mesmo o culto a certos valores como a

ingenuidade, a generosidade, a beleza e a pureza – não funcionariam como uma forma de silenciamento ou de dominação? Ou mesmo pelo efeito de exclusão, de exclusão por negação daquele que não é patriota, caso questione um autor, uma obra, um símbolo, uma bandeira (como a do Brasil) etc.

Dentre tantos outros afetos, os quais não me iludo esgotar plenamente nessa pesquisa, pois reconheço que todo fechamento, totalidade e unidade são imaginários para qualquer texto, um deles se mostrou bastante marcante: os efeitos da curiosidade. Abordar discursivamente a literatura com os saberes linguísticos parte de um gesto de conhecer algo que se apresentava diante de mim, mas que me provocava a compreender os processos para além dos produtos culturais “já sabidos”. Antes de revelar o objeto de curiosidade em questão, reflito. Como um objeto de museu se relacionava entre os pontos coincidentes e dissidentes de uma curiosidade com relação à sua significação em tupi? Sobretudo como poderíamos interpretar um elemento até então desconhecido ou que eu apenas tinha ouvido falar, como uma içaçaba, por exemplo? O que distancia ou aproxima os sentidos interpretados como curiosidade da identidade de um povo, isto é, de algo que deva permanecer às margens ou ser “levado a sério”, oficializado?

É nesse sentido que o museu nos provoca a refletir sobre a linha tênue entre os sentidos de curiosidade e os sentidos de identidade. O que temos visto é a dispersão de tais sentidos no discurso sobre o turismo nacional ou sobre o nacional no turismo. É por isso que não nos conformamos com noções de identidade trabalhadas de forma transparente, como objeto de curiosidade, sem aprofundar os conhecimentos. O turista também lê a cidade pelos textos nas paredes da instituição museal e, com isso, é afetado por uma rede de sentidos filiados à memória discursiva.

Os conflitos em torno do território e da identidade nacional sempre foram inquietantes nas minhas reflexões, pela constante sombra do que poderia romper ou irromper com os sentidos coloniais ainda hoje. Dito de outro modo, a preocupação era como (re) pensar “as coisas a saber” alusivas ao Brasil no turismo? Refletir sobre como interpretamos ou nos é dado a interpretar de forma naturalizada algo que, segundo Pêcheux (1990), é da ordem do sujeito, e que destacamos como o Eu-Outro do cotidiano, em suas inúmeras possibilidades de interpretação.

Convém dizer que a içaçaba ou urna funerária indígena, como é apresentada no museu, não é a mesma içaçaba descrita por José de Alencar, como um vaso ou pote indígena do século XIX. Isto porque a primeira vez que me confrontei com essa palavra-objeto não tinha sido no dicionário nem no museu, mas em um dos romances de José de

Alencar, especificamente numa nota de rodapé em *Iracema*. Obra literária esta que é antes de tudo texto, algo simbólico que, no encontro com o político, textualiza-se pela escritura do autor romântico. Talvez ninguém possa negar a José de Alencar a sua posição de destaque enquanto lexicógrafo e literato nacional, mas compreendemos que o funcionamento de um determinado discurso de identidade sobre o brasileiro no século XIX vai além de se reproduzir os conteúdos literários do Romantismo dos livros didáticos ainda no século XXI.

Aceitar as contradições das regularidades e as dissimetrias que implicam na formação do brasileiro sem apagar o outro no jogo da semelhança e diferença que opõem o turista ao morador e o europeu ao negro e ao indígena, por exemplo, requer ainda um distanciamento do objeto empírico. Convém observar e repensar a autoria referente a quem pode falar legitimamente sobre o Brasil e como o brasileiro é falado ainda hoje em outras discursividades, como a do turismo.

No embate entre a atualidade e a memória, o turismo pode ser tomado como um lugar privilegiado de análise, em que os processos de significação da brasilidade, a nossa imagem na diferença e semelhança com o indígena, o europeu e o africano, constituem determinados sentidos regulados pela alteridade (colonial). Tais relações de força podem se apresentar de forma amena e até simpática no turismo, mas configuram o jeito brasileiro/ o próprio brasileiro como produto acabado, pelos sentidos do povo alegre e hospitaleiro, por uma cultura “inata” do pitoresco, do exótico, da sensualidade e de particularidades que apagam o brasileiro na/da história. Ademais, nesses processos de significação, temos observado um retorno incontornável ao processo de colonização pelo modo de funcionamento do discurso sobre o turismo na atualidade. Salientamos que o discurso sobre o turismo funciona especialmente pelo silêncio que divide os sentidos do que “se conta e o que não se conta, produzindo assim uma configuração para a brasilidade” (ORLANDI, 2008, p.24).



Foto 1- Igaçabas. Exposição do Museu da Cidade de Salto Ettore Liberalesso, 2021. Foto da autora.

Assim, chamamos a atenção para o modo como as questões indígenas retornam em algumas abordagens dos museus paulistas, lugares atravessados pelo discurso sobre o bandeirantismo, pela (o)posição do morador e do turista, enfocando a transversalidade dos discursos, bem como o discurso do sociólogo, do antropólogo (sobre o indígena) e do arqueólogo (sobre o objeto indígena). A língua aparece de forma homogênea e transparente pelo não-dito, nesse caso, pelas palavras do tupi que nomeiam lugares, porém, não quaisquer lugares, e sim, determinados locais, cidades, rios ou ambientes considerados naturais: **Itu, Guaraú, Buru, Pirai, Tietê, Jundiá, Icarai, Pirapora**. Ou seja: lugares vinculados ao espaço, à natureza. Salientamos que não se tratam apenas de palavras isoladas enquanto itens lexicais, pois sem a exterioridade elas não significariam. Não fariam parte de um processo de significação numa determinada instância da memória (interdiscurso), recortadas numa dada formação discursiva. Essa abordagem de explicação etimológica de uma palavra que denomina um espaço é algo próprio do urbano, a nosso ver, reiterado pelo dizer turístico, especialmente sobre cidades discursivizadas no rural, por estarem “fora” dos grandes centros urbanos. Nesses casos, não só o gesto de nomear, mas de retomada da etimologia do nome já implica na interpretação da cidade interiorana como exótica, pitoresca, um lugar que interessa pelos fatos curiosos, pela beleza e pela natureza, a qual tomaremos, nesse texto, enquanto

paisagem em construção pelo discurso romântico. Por esses efeitos de sentidos, o índio² emerge como personagem romantizado, como se as culturas indígenas fossem apreendidas de forma transparente por um conhecimento tomado como um produto cultural que, mesmo nos dias atuais, limita e reduz o indígena ao (ultra) passado.

Em linhas gerais, a questão ainda da “Ocupação indígena: vestígios” como tema da seção expositiva sobre os indígenas no Museu da Cidade já sinaliza os conflitos em torno do território, mesmo que não esteja dito, a territorialidade é um aspecto presente no turismo (no discurso do/sobre o outro) de um modo bastante singular, pois apaga justamente o conflitante na identidade. Parte-se de territórios fragmentados (peculiaridades regionais) para o imaginário de um todo, homogeneizando as diversas partes no Um (o Brasil). No vai e vem da história, observando as relações de forças que imbricam na inscrição da língua na história, podemos questionar a quem é legítimo o direito de ocupar - usufruir esse território, bem como os sentidos coloniais que retornam com a memória da palavra ocupação.

Para falarmos do que retorna na atualidade e do nosso percurso temático, isto é, das ressonâncias da memória histórica de *Iracema* no discurso contemporâneo sobre o turismo, construímos o *corpus* em torno das continuidades e rupturas dos sentidos coloniais que investigamos nas campanhas do MTur (Ministério do turismo) e seus desdobramentos em constante tensão com o discurso fundador da Carta de Caminha.

Na sequência, faremos alguns recortes sobre os comentários relacionados à praia de Iracema na plataforma Tripadvisor. A escolha desse site sobre turismo não foi por acaso, pois um dia deparei-me com a logomarca afixada nas janelas da fachada do museu. Não sabemos exatamente desde quando (talvez não nos lembremos quando e como), mas lá está o adesivo produzindo os seus efeitos de sentidos, resignificando o Museu da Cidade de Salto como lugar de memória mundializado e discursivizado pelo digital.

² Optamos, em alguns casos, pela manutenção da palavra índio devido a essa forma de nomeação de um povo estar constantemente vinculada a estereótipos naturalizados pelas textualidades românticas. No mais, faremos a substituição de índio por indígena.



Fotos 2 e 3- Adesivos da plataforma TripAdvisor nas janelas do Museu da Cidade de Salto Ettore Liberalesso, 2021. Fotos da autora.

Destarte, apontamos para a observância do nosso objeto de pesquisa a partir da atualização da memória pelos sentidos que circulam sobre o Brasil e o brasileiro no turismo, mobilizando a identidade e deslocando o lugar da invenção e do equívoco em três temporalidades: a) atualidade; b) a lenda de *Iracema* e as textualidades dos relatos naturalistas no século XIX; c) o recorte “em se plantando tudo dá” na Carta de Caminha do século XVI.

Os recortes que propomos analisar do século XIX, no segundo capítulo, baseiam-se numa leitura de que, naquele período, os saberes linguísticos estavam vinculados ao conhecimento produzido sobre/para a História do Brasil. Seja pela Literatura, que nesse trabalho terá como objeto *Iracema*, de Alencar, e os efeitos de sentidos contrastantes que abordaremos nos relatos dos viajantes e pintores naturalistas como Saint Hilaire e Hercules Florence. Sob esse aspecto, também reconhecemos a relevância dos dicionários, da Biblioteca Nacional e o gesto de documentação das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico constantemente trabalhados em outras pesquisas.

A nossa reflexão consiste, acima de tudo, numa compreensão sobre o sujeito do século XXI articulado aos discursos transversos da literatura e do turismo, afetado pelo digital, enquanto sujeito-leitor de mídias, mas ainda atravessado pelos efeitos da colonização. Nas formulações (intradiscurso) de textos em diferentes condições de produção, problematizaremos a naturalização dos sentidos ‘inatos’ ao brasileiro, os quais apagam outras interpretações para os sentidos possíveis que movimentam o espaço e a identidade nacional (as coisas a saber sobre um país), interditando a historicização de outros processos políticos que se dão na história do Brasil. Afinal, ao falar do turismo (do espaço interpretado como turístico), o brasileiro fala de si e se constitui em qual lugar? É neste sentido que vamos trabalhar a construção do objeto discursivo Brasil em alguns de

seus modos de circulação material pelas novas tecnologias da linguagem, isto é, refletindo, consoante Orlandi (2001), que não há um objeto novo, mas sim outras formas de tratar o objeto pelas tecnologias da escrita. É preciso “pensar as tecnologias na produção de um acontecimento nas relações sociais” (ORLANDI, 2020, p. 16) para que possamos compreender como tais relações interferem na produção e circulação dos conhecimentos que chegam a nos arrebatam e a entorpecer em seus excessos sem nos darmos conta.

CAPÍTULO 1 - Construindo um percurso

1.1- Janelas que se abrem para a teoria

Falamos das janelas do Museu da Cidade de Salto, mas devemos observar que, na Análise de Discurso (AD) franco-brasileira, o ponto de vista não determina apenas o método de olhar para o objeto, mas a constituição da própria janela, isto é, do discurso em análise. Não nos perguntamos “para o que se olha”, e sim “como se olha” para as coisas, para a linguagem, especialmente ao fazermos a articulação de algumas questões que julgamos pertinentes à AD com a História das ideias linguísticas (HIL).

Quantas vezes olhamos para uma mesma janela e tão distraídos ou preocupados em ver o que tem do outro lado, não temos acesso aos detalhes, como restos e poeiras que nos escapam, assim como os adesivos do Tripadvisor me escapavam por anos?

Nesse sentido, tomamos a abertura da janela, como a abertura do simbólico com a premissa de que o homem não pode não significar/interpretar, porém, há sempre algo que escapa ao gesto de interpretação.

Com a provocação da noção das “coisas a saber” proposta por Pêcheux para as novas formas de ler, propomos que, no turismo, há ainda as “coisas a se observar”, isto é, as coisas que devem se tornar visíveis e nomeadas (historicizadas) ou invisibilizadas (apagadas) para que um lugar seja interpretado como turístico ou não. É preciso a materialização do olhar para distinguirmos o turista do morador, o habitante local do morador de rua, um pardal de uma ave exótica (observável), por exemplo, e para identificarmos uma formação discursiva e as posições-sujeito sobre o turismo que estão em jogo no discurso.

Projetamos um percurso para refletirmos sobre o que não está dito no interior do que é dito em alguns recortes sobre o Turismo no Brasil, mas o que também não pode ser demonstrado à medida que trabalhamos com o real da interpretação, atribuindo ao gesto de interpretar a forma material da historicidade, da memória.

No desenvolvimento dessa pesquisa, temos nos dado conta de que, com ou sem distrações, nem mesmo o olhar mais atento consegue lidar com o objeto em sua transparência ou totalidade, em todas as perspectivas possíveis, especialmente quando enfocamos a linguagem. E se uma relação mais crítica não pode desnudar o objeto, cabe ao analista de discurso uma tomada de posição ao relativizar o olhar para uma relação menos ingênua com a linguagem, pois o sentido está sempre em aberto. Ademais,

nenhuma janela se abre para o “passado” ou para o túnel do tempo, sem que se olhe, a priori, para determinados vestígios no presente. A incompletude não poupa nem mesmo o fazer científico, o qual se evidencia em seus efeitos de objetividade e estabilidade, contudo, não temos a ilusão de nos filiar a uma teoria que possa retirar da evidência todos os já-ditos e efeitos de sentidos que constituem o discurso.

A atualidade é, sem dúvida, a ponta pé inicial para a atualização da memória no gesto de filiação ao dispositivo teórico metodológico desenvolvido por Michel Pêcheux nos anos 60. Tal procedimento focaliza os gestos de interpretação em torno da discursividade e das posições- sujeito de um texto e mobiliza saberes no entremeio da Linguística, da Psicanálise e das Ciências Sociais.

Antes de partirmos para a construção do *corpus*, convém estabelecermos uma relação teórica entre algumas noções fundamentais que enfocaremos sob o aporte da AD. Essa janela que se abre não apenas para conceituar o discurso, enquanto “efeito de sentidos entre locutores”, mas também para o texto, definido “[...] não apenas como um ‘dado’ linguístico (com suas marcas, organização etc) mas como fato discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise”(ORLANDI, 2013, p. 69-70).

Partindo do dispositivo de leitura da teoria pecheutiana, Orlandi (2020) produziu uma releitura teórica, com a possibilidade de deslocamentos conceituais como a noção de metáfora, segundo a qual, as palavras falam com palavras no processo de metaforização, a função-autor e o efeito-leitor. E aqui incluímos o nosso trajeto temático relacionado ao conhecimento produzido pelo saber urbano³ em relação ao modo como o Brasil se textualiza no discurso sobre o turismo nacional, ou seja, é pela textualização que *Iracema* ganha corpo e significa pelo funcionamento da memória e da identidade⁴ nacional ainda hoje.

No decorrer da dissertação, desenvolveremos outras noções teóricas e retomaremos algumas supracitadas, contudo, julgamos necessário estabelecer o texto como ponto de entrada e ancoragem para analisarmos o discurso literário e a memória que emerge como procedimento analítico. De tal modo que, ao mencionarmos *Iracema*, desenvolvemos a noção de textualidade literária romântica, mostrando o texto literário

³ Falamos de uma área de conhecimento chamada Saber Urbano e Linguagem no Labeurb que institui as pesquisas sobre cidade e linguagem da perspectiva discursiva no Brasil nos anos 90.

⁴ Identidade tratada por Orlandi como um processo em movimento na história (2013, 2017).

em funcionamento por meio de determinados recortes, levando em conta a historicidade e não a história do Romantismo no século XIX. É por essa perspectiva que observaremos a natureza de outros textos em circulação, delimitados pelas condições de produção e pelo efeito de memória em *Iracema*.

Segundo Orlandi (2013), as condições de produção do discurso englobam os sujeitos e a situação. Portanto, uma maneira x ou y de como a memória se relaciona com as condições de produção é fundamental para compreendermos a prática discursiva. Dito de outro modo, devemos observar as condições de produção em que a memória se textualiza em *Iracema* e textualiza um determinado discurso sobre o Brasil. Destacamos ainda que o modo como a memória se relaciona com as condições de produção no século XIX possibilita um modo específico da textualidade literária romântica que a distingue dos modos de textualização do discurso turístico pelo digital, por exemplo, mas que não necessariamente os coloca em oposição. Consideramos, assim, a necessidade de investigarmos como o saber discursivo se atualiza sobre um país marcado pela colonização europeia como o nosso. Ainda que pela especificidade do tema da brasilidade, poderemos compreender como o funcionamento do interdiscurso (todas as coisas já ditas e esquecidas) diferentemente da memória de arquivo, pode constituir um dizer historicamente determinado sobre o Brasil e o brasileiro, especialmente ao silenciar outros dizeres que estão às margens. Paraphrasing Orlandi (2017), enquanto que a memória de arquivo constitui o dizer institucional, aquele que não se esquece, o interdiscurso ou memória discursiva constitui um dizer que preexiste à própria constituição do sentido e do sujeito. Ou dito de outro modo, o interdiscurso é o “já-dito que sustenta a possibilidade mesma de dizer” (ORLANDI, 1998, p.9), pois o dizível, até mesmo no turismo, que já funciona pela repetição ao ser formulado para ser repetido, para reproduzir o mesmo nas mais diversas materialidades, nunca é neutro e não escapa à ideologia nem ao inconsciente.

Desse modo, a metodologia proposta leva em conta o gesto de leitura, de descrição e de interpretação, como pressuposto da obra de Pêcheux, especialmente, em seu texto *O discurso: Estrutura ou Acontecimento* (2008). Objetivamos ainda fazer um recorte sobre as materialidades discursivas que atravessam e constituem os textos do nosso *corpus*, especificamente do site Tripadvisor em circulação no discurso digital. Para tanto, destacamos que:

(...) as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades, e, entre elas, com decisiva importância, a digital, têm seus distintos modos

de significar que, ao mesmo tempo, desafiam o homem, mas são também uma abertura para o (e do) simbólico. Lugar de invenção, de diferença, de exercício da habilidade. A linguagem digital, ou o discurso eletrônico, reorganiza a vida intelectual, redistribui os lugares de interpretação, desloca o funcionamento da autoria e a própria concepção de texto (ORLANDI, 2009, p.62- 63).

Reconhecendo a relevância de se trabalhar com a materialidade digital, faremos a leitura das publicações de Dias (2016, 2018, 2020), com o intuito de compreendermos como esse lugar de invenção, que é o digital, (se) significa diferentemente a/da literatura, por exemplo, sobretudo quando tratamos da inscrição na memória de uma lenda como a de *Iracema*.

Deste modo, pode-se considerar que o interdiscurso possui uma relação intrínseca com a memória, a qual mantém características próprias em relação ao discurso de uma dada formação discursiva e ideológica, sendo que, conforme Pêcheux, a ideologia consiste no “processo de interpelação de indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 1995, p.217), ou dito de outra forma, engloba um processo discursivo em que o sujeito é interpelado, afetado e constituído pelo modo como os sentidos se inscrevem na história.

Ressaltamos ainda o que diz Orlandi (1995) a esse respeito de compreendermos o discurso como prática de significação contínua, “ação transformadora” (ORLANDI, 1995, p.46) de processos e produtos da história que não se encerram no tempo.

Especialmente ao relacionarmos a nossa análise ao pressuposto do incontornável da interpretação, elencamos alguns recortes para observarmos a heterogeneidade entre imagem e texto. Abordaremos a memória em sua exterioridade, no “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p.56).

Essa abordagem inicial sobre a teoria é apenas um aquecimento para calibrarmos a lente que vai possibilitar a abertura para outras janelas e paredes mais porosas na desnaturalização do *corpus*. Observaremos como as noções que mobilizamos se atualizarão com a pesquisa, bem como a noção de lugar de memória desenvolvida por Nora ([1984] 1993), que vai se confrontar com a ideia de uma herança reduzida ao passado, assim também mobilizaremos algumas outras noções no desenvolvimento da dissertação.

Convém destacarmos sobretudo a noção de Formação Discursiva definida por Pêcheux como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX,

1995, p. 160). Dito de outro modo, “aquilo que pode e deve ser dito” para que nossas palavras façam sentido em determinadas formações ideológicas. É com base nessa noção conceitual heterogênea que produziremos o nosso gesto analítico ao longo deste trabalho.

No decorrer desta pesquisa, abordaremos também as contradições constitutivas das Formações Discursivas (FDs), partindo da problematização que Courtine já desenvolve com relação a essa noção teórica ao dizer que a “memória irrompe na atualidade do acontecimento” (COURTINE, 2009, p. 103). É especialmente no quesito retirar a FD da evidência de homogeneidade e da repetição do mesmo, parafraseando Courtine (2009), que buscamos explorar outras formas de alteridade constitutivas da FD da colonização, a qual consideramos dominante em nossos recortes. Mas também daremos espaço para a observância da pluralidade contraditória de uma FD dominante com as fronteiras movediças, intercambiáveis entre outras FDs que poderão emergir com o gesto analítico.

1.2 - Uma articulação entre o turístico e o literário

Na construção de um percurso em Análise de Discurso, julgamos ser possível articular o turístico com o literário mantendo o foco na discursividade, isto é, na historicidade dos textos em análise, e não em seus conteúdos. Percorreremos, assim, um trajeto no qual o turismo é a possibilidade da metáfora para a literatura e que, pelo equívoco, tornam-se possíveis outros percursos de sentidos, outras interpretações para o literário. Partindo do questionamento central referente a como o discurso sobre o turismo produz determinados sentidos para a identidade nacional e atualiza a memória discursiva da literatura, objetivamos compreender ainda como o efeito metafórico de *Iracema* no turismo pode contribuir para outras leituras da própria lenda. Estamos dizendo, com isso, que o modo de constituição do turismo, assim como da literatura, se dá por meio da consolidação de saberes que agregam e/ou excluem muitas outras formas de conhecimento pelo saber discursivo (o interdiscurso).

Dito isso, partimos da premissa de que os nossos recortes são determinados pelo trabalho de arquivo e trabalho da memória histórica, a qual se textualiza pelo digital e retoma uma prática do século XIX, por meio da cientificidade dos “dados”, da “informação” que se repete e da noção de acesso ao conhecimento disponibilizado *on-line*. Assim, os saberes sobre uma questão ou um país, por exemplo, são legitimados pela internet, ou seja, “essas coisas-a-saber que circulam na internet – vindas de vários lugares,

uns mais legitimados e outros menos – podem produzir efeito em outros espaços, para além do espaço virtual” (FERREIRA, 2014, p.121). Nesse caso, trata-se de se observar o modo como uma “informação” circula pelo digital, passa pela memória metálica⁵ e afeta o modo de produção e filiação dos sentidos pelos sujeitos em sua forma histórica.

Isto posto, interessa-nos falar um pouco das coisas a saber sobre o Brasil partindo do discurso digital. Podemos aproximar as discursividades que prevalecem tanto em *Iracema* quanto no turismo pelo digital à medida que ambas parecem convergir para a construção e para o modo de divulgação de uma identidade. *Iracema* pela lenda do século XIX e o turismo nos recortes da publicidade e do cotidiano atualmente. Diferentes temporalidades para um mesmo objeto a ser relatado: o Brasil.

Assim, distinguimos o real da ordem das coisas a saber, pois

entendendo-se o “real” em vários sentidos – possam existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das “coisas-a-saber” ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos (PÊCHEUX, 2010, p.43).

Desse modo, aproximamos as coisas a saber sobre o Brasil pelo efeito de memória em *Iracema* das coisas a se observar sobre as continuidades e transformações do espaço brasileiro pelo efeito metafórico em evidência no turismo. Observaremos o modo como uma hashtag, uma avaliação num site e a pandemia de Covid-19, por exemplo, vem movimentando as redes de memória sobre os sentidos de Brasil para o brasileiro, os quais se filiam à literatura.

Falamos do discurso sobre o turismo enquanto um discurso de divulgação cultural voltado para a demanda da sociedade capitalista pelo saber, saber para onde viajar e de viajar para conhecer e aprender mais, isto é, de conhecer para consumir mais e mais. Nesse caso, não falamos apenas de um público leigo, mas de um público em geral que é afetado pela circulação cotidiana de um determinado conhecimento sobre o espaço brasileiro.

Em síntese, traçaremos um panorama geral do percurso analítico, ainda em construção para o nosso objeto, a fim de introduzirmos as condições de produção das “unidades discursivas”, definidas por Orlandi (1984) como recortes, os quais analisaremos a partir do site Tripadvisor. Para as nossas investigações, alargamos o

⁵ Memória metálica definida por Orlandi (2009). A memória metálica, a que não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão, produz o mesmo em sua variação, em suas combinatórias.

arquivo de leitura relacionado ao conhecimento sobre o espaço em *Iracema* metaforizado no discurso sobre o turismo nacional, isto é, problematizaremos uma construção homogeneizante de/para o Brasil no turismo.

Em linhas gerais, a dissertação está dividida em três partes:

- 1) Analisaremos as condições de produção do *corpus*, no caso, dos comentários do Tripadvisor sobre a praia de Iracema, localizada em Fortaleza - Ceará, trazendo a lenda de *Iracema* como domínio de memória observável também na publicidade produzida pelo Governo Federal, com ênfase na #PARTIUBRASIL a partir da preparação do Governo para a Copa de 2014. A campanha foi lançada em 2014 e visava atingir os brasileiros como público.
- 2) Mostraremos como a memória discursiva de *Iracema*, em contraste com os relatos do século XIX, atualiza-se em três campanhas realizadas pelo Governo Federal durante a pandemia de Covid-19. Trata-se do vídeo *Brazil You Want It! We Got It!* (26/03/2020). Esse material foi disponibilizado durante a campanha Viaje pelo Brasil e o vídeo da campanha Turismo em Natureza, lançado recentemente (14/07/2021). Na sequência, abordaremos o Projeto Descubra o Brasil e a partir dele analisaremos os sentidos coloniais da Carta de Caminha que se (re) atualizam sob a égide da hospitalidade.
- 3) Exporemos as contradições e as posições-sujeito do discurso sobre o turismo com enfoque no *corpus*, os comentários sobre a praia de Iracema no site Tripadvisor.

Propomos que o turismo é uma prática discursiva que se sustenta na produção de conhecimento sobre o espaço pelos processos de mundialização. Mais especificamente falamos de uma prática *sobre* que flerta com muitas outras, mas que se diferencia ao se formular, ao se fazer texto.

Enquanto discurso, o turismo funciona principalmente ao se institucionalizar em discursos como o da ONU (Organização das Nações Unidas) voltados para o mercado de trabalho, mas o nosso enfoque é a produção do conhecimento sobre o turismo nas propagandas institucionais e nas notícias que circulam pelo digital. Porém, antes de tudo, devemos considerar que todo dizer produzido no Brasil sobre turismo já é atravessado de algum modo pelo que é dito pela ONU e pelo Ministério de Turismo (MTur) no plano nacional. Algumas perspectivas distinguem o turismo de natureza do turismo cultural, por exemplo, mas não nos ateremos apenas a uma forma de classificação. Pelo contrário,

almejamos investigar o modo como natureza e cultura muitas vezes são colocadas como sinônimas e retornam como efeito da memória colonial, enquanto pré-construído do repetível em *Iracema*. Lembramos que tomamos por pré-construído a formulação de Paul Henry (2013), segundo a qual o autor explica que tudo o que se diz e o que se escuta é sempre atravessado por algo que já foi dito antes. Isto posto, esse autor diz também que o discurso não funciona isoladamente, uma vez que ele está sempre vinculado a outros discursos que se convocam e são convocados por sua materialidade.

As primeiras reflexões dessa pesquisa se fundamentam na busca pela compreensão das relações entre sujeito e memória, que tem estado no cerne das discussões de muitos autores. Especialmente no trabalho com história e memória, destacamos Jacques Le Goff e Régine Robin a fim de compreendermos um pouco do que já está sendo dito no que se refere ao assunto.

Com relação ao primeiro historiador, Le Goff (1990), interessa-nos, a título de curiosidade, a abordagem que esse autor faz sobre certas tendências para a ciência histórica, como o ressurgimento da história-testemunho pela retomada da noção de “retorno do evento”, de Nora. Ao passo que, na Análise de Discurso, trabalhamos com a noção de acontecimento, como o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17). Salientamos, com isso, que não falamos da mesma filiação teórica que Le Goff, de modo que adotamos diferentes formas de conceber a noção de história e memória, apesar de abordarmos um autor em comum, especificamente pela noção de “lugar de memória” proposta por Pierre Nora.

De outra perspectiva, inspiramo-nos em Robin, a fim de refletirmos sobre uma abordagem discursiva que não opõe história e memória, tampouco instrumentaliza literatura e identidade, ou pelo modo como a “história encontra na grande literatura a base que lhe seria necessária para a conquista do imaginário social” (ROBIN, 2016, p.69). O que nos conduz à discussão sobre o que poderíamos dizer a respeito de memória e literatura considerando o funcionamento da língua na história brasileira, isto é, pensando a língua enquanto base material para a produção dos sentidos.

Essa autora faz menção à coexistência de um tecido de memórias para abordar também o turismo, o qual se “apossa” da reutilização de lendas, estereótipos e clichês para vender um mito e até uma “autenticidade”.

Em síntese, falando sobre a saturação da obsessão moderna por um passado “autêntico” e pela busca incessante por uma identidade, interessa-nos, na abordagem de

Robin, o modo como essa historiadora concebe os discursos sobre a memória também ressignificados pela relação do historiador com o arquivo e sobretudo pelo esquecimento.

O verdadeiro esquecimento talvez não seja o vazio, mas o fato de imediatamente colocar uma coisa no lugar de outra, em um lugar já habitado, de um antigo monumento, de um antigo texto, de antigo nome. Ou ainda voltar atrás passando por cima de um passado ⁶recente, obliterado em favor de um mais antigo (ROBIN, 2016, p. 93).

A pausa para citarmos os trabalhos desses historiadores serve ainda para salientarmos que também nós poderíamos ter percorrido muitos outros percursos para essa pesquisa, mesmo que pela perspectiva do sujeito clivado da Análise de Discurso (AD).

Essa pesquisa vai enfocar, contudo, a relação da memória com os seus espaços saturados e também esburacados pelo funcionamento do interdiscurso no intradiscurso tanto no discurso literário quanto no discurso sobre o turismo.

Levamos em conta que ambos se relacionam com o modo como a memória pode ser compreendida no entrecruzamento da “memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p.50).

Já que, pela Análise de Discurso, não falamos do acontecimento enquanto um ponto de origem na história, destacamos dois aspectos que atuam no constante jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento:

- 1- Um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;
- 2- Mas também, ao contrário o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos implícitos (PÊCHEUX, 1999, p.53).

À luz da discussão entre memória e acontecimento desenvolvida por Courtine (2009) e Pêcheux (1999), não acreditamos que pelo modo de representação do índio e do colonizador em *Iracema* e do brasileiro e do consumidor no turismo haja uma ruptura entre o mítico, o social e a construção do historiador pela forma em que a memória do discurso que analisamos se textualiza e se significa na sociedade.

Nesse sentido, trataremos ainda da distinção entre acontecimento histórico (um ponto de origem como datas comemorativas), acontecimento enunciativo e acontecimento discursivo à medida que iniciarmos as análises do *corpus*. Com base na noção de Pêcheux (1999), Indursky (2008) afirma que o *acontecimento discursivo* não

⁶ Essa relação posta como natural entre um passado mais antigo como legitimador de um fato ou uma data será analisada no *corpus*, com o terceiro capítulo.

surge de forma espontânea nem indefinidamente, pois para que ele ocorra é preciso que haja um domínio de saber já existente com o qual se estabelece uma relação de ruptura. Com relação ao acontecimento enunciativo, há uma contraidentificação à posição-sujeito dominante de uma FD. A autora exemplifica da seguinte forma:

O acontecimento discursivo é de natureza diversa do acontecimento enunciativo: enquanto, no acontecimento discursivo, ocorre uma desidentificação com a forma-sujeito, a qual está na origem da ruptura com a referida forma-sujeito, no acontecimento enunciativo, estamos diante de uma contra-identificação com a posição-sujeito dominante, a qual está na origem do afrontamento com os saberes que emanam desta posição-sujeito dominante no interior de uma formação discursiva. No primeiro caso, ocorre antagonismo e ruptura. No segundo caso, afrontamento com fragmentação da forma-sujeito. No primeiro caso, tais saberes são excludentes. No segundo caso, estes saberes convivem, embora de forma conflitante e tensa. No primeiro caso, estamos face a diferenças que decorrem do trabalho da/na forma-sujeito como um todo. No segundo caso, estamos face a divergências decorrentes do trabalho da/na posição-sujeito dominante e instauração do estranhamento no interior da FD (INDURSKY, 2008, s/ p).

Retomando, a proposta de articular o turístico com o literário consiste em estabelecermos *Iracema* como lugar de memória. Ao deslocarmos a noção de Nora, podemos compreender as condições de produção em que *Iracema* ganha corpo, isto é, produz sentidos e se faz texto em distintas materialidades discursivas, bem como as condições de produção em que o discurso sobre o turismo aparece e circula pelo digital.

Tal articulação, a nosso ver, demanda uma rearticulação do que Pêcheux nomeou como o divórcio entre duas culturas desde a Era Clássica, isto é, “o divórcio cultural entre o literário e o científico a respeito da leitura de arquivo não é um simples acidente: esta oposição recobre (**mascarando essa leitura de arquivos**) uma divisão social do trabalho de leitura” (PÊCHEUX, 2010, p.52, grifos nossos). Já dissemos isso, mas reiteramos que é da ordem do sujeito (de sua constituição não-subjetiva, da falha, do equívoco, de sua inscrição na história) sustentar ou deslocar certas leituras, incluindo a sustentação pelos gestos anônimos de uma abordagem literal do arquivo, no caso, de tais interpretações.

Orlandi (2011) explica que essa divisão do trabalho da leitura em torno da cisão entre as culturas, a literária e a científica, pode ser ressignificada como o literário enquanto o interpretável e o científico, como o objetivo, o logicamente estável. Em nossa análise, também não propomos uma abordagem estanque entre essas duas culturas, mas justamente um atravessamento entre elas que vai constituindo o objeto Brasil simultaneamente ao gesto analítico.

Parafrazeando Pêcheux (2010), o trabalho de produção dos conhecimentos científicos é uma luta e não o desenvolvimento harmonioso e linear que o racionalismo clássico atribui à ciência. Sendo assim, pelo real da interpretação, não negamos a demanda vertiginosa pela produção de arquivos sobre um objeto de conhecimento e, mais que a demanda, o efeito do político na disputa entre o que seriam arquivos mais ou menos legítimos. No caso da nossa pesquisa, isso se evidencia nos modos de ler os arquivos produzidos sobre o Brasil no turismo e que instituem a autenticidade de um lugar a ser interpretado como visitável, que valha a pena ser conhecido e usufruído por quem vem de fora.

Se para Nora ([1984] 1993), os lugares da memória nascem de um sentimento da necessidade de criar arquivos, pela Análise de Discurso, não falamos em “sentir”, mas em sentidos, nos efeitos de sentidos que se estabelecem numa relação de incompletude com os modos de ler o arquivo pelo sujeito que se constitui pelo funcionamento da ideologia e do inconsciente. Sendo que o indivíduo é interpelado em sujeito pelo efeito de sujeito, pelo efeito ideológico de completude, já que nesse processo o esquecimento é estruturante. Pêcheux ([1975] 1995) define duas formas de esquecimento: o esquecimento número 2 (ordem da enunciação) que consiste na ilusão de que todo dizer só pode ser assim, sendo que os dizeres se desdobram em redes parafrásticas que indicam que os sentidos sempre podem ser outros. Quanto ao esquecimento número 1 (ordem ideológica), relaciona-se com a ilusão de o sujeito ser a origem do seu dizer. Por isso, ao falarmos, esquecemos que o nosso dizer sempre pode ser outro e um discurso só se constitui pela disputa nas filiações dos sentidos que se dão na relação do esquecimento com outros.

Assim, compreendemos que a memória não é espontânea e concordamos com Nora ([1984] 1993) em pensar “os restos” que a constitui, mas pela perspectiva discursiva, a qual traz à tona diferentes naturezas de memória. E os restos, os resíduos de memória são ressignificados quando colocamos em foco o esquecimento nos fatos discursivos.

A memória discursiva tem um papel fundamental nesse trabalho não apenas enquanto objeto de pesquisa, mas como parte constitutiva do procedimento de análise, como princípio organizador do *corpus*, para tanto, as noções de memória e identidade⁷ caminharão conosco, lado a lado, em todo o processo de escrita da dissertação.

⁷ Identidade ressignificada por Orlandi (2013, 2017) como parte do processo discursivo.

Convém salientar que a noção de memória discursiva introduzida por Courtine (2009) mantém um trajeto relacionado não apenas ao contexto histórico, mas ao que pode ser dito numa FD. Especificamente no caso dessa pesquisa, trata-se do que pode ser dito na FD turística dominante sobre a identidade que vincula o povo brasileiro à natureza, num encontro de uma contradição constitutiva do simbólico entre uma espécie de (in)junção da imagem do brasileiro “bom”, “ideal” para o turista à imagem do brasileiro patriota/nacionalista ideal. Compreendemos que a partir disso resulta uma determinada assepsia para a representação de Brasil e de povo brasileiro como um todo homogêneo idealizado, contraditoriamente imerso, mas que se quer “livre” dos ruídos da sociedade capitalista.

Ressaltamos, porém, que o que se repete nessas duas “representações” do brasileiro nunca é o mesmo. Isto posto, para a construção do *corpus*, consideramos a opacidade da língua e do arquivo, este último, em diversas condições de produção e seguimos o procedimento temático adotado por Guilhaumou & Maldidier (2016). Para esses autores, a noção de tema não se refere à noção dos literatos nem à dos linguistas. Eles distinguem, assim:

um horizonte de expectativa - o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada - e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades- estando o tema inscrito em posição referencial (...). A análise de um trajeto temático tem como fundamento o conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos da linguagem e, antes de tudo, **coloca em destaque o novo na repetição**. Essa proposta de análise ultrapassa os limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os passos daquilo que produz o acontecimento na linguagem.
(GUILHAUMOU & MALDIDIER, 2016, p.118, grifos nossos)

Partindo da formulação dos autores supracitados, destacamos que o nosso tema de pesquisa se trata da brasilidade que se constitui no imaginário da literatura e circula no discurso sobre o turismo.

Nesse sentido, consideramos a escolha do nosso tema como uma possibilidade de análise do acontecimento pelos procedimentos parafrásticos e pelo papel da memória discursiva na textualização do verbal e do não-verbal nos processos de significação de Brasil e turismo na história. Só assim podemos desnaturalizar a relação entre o leitor/turista e os sentidos cristalizados em uma dada formação discursiva sobre o turismo.

Pela memória histórica em *Iracema*, tratamos não apenas de repetições, mas de uma substituição de Martim, aquele que representa o colonizador, pelo sujeito do

cotidiano, o turista-consumidor. O que se mantém, no entanto, são os embates entre o estrangeiro e o morador local, os sentidos que atribuímos ao internacional e ao nacional.

Nesse texto, tomaremos o acontecimento não apenas como uma grande ruptura para um saber que se filia a uma nova Formação Discursiva, mas como uma possibilidade de um acontecimento teórico pelo efeito de retorno, conforme temos abordado.

Observemos que Pêcheux (2016) se refere ao acontecimento discursivo ainda como algo que “perturba o quadro, inquietando as posições estabelecidas e deslocando as linhas de clivagem” (p.27). Trata-se de “um encontro com o outro, no interior de um dispositivo em que a reprodução do mesmo parece estender-se aos limites da reprodução” (PÊCHEUX, 2016, p. 27). Portanto, quando citamos Nunes, na Introdução deste trabalho, e falamos que o nosso texto não está fora do “acontecimento a ler o outro” (NUNES, 1992, p. 29) nos referimos também a Pêcheux, visto que para esse autor

o efeito discursivo da análise de discurso tem uma chance de encontrar a história: produzindo o acontecimento não como emanção do sujeito pleno – disputando com outros sujeitos (jurídicos, políticos ou universitários...) o direito à fala – mas como a construção de um efeito de retorno repercutindo aquilo que trabalha às margens dos discursos. (PÊCHEUX, 2016, p. 27-28).

O que nos interessa sobre aquilo que retorna “pelas bordas” é o que circula, mesmo que anonimamente, pois, segundo Pêcheux, “as circulações discursivas nunca são aleatórias, porque o “não importa quê” não é nunca não importa quê?, mas aquilo que, em um momento dado, irrompe no espaço da repetição discursiva” (PÊCHEUX, 2016, p.28).

Outrossim, levamos em conta o efeito de completude na posição-sujeito turista, o qual é interpelado pelo que retorna do colonial nas relações já-postas, mas que embora se apresentem assim, não são transparentes tampouco lineares, tanto entre turistas estrangeiros e brasileiros quanto entre turistas brasileiros com os brasileiros outros.

Destacamos, com isso, que nosso interesse pelo cotidiano parte da leitura de Pêcheux (2008) que aproxima o conhecimento científico da escuta das circulações cotidianas, na emergência de se questionar o “mundo semanticamente normal” que trata de uma relação transparente entre o homem, a linguagem e o mundo. Pela perspectiva discursiva, problematiza-se as relações já sempre postas sobre o objeto, pois é na relação entre sujeito, linguagem e sociedade materialmente ligada à ideologia que se constitui a mediação do imaginário entre o sujeito e as coisas do mundo.

Com base nisso, trataremos das campanhas e da publicidade do MTur do Governo Federal enquanto partes constitutivas das condições de produção para a construção de um objeto e análise do *corpus*, especificamente dos comentários do site Tripadvisor sobre a praia de Iracema.

Quanto ao romance *Iracema*, reiteramos que vamos abordá-lo discursivamente. Não negamos a forma material em que ele se faz texto e produz sentidos para o campo da Literatura, mas daremos ênfase ao modo como *Iracema* se constitui um lugar de memória para o turismo, ou seja, um outro lugar de interpretação e circulação do científico e do cotidiano. Nesse caso, afirmamos que no discurso sobre o turismo, falamos de um saber que não se ensina nem se aprende, mas que topa com o real, seja quando arrumamos as malas para ir viajar ou já na escolha do nosso destino turístico e que quando se trata de Brasil há determinadas regularidades que nos afetam enquanto brasileiros.

Para compreendermos de outro modo, trata-se da necessidade do saber que, conforme Orlandi (2001), constitui a forma-sujeito histórica na sociedade atual e é materializado pelos modos de circulação nas novas tecnologias da linguagem.

Assim, entendemos o turismo como uma outra possibilidade de articulação discursiva do repetível em *Iracema*, espaço em que a memória se esburaca antes de desdobrar-se em paráfrase.

É nesse sentido que recortamos a produção de um dado arquivo sobre o Brasil no turismo, isto é, observaremos os modos como o Brasil vem se textualizando no turismo pelo digital.

Definimos ainda a materialidade do arquivo como “aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro, que faz com que ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade” (DIAS, 2016, p.973). A autora destaca ainda as condições de produção na determinação do recorte, por isso, partimos de uma reflexão sobre a materialidade “enquanto nível de existência socio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as mentalidades de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos em uma conjuntura histórica dada” (PÊCHEUX, [1984] 2015, p 151-152). Dias (2016) salienta, contudo, que a materialidade do arquivo pode ser outros elementos que não a palavra, como imagens, cores, letras etc.

Desse modo, a compreensão da diversidade dos elementos da materialidade do arquivo é imprescindível para analisarmos a heterogeneidade do *corpus* e encontrarmos

determinadas regularidades que, a nosso ver, ainda atualizam uma memória colonial sobre o Brasil.

Do lado da literatura, Fragoso (2001) afirma que o autor romântico não instaura discursividade, mas sim um lugar de interpretação que se distinguia do lugar até então instituído pelo colonizador. Sobre a posição-sujeito, Fragoso (2001) diz que o autor brasileiro assumia uma posição de intérprete da língua para o brasileiro.

Há, contudo, que se considerar que o lugar instituído pelo autor romântico para a mulher indígena reproduz a regularidade da assepsia, isto é, pela literatura, muitas vezes funcionam outros discursos que idealizam de modo higienista, pela perspectiva europeia, os corpos dos heróis nacionais. Adiantamos que é nessa passagem do corpo da mulher objeto, naturalizada pelo romantismo, que acreditamos funcionar o movimento de deriva que nomeia a mulher indígena Iracema para a nomeação de um espaço igualmente idealizado hoje, a Praia de Iracema.

Aproximamos, assim, a questão da identidade com a língua e a literatura nacional, pois embora não seja o foco dessa pesquisa, convém mencionarmos que ao interpretar uma língua pelos sentidos do romântico, Alencar também interpretava um “pensamento” que se constituía simultaneamente à língua e à identidade nacional. A nosso ver, o que é válido para se observar, nesta pesquisa, é que o gesto do autor romântico instituía um arquivo sobre a língua e o povo brasileiro, assim como analisaremos⁸ o lugar de interpretação para o brasileiro instaurado pela autoria da Carta de Caminha no período colonial.

Apesar das dificuldades de lidarmos com os desdobramentos do *corpus* até mesmo pela heterogeneidade das formações discursivas que atravessam o discurso sobre o turismo, delimitamos o foco em torno do que se mantém e do que se transforma ao analisarmos o objeto Brasil. Adiantamos que longe de falarmos sobre rupturas, como já dissemos, acreditamos numa continuidade entre o colonial, o romântico e o turístico ainda que, em nossas análises, possamos buscar outros lugares que possibilitem dar uma sacudida nas fileiras dos sentidos já cristalizados.

1.3- Condições de produção

1.3.1- Uma abordagem discursiva sobre lenda e identidade em Iracema

⁸ No segundo capítulo, faremos uma abordagem discursiva sobre o contexto histórico da Carta de Caminha com base no livro *Dicionários no Brasil - Análise e História do Século XVI ao XIX* (2006), de José Horta Nunes.

Para tratarmos da questão da identidade, mobilizamos ainda alguns aspectos do tema da brasilidade no turismo como domínio de memória, consoante Courtine (2009), em prol da sistematização de uma regularidade para os enunciados referentes ao objeto de estudo: o discurso sobre o Brasil e o brasileiro no turismo. Assim como direcionamos os holofotes para a constituição do *corpus* em torno de alguns discursos fundadores, especialmente do recorte na Carta de Caminha “em se plantando tudo dá” (ORLANDI, 1993). Entretanto, não trabalharemos com a noção de sequência discursiva, mas abordaremos a noção de recorte, desenvolvida por Orlandi (1984), para tratarmos das unidades discursivas que compõem o *corpus* em análise.

Para tanto, mobilizamos alguns elementos da noção de Formação Discursiva em Courtine (2009), Pêcheux e Indursky, a fim de pensarmos sobre os deslocamentos para a noção de identidade em Zoppi- Fontana (2003) e, finalmente, em Orlandi (2011,2017), a que será recorrente neste texto.

Courtine fala de uma rede de difusão dos discursos que “regula a circulação das formulações no interior da FD e a troca das formulações com o exterior da FD: o trabalho de uma FD como memória discursiva deverá necessariamente levar em conta as condições de difusão e de circulação do arquivo” (COURTINE, 2009, p. 131-132).

Essa rede de difusão da qual fala Courtine pode ser pensada como as trocas entre os discursos heterogêneos e práticas sociais, mas que nos interessam enquanto as possibilidades de trocas entre FD heterogêneas.

Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2015, p. 158).

Nesse ponto, para pensarmos no que diz respeito aos deslocamentos dos saberes entre as Formações Discursivas, partimos para Indursky (2007), a fim de endossar que não nos convém teoricamente analisar uma FD fechada e homogênea. A autora observa o efeito de fechamento de uma FD como algo necessário para o analista, por isso, abordamos constantemente a questão de uma FD dominante, nesse trabalho, mas sempre em relação a outra (s) à medida que se institui o gesto de interpretação do pesquisador.

E o que produz este fechamento é o princípio organizador preconizado pela teoria, a ideologia, que não pode mais ser entendida como um discurso para cada um. É necessário levar em conta que é do encontro entre sujeito, história e linguagem que vai ser possível estabelecer as

diferentes posições-sujeito e inscrevê-las no interior de uma ou mais FD (INDURSKY, 2007, s/p).

É nesse sentido de buscar um efeito de fechamento que delinearemos os contornos das FDs dominantes com as quais os sujeitos se identificam e que são mobilizadas pelo *corpus* nas avaliações do site Tripadvisor, no próximo capítulo, e a partir disso efetuaremos nossas análises, pois, conforme a autora supracitada, devemos lutar pela noção de Formação discursiva (FD):

Mas, para tanto, é preciso que se entenda que, a um só tempo, ela está submetida ao princípio organizador que é a ideologia, e que esta é uma unidade dividida em relação a si própria; portanto, não é possível cristalizar a FD; desde que a FD não se converta em um colete rígido que impeça a fragmentação da forma-sujeito; desde que lembremos constantemente que não há ritual sem falhas e que esta falha permite que novos saberes podem inscrever-se, obedecendo ao princípio da transformação; desde que saibamos que esta falha no ritual conduz o sujeito do discurso a apropriar-se de saberes alheios e inseri-los no âmbito de uma FD (INDURSKY, 2007, s/p).

Essa autora destaca ainda uma dificuldade com a qual temos que lidar na elaboração dessa pesquisa no que tange à memória e identidade, que é o trabalho com a diferença, pois é a diferença

que mostra que a FD, e não apenas o discurso, é lugar de tensão e não apenas de segurança. Expulsar a diferença, a divergência, enfim a alteridade e a contradição que ela introduz, consiste em trabalhar com universos logicamente estabilizados. **Para continuar trabalhando com a noção de FD é preciso suportar e expor-se à diferença** (INDURSKY, 2007, s/p grifos nossos).

Conforme Zoppi-Fontana (2003), a identidade se constitui como feixe provisório de processos de identificação. São as posições de sujeito delimitadas no interdiscurso pelo movimento sem fim das formações discursivas na história que produzem tanto o efeito de estabilidade referencial quanto os deslocamentos para o referencial. Essa relação estabelecida de identidade, pela mencionada autora, aproxima-se do modo como buscamos abordar os processos de identificação nessa pesquisa, levando em conta um fluxo de elementos que podem convergir, mas também divergir entre si embora estejam “amarrados” a algo em comum, a certas regularidades que só são possíveis pelo funcionamento da memória discursiva. Por isso, buscamos identificar tais regularidades constitutivas do que chamamos brasilidade pelo recorte da formação discursiva e da posição-sujeito mediante algumas designações como **natureza, hospitalidade e**

patriotismo, as quais se repetem nas materialidades dos textos a serem analisados, seja por processos parafrásticos ou de substituição.

Petri (2004), por sua vez, estabelece o seguinte contraponto entre identidade e alteridade. Quando o referente é mantido, mas ocorrem transformações nos efeitos de sentidos atribuídos ao referencial, as relações de identidade passam a ser consideradas de alteridade.

Nesse trabalho, podemos considerar tais relações com a brasilidade dos seguintes modos: a) as regularidades na relação de identidade e alteridade de brasileiro para estrangeiro (especialmente pelas propagandas políticas); b) as regularidades e contradições na produção do discurso sobre o turismo nacional na relação de alteridade de brasileiro para brasileiro (especialmente pelas propagandas políticas e das mídias, como a hashtag *partiubrasil* e a Campanha Descubra o Brasil); c) as regularidades na relação de identidade e alteridade do estrangeiro para o estrangeiro, ao analisarmos a Carta de Caminha e os relatos naturalistas de Florence e ainda do estrangeiro para o brasileiro ao mencionarmos o conhecimento produzido sobre o país e a língua no século XVI.

Para o propósito dessa análise, vincularemos o modo como Orlandi (2017) relaciona identidade e lenda a fim de posteriormente discutirmos a lenda de José de Alencar. Parafraseando a autora, a lenda geralmente traz um fundo de verdade “e são histórias fantásticas que têm uma origem histórica, construindo personagens que se apresentam como sobrenaturais” (ORLANDI, 2017, p.31). Para diferentes teóricos, porém, “o que faz diferir o mito (deuses) da lenda é que no mito a história é verdadeira, e na lenda (homens) é falsa” (p.31). Em todo o caso, para a AD, não interessa buscar a verdadeira história que estaria por trás da lenda.

Para os nossos objetivos, julgamos que a narratividade de *Iracema* se aproxima mais da noção de lenda. Buscamos observar, com isso, como a narratividade dessa lenda urbana, ao dizer de um determinado modo sobre a fundação do Ceará e do nascimento do primeiro brasileiro, traz outros desdobramentos para o discurso fundador da Carta de Caminha e se metaforiza no turístico. Analisaremos a especificidade dessa lenda, como o gesto de autoria, visto que geralmente, nas lendas, não se tem a assinatura de um autor. Sendo assim, propomos que o gesto de autoria do escritor romântico é justamente o que vai fazer *Iracema* circular de maneira distinta, ao ser discursivizada pelo literário romântico, ela também textualiza uma memória comum que se inscreve em determinadas

condições de produção, bem como numa prática nacionalista inscrita nas condições de produção vinculadas aos processos de formação dos Estados Nacionais no século XIX.

Assim, a organização textual não “reflete visões de mundo” de uma época, mas permite ao analista observar os vestígios da prática de significação do autor, no caso a prática de José de Alencar de modo que também se faz necessária a prática do analista, o qual é interpelado pela ideologia.

A ênfase que daremos para a função autor e o efeito leitor, nesse item, será para compreendermos mais adiante a relevância de uma autoria “consagrada” e legitimada como a de José de Alencar para a prática discursiva do turismo.

Com relação à prática de Alencar, enquanto autor romântico, convém expormos a priori o que compreendemos por discursividade e qual relação ela pode estabelecer com o autor.

Com base na reflexão de Barthes (2004) “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do autor” (p.64). O autor aqui já será cotejado como um deslocamento de sua totalidade de “pai da obra”. Para Barthes (2004), o texto é resultante de escritas múltiplas e seu movimento constitutivo não está centrado no autor, mas na travessia.

Assim também podemos pensar que a discursividade não existe no singular, mas está em relação a discursividades outras, e que aponta para uma ideia de não-fixismo, de passagem do irrealizado para o sentido possível, isto é, como a definiu Pêcheux, de “efeito da língua sujeita a falha que se inscreve na história” (GADET; PÊCHEUX, 2010, p.8).

Parafraseando Orlandi (2001), compreendemos a discursividade como uma forma material que se projeta no texto, o qual consiste em unidade empírica e heterogênea.

Com base nisso, problematizamos o artigo de Bosco (2009) filiado à perspectiva foucaultiana e que mobiliza conceitos como a função-autor para compreender a discursividade literária:

Pensar a enunciação literária implica o movimento estético de um sujeito com a palavra. O texto literário leva sua função- autor a um traspasar entre a história, os saberes e os desejos de poderes. A autoria, portanto, no texto literário, transcende o ato de enunciar, porque ocupa uma posição de singularidade de dizeres sobre um dado recorte do mundo (BOSCO, 2009, p. 160).

Bosco (2009) parte da noção de função-autor filiada a Foucault, o qual não compreende o autor como quem fala ou escreve, mas como o “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2010, p.26)

Fragoso (2001), por sua vez, recorre ao imaginário para problematizar a função do autor com relação à língua e à literatura nacional, ao afirmar que o autor romântico criava o imaginário de uma língua escrita nacional. “Ele estava no lugar de quem interpretava (descrevia) esta língua para o brasileiro, ou seja, ele instituía uma certa interpretação/ leitura para esta língua (escrita) nacional” (FRAGOSO, 2001, p.52).

Sobre a posição-sujeito, esse pesquisador diz que o autor brasileiro assumia uma posição de intérprete da língua para o brasileiro:

O autor romântico (o literato) colocava-se na posição de quem produzia uma leitura da língua nacional para o brasileiro. Ele instituía uma maneira de se escrever (e de se olhar para) esta língua nacional. Estamos afirmando, de um modo geral, que a literatura romântica se configurava como uma prática escrita (legítima) da língua nacional; ela tornava-se o modelo dessa nacional escrita. Enfim, a literatura romântica estava ligada à constituição (e instituição) de uma língua nacional escrita. Ela configurava uma escritura interpretativa dessa língua. Ela constituiu um domínio onde a língua escrita nacional tornava-se visível, representável e passível de descrição/interpretação (FRAGOSO, 2001, p.52)

Ademais, observamos o deslocamento que Orlandi (2006) propõe para a noção foucaultiana de função autor para a função discursiva autor, levando em conta o sujeito e as condições de produção. Segundo essa autora, “o discurso está para o texto assim como o sujeito está para o autor” (p.23). Apesar de Foucault já problematizar a individualidade do autor e a relação da autoria com a unidade da obra, é com Orlandi (2006) que veremos uma conexão entre unidade e dispersão do seguinte modo: “De um lado, a dispersão do discurso e do sujeito, de outro, a unidade imaginária do texto e do autor” (p.23).

Orlandi (2012) propõe ainda hierarquizar a função autor junto a outras formas de representação do sujeito em direção ao social da seguinte forma: locutor, enunciador e, por último, autor.

Por essa perspectiva, a função-autor não traspasa a história nem os saberes ou desejos de poderes, mas o sujeito se inscreve na história e no texto que produz, sendo que:

o autor é a função que o *eu* assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições (ORLANDI, 2012, p.103).

Em suma, a autora supracitada diz que:

o autor, embora não instaure discursividade (como o autor original de Foucault) produz, no entanto, um lugar de interpretação no meio de outros. Esta é sua particularidade. O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer. Porque assume sua posição de autor, ele produz

um evento interpretativo. O que só repete (exercício mnemônico) não o faz (ORLANDI, 2006, p.24).

Em síntese, o que nos interessa é observar como José de Alencar, que ocupa uma posição de autor romântico, ao enunciar, realiza um dado recorte do mundo. Ao recortar o referente Brasil de um determinado modo, pela escrita de uma lenda, Alencar produzia determinados sentidos para o país e a natureza brasileira, enquanto que simultaneamente, excluía outros sentidos para o mesmo objeto. O imaginário de unidade produzido pelos sentidos da lenda pelo “popular”, de uma língua fluida, homogênea e nacional, mediava as relações do brasileiro com o espaço (pelo recorte da natureza), o qual era interpretado à semelhança da língua, de forma subjetiva e natural.

Conforme Teixeira (2019) o sujeito-autor é interpelado pela ideologia ao representar, ficcionalizar e ao narrar, por isso, José de Alencar se inscreve nas formações discursivas possíveis da época em que viveu e assume uma posição que ora se identifica com a reprodução de discursos coloniais, ora se contraidentifica com alguns desses discursos. O que não percebemos, contudo, é um gesto de ruptura com o discurso colonial pelo gesto interpretativo desse autor romântico. Podemos dizer que há novidades no dizer de Alencar, especialmente ao analisarmos a textualidade romântica pela perspectiva da AD em articulação com a História das ideias linguísticas. O novo, nesse caso, parte da paráfrase, mas não deixa de produzir os seus efeitos observáveis no conjunto estético tanto na forma de *Iracema* ou nos dados linguísticos como os glossários nas notas de rodapé. No entanto, sem reduzirmos nossa análise a esses dados, uma vez que as palavras só significam porque estão inscritas em determinadas formações discursivas, observamos que não há desidentificação de Alencar à FD colonial tampouco uma filiação a uma FD de resistência ao silenciamento do índio, por exemplo.

No caso de *Iracema*, o sujeito autor recria o real com base numa lenda que idealiza a “descoberta” do Brasil e romantiza a relação entre portugueses e índios pela unidade do imaginário cristão. Mas há ainda uma contraidentificação à idealização pacífica da colonização, visto que a protagonista, Iracema, mulher indígena, não consegue sobreviver ou ter um final feliz com o homem branco. Ou seja, a sociedade que se constitui pelo processo de colonização é marcada pelo não-lugar da mulher indígena ao mesmo tempo que sobrepõe o português e sua descendência, endossando o imaginário romântico do desaparecimento dos povos indígenas.

É por esse viés que também nos inquietamos com a questão do leitor no processo de produção da leitura sobre um determinado texto, especialmente sobre *Iracema*.

Ao pensarmos a relação do leitor com o texto e a interpretação pela perspectiva da teoria do discurso, outro questionamento pode se colocar. Afinal, por que interpretamos x e não y? Ou por que somos afetados por determinados sentidos e não outros ao lermos um romance?

Segundo Orlandi (2013), a AD possibilita escutas para uma leitura que é produzida sobre esse saber que não se ensina tampouco se aprende, mas que produz os seus efeitos e nos coloca no jogo da língua e do equívoco, os quais constituem nossas relações com a história e o acaso.

São essas relações de sentidos que vão se constituindo sem um ponto de origem e nos constituem ao mesmo tempo enquanto sujeitos. É pela opacidade da leitura que se constitui o sujeito-leitor.

Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras. (ORLANDI, 2013, p.34)

Nesse sentido, para Foucault, a função-autor é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, p. 274, 2009). Já Orlandi (2017) propõe pensar a posição autor relacionada ao efeito leitor, voltando-se para a questão de como o autor produz práticas de significações e como esse processo não se limita a determinados textos nem à produção de uma obra.

Compreendemos ainda que pelo efeito-leitor há diferentes modos de funcionamento das práticas de circulação do conhecimento, pois o sujeito leitor se apresenta como um sujeito social. Se, para Orlandi (2001), a ciência se representa necessariamente na exterioridade que se faz pela construção do sujeito-leitor de ciência, convém indagarmos como se representa o sujeito-leitor de literatura no século XIX e como se representa o sujeito-leitor de mídia digital.

Com base nisso, antes de compreendermos como o turista enquanto sujeito-leitor de mídia digital ocupa uma posição distinta, mas que não é indiferente à do leitor do século XIX, voltemos à textualidade de *Iracema*.

Para desenvolvermos a discussão sobre o efeito-leitor⁹ e a literatura, destacamos palavras como “filho” e “patrícios” na Carta que Alencar escreve para iniciar o romance *Iracema*, dedicada a um amigo, o Dr. Jaguaribe:

Recorte 1 - Mas assim mandado por um **filho** ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desafeição, qual sorte será a do livro?
O nome de outros **filhos** enobrece nossa província na política e na ciência; entre eles o meu, hoje apagado...
Acolha, pois, a primeira mostra e ofereça a nossos **patrícios** a quem é dedicada.
Rio de Janeiro — maio de 1865. J. DE ALENCAR.

Salientamos que tomamos a palavra enquanto vestígio de discursividade de modo que a palavra também pode significar pelo silêncio ou pelo silenciamento de tantas outras que poderiam “ocupar” o seu lugar em remissão à formação discursiva.

Com base no recorte acima, citamos Orlandi (2001) para introduzirmos a reflexão sobre o efeito de unidade do sentido lido num texto e o efeito-leitor:

de um lado a função-autor como unidade de sentido formulado, em função e uma imagem de leitor virtual, temos, de outro, o efeito leitor como unidade (imaginária) de um sentido lido. Tanto a função autor como o efeito leitor atestam que no discurso o que existem são efeitos de sentidos variados, dispersos, descontínuos, sendo sua unidade construção imaginária (onde intervém a ideologia e o inconsciente) (ORLANDI, 2001, p. 65-66).

Em suma, no efeito leitor “aparecem os movimentos de entrega e de recusa à materialidade do texto face à memória e as condições de produção de todo discurso” (ORLANDI, 2001, p. 66), por isso, não falamos de um leitor passivo nem totalmente consciente no seu gesto de interpretar.

Mas quando pensamos na leitura de *Iracema*, de quais modos seriam possíveis interferir, como propõe Orlandi (1988), na imagem que o leitor faz do referente? No caso, na imagem que o leitor faz desse objeto de conhecimento? Como leitor também podemos considerar o professor e o aluno, visto que *Iracema* faz parte de uma leitura canônica cobrada em listas de vestibulares e nos planos de ensino de literatura brasileira de Ensino Médio e em alguns cursos de Ensino Superior.

⁹ que terá continuidade nas análises dos próximos capítulos.

Como exemplo disso, analisamos uma biografia de José de Alencar disponível no portal do MEC, a qual parece ressaltar determinados sentidos formulados para/por esse autor no gesto da literatura nacional:

Recorte 2 - José Martiniano de Alencar nasceu no estado do Ceará, na cidade de Mecejana, em 1º de maio de 1829. (...) Em 1854, já assinava uma coluna no jornal “Correio Mercantil”, denominada “ Ao correr da pena”. Transferiu-se, tempos depois, para o “ Diário do Rio de Janeiro” e, a fim de aumentar as vendas desse jornal, escrevia folhetins diários. Nesse mesmo jornal, José de Alencar travou algumas polêmicas com o imperador Dom Pedro II, criando uma inimizade entre eles, o que prejudicaria sua futura vida política, iniciada em 1860, ano em que se elegeu deputado. **Sempre se manteve na vida política, porém foi fiel às suas atividades jornalísticas e literárias.** Faleceu em dezembro de 1877, aos 48 de idade e **nos deixou como legado o mapa completo do Brasil, no correr de sua pena.**

Disponível em

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/Caderno%20Guarani.pdf>>

Acesso em: 11 nov. 2015

Com os dois recortes, buscamos observar que na sociedade da escrita, mesmo o não alfabetizado é significado, ainda que denominado selvagem. No primeiro recorte, identificamos o público leitor de *Iracema*, a quem Alencar destina o romance, aos cidadãos “filhos” da província, seus semelhantes: os **patrícios**. Contudo, não nos limitamos ao leitor empírico, pois o que se faz evidente na carta é apenas uma superfície de um processo mais amplo de formação do leitor no Brasil, um leitor que não se constitui num lugar de reflexão, mas pelos sentidos do sentimento “filial”. Ao evocar uma leitura que não inclui o negro numa lenda que fala da fundação de um estado, simbolizando o próprio Brasil, o autor também se mantém na evidência do mito da miscigenação e da relevância apenas de brancos e índios para a história. Mas o índio também não é considerado, tem-se um índio idealizado, portanto, apagado, “fora” da história, limitado ao passado (a um sentimento nostálgico). E, como já dissemos, a mulher indígena parece estar ainda mais distante do que se lê e de quem poderia ler e se identificar com a *Iracema* de José de Alencar.

No segundo recorte, há um reforço das qualidades intelectuais de Alencar e podemos analisar um deslize de “foi fiel às suas atividades jornalísticas e literárias” à fidelidade do autor com relação à pátria, isto é, o que circula sobre Alencar nos materiais didáticos e no site oficial de Educação (MEC) é a sua competência em aliar o sentimento,

o patriotismo - atravessado pelo cristianismo -, daquilo que é bom ao conhecimento sobre o Brasil e o povo brasileiro.

Podemos considerar que a função discursiva de autor e o efeito-leitor não estão fora da narratividade da lenda. De acordo com Orlandi (2017), tomamos por narratividade o modo como a memória se diz ou por um elemento constitutivo do funcionamento da memória, logo, dos sentidos e dos sujeitos em qualquer forma e funcionamento de discurso. O que nos provoca a pensar como a memória colonial se diz no entrecruzamento da narratividade literária em *Iracema* com a narratividade turística nos recortes do nosso *corpus*. Ademais, a narratividade está presente na passagem da narrativa para a descrição, da Carta de Caminha para os relatos naturalistas e a lenda de *Iracema* no século XIX, respectivamente, conforme veremos no segundo capítulo.

Orlandi (2017) fala dos processos identitários na relação da individuação dos sujeitos com o espaço, o acontecimento e a memória pensando nos espaços de interpretação determinados, isto é, em

espaços que configuram sua inscrição nas formações discursivas em sua tópica, que ali se constituem, marcando o sujeito naquele espaço em sua historicidade. A narratividade como o modo de trânsito por este espaço constitui um enquadramento com sua forma material e significância (ORLANDI, 2017, p.31).

É nesse sentido que propomos uma semelhança entre a narratividade da lenda no literário a qual idealiza uma identidade em comum que conecta os sujeitos ao espaço e a narratividade do turismo cuja memória e vontade de identidade se diz de um modo bem específico pela textualização do próprio espaço. Consideramos ainda que apesar de notáveis diferenças, ambas as narratividades produzem o apagamento das disputas entre outros sentidos que “ameaçem” a harmonia de unidade identitária nesse processo. Leva-se em conta, portanto, que “a noção de individuação do sujeito pela narrativa (o discurso) é um indicador do processo no qual o sujeito se inscreve, produzindo sentidos e identidade” (ORLANDI, 2017, p.32).

Orlandi (2017) afirma que a lenda é feita para circular, sendo que destacamos que a lenda de *Iracema* tem circulado em diferentes materialidades como em músicas, filmes, poesias, outros trabalhos acadêmicos etc. E mesmo com o recorte sobre o turismo pelo digital, a lenda tem circulado em diferentes formulações e isso produz os seus efeitos, com a própria dispersão e heterogeneidade do *corpus* a ser analisado.

A lenda possibilita, assim, o movimento, a fluidez entre a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos ao mesmo tempo que trabalha o efeito metafórico nas posições sujeito.

No caso de *Iracema*, a priori, objetivamos analisar o movimento dos sentidos determinados pelo nacionalismo. Ou seja, propomos que é pelo funcionamento da memória pela lenda que *Iracema* se textualiza determinada pela ficção, apesar de recorrer constantemente ao efeito de verdade dos fatos históricos. O sobrenatural da lenda de *Iracema*, dá lugar para uma personagem e um espaço não-reais, idealizados e que não coincidem com a mulher indígena nem com o território brasileiro, mas por uma invenção pelo gesto nacionalista do autor romântico. Podemos dizer que temos uma reinvenção do espaço de memória, pela escolha de uma versão a-crítica e fantasiosa que se ancora no discurso amoroso ¹⁰pró-ocidente colonial para a fundação de um estado e construção do Brasil. Observamos que a construção do imaginário do amor cristão instaura um estado de civilidade no país e para o país. Contudo, o que não se nega em *Iracema* é o abandono. Se o abandono em *Iracema* não é em tom de denúncia, mas de tristeza, o que aproxima a personagem do espaço, hoje ressignificado pela praia de Iracema e pelo Brasil do século XXI e também pelo afeto, pelo nacionalismo, mas com aberturas para leituras mais críticas. Não há, portanto, uma ruptura com a memória colonial, mas possibilidades de um deslocamento dentro da mesma FD colonial e aberturas mais críticas para o sujeito se significar.

Reiteramos que antes de distinguirmos a narratividade literária em *Iracema* da narratividade turística, observamos que a lenda também tem um modo específico de significar a textualidade, ainda que esteja inscrita em “uma organização particular da linguagem” (EAGLETON, 2003, p. 3), isto é, em nossos termos, numa relação material com a literatura.

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram “construídas” para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. A origem do texto importa menos que a produção do texto, pois alguns nascem literários e outros tornam-se literários (EAGLETON, 2003, p.11-12).

Acrescentamos que outros textos também deixam de ser literários, conforme o gesto de interpretação em relação sempre tensa com a exterioridade. Pela perspectiva da

¹⁰ Ver trabalho de Orlandi (1990), segundo o qual trataremos dessa questão na análise dos recortes do segundo capítulo para distinguirmos a textualização romântica em *Iracema* da textualização do científico nos relatos naturalistas.

AD, o gesto de interpretação é o investimento do corpo do sujeito no corpo das palavras e a prática simbólica se corporifica no texto. O dizer se constitui ao atravessar o interdiscurso.

Para Orlandi (2017), lendas são discursividades que ao circularem possuem trajetos do dizer. Reiteramos apenas que diferentemente da maior parte das lendas, *Iracema* faz um movimento que parte de formações ideológicas burguesas para o saber popular, isto é, como uma espécie de “negociação” entre a burguesia e o povo, na tentativa de construir *Iracema*, o anagrama de América, uma personagem-nação que “representasse” e “unificasse” o povo. O gesto de interpretação da textualidade oral é o que configura a unidade de sentido incompleta em *Iracema* e determina sua constituição pela prática romântico nacionalista de José de Alencar. A nosso ver, por se constituir nesse jogo com a burguesia é que as retomadas de *Iracema* continuam “engessadas” em algumas outras discursividades, como a do Turismo, e não produzem grandes rupturas com o discurso da descoberta nem com a ideologia nacionalista do século XIX.

1.3.2- O MTur e a memória nacionalista em *Iracema*

Neste subitem discutiremos como as condições de produção para o discurso do Ministério do Turismo (MTur) se relacionam com a memória histórica de *Iracema*.

Partimos da seguinte reflexão:

(...) a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso (ACHARD, 1999, p.17).

Nesse sentido, observaremos as condições de produção para a circulação do discurso turístico pelo digital e também como algumas regularidades que emergem no digital produzem efeitos de sentidos em outras materialidades discursivas, inclusive, de modo a ampliar o nosso arquivo de leitura sobre o turismo.

Nora ([1984] 1993) discute a quantidade de arquivos produzidos na contemporaneidade, daí a noção “memória de papel”, pois, para esse autor, produzir arquivo já era o imperativo do século passado e, hoje, salientamos que a produção do arquivo não se restringe ao alcance do Estado, da Igreja ou das grandes famílias tradicionais, mas se dá principalmente pelas empresas e pelo empreendedorismo do século XXI.

Com relação ao discurso sobre o turismo, observamos que essa “vontade de memória” parte de um gesto do administrativo, que opera nas parcerias do Governo Nacional com Estados, Prefeituras e outros órgãos e empresas responsáveis pela promoção do turismo, os quais também afetam o cotidiano das pessoas.

Para abordarmos mais especificamente o modo como a memória funciona pelo digital, trabalharemos com a noção de memória digital¹¹ proposta por Dias (2018), para nos atentarmos mais especificamente a como os modos de textualização do Brasil e do brasileiro pelas agências de viagens, redes sociais e alguns sites produzem a deriva do nacionalismo em *Iracema* para o turismo.

1.4 - A atualização da memória na #PARTIUBRASIL

Neste item, trabalharemos o modo como o funcionamento discursivo da #PARTIUBRASIL retoma aspectos da memória colonial aliada a noções de brasilidade que dão corpo a um discurso que se constitui justamente pela circulação em diversas outras textualidades como uma revista institucional, uma postagem no Instagram e um vídeo institucional divulgado no Youtube.

Levamos em conta o imperativo da produção do arquivo, bem como a

necessidade de “órgãos” competentes, legítimos que exerçam territorialidade. Espaço institucionalizado. Que faz unidade e demanda identidade. Espaço significado. Espaço, como temos afirmado, material, parte das condições de produção dos sentidos que aí se constituem, se formulam e circulam. Espaço histórico e simbólico. Espaço de interpretação. Nesse caso, o que refere “território”, espaço institucionalizado, nomeado pelo poder do Estado politicamente e que, por isso, inscreve o processo de identidade no discurso institucional do Estado, o cidadão brasileiro (ORLANDI, 2010, p. 4).

Isto posto, trataremos do Brasil, do território brasileiro como um espaço institucionalizado, por isso, as inúmeras possibilidades de circulação de formas de conhecimento sobre a materialidade de um determinado tempo- espaço.

Faz-se pertinente comentar que como objetivamos analisar recortes de três temporalidades, no decorrer desta dissertação, preconizamos entender os textos analisados como “discursos que produziram e produzem efeitos de sentidos a serem

¹¹ Memória digital, noção problematizada na obra de Dias (2018) entre a contradição daquilo que escapa à memória metálica, mas se inscreve na memória discursiva, com o acontecimento do digital.

compreendidos nas condições em que apareceram e nas de hoje” (ORLANDI, 2008, p. 23).

Para tanto, não consideramos o texto em si, mas a discursividade e propomos que o percurso de leitura pelo digital nos possibilita acompanhar quase que, ao mesmo tempo, o mesmo texto de forma multidirecional em diferentes redes.

Durante a Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014, o Ministério do Turismo publica a revista eletrônica #PARTIUBRASIL. Essa hashtag como parte constitutiva do nome da revista já pressupõe que ela foi feita para circular. Segundo Pereira (2018), “as hashtags, então, ao significarem também pela circulação, além de se inscreverem na Memória Discursiva e na de Arquivo, se inscrevem na Memória Metálica” (PEREIRA, 2018, p. 31) e acrescentamos que é pela circulação que a hashtag produz efeitos de sentidos.

Sendo assim, podemos compreender a Memória Metálica como:

a memória das máquinas, da circulação que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma (ORLANDI, 2006, p. 5).

Essa mesma autora discute a horizontalidade das hashtags, o que, a nosso ver, possibilita a compreensão de como a memória colonial se atualiza na #partiuBrasil de forma contínua e multidirecional que vai além, inclusive, da textualidade da propaganda do Governo, ou seja, a #partiuBrasil pode produzir os mesmos e outros sentidos a partir de sua circulação.

A hashtag, portanto, funciona como uma “repetição horizontal, uma reatualização constante do sentido, presentificando a história no imediatismo da circulação, do “tempo real” (Dias; Coelho, 2012, p. 236). Assim sendo, Dias (s.d.) insere a memória metálica na instância da circulação já que, nas redes, quanto mais atualizações um sujeito disponibilizar em seu perfil, haverá mais visibilidade uma vez que a circulação aumentará. Mais que a filiação do sujeito em uma rede de constituição de sentidos, neste caso, o ponto de partida para a construção dos sentidos se envolve pela e na atualização e circulação. O funcionamento da hashtag, desta forma, privilegia a produção de sentidos pela quantidade. A hashtag significa pela quantidade (PEREIRA, 2018, p. 31).

No caso específico do nosso recorte, acrescentamos ao dizer da autora supracitada que, além dos sentidos pela quantidade, a #PARTIUBRASIL preconiza a durabilidade da

campanha que passou a circular não apenas pelas mídias do governo, mas nas redes sociais das pessoas, de profissionais do turismo e agências de viagens, isto é, com o aumento da circulação, a hashtag passa a circular por mais tempo, passa a se inscrever na memória digital. De tal modo que ela passa a assumir a forma #partiu possibilitando aos usuários que “complete” com o destino de sua escolha, que não necessariamente o turístico.

Sobre a questão de produção do conhecimento que vai além da passagem do papel para o digital e do digital para o papel, Dias (2018) afirma que se trata de deslocar

o ângulo de entrada da formulação para o da circulação, a partir da qual se pensa sua formulação e constituição. Ou seja, o elemento da circulação se sobressai ao da formulação e ao da constituição no processo de produção dos discursos e do conhecimento, pela maneira como a noção de informação se discursiviza em nossa sociedade (DIAS, 2018, p.43).

Vejamos como esses processos de discursivização da informação sobre o turismo se institucionalizam e passam a circular, a partir do recorte do Editorial da revista #PARTIUBRASIL.



AQUI E AGORA

Sabe o orgulho que a gente tem ao mostrar o nosso país para um estrangeiro? Nem é preciso fazer força para encher a boca e falar do que temos de bom. Sabemos receber, fazemos isso com gentileza e alegria. Quem vem quer voltar – e nós sabemos exatamente por quê. Mas será que sabemos escolher o Brasil como destino para nossas próprias viagens? Esta revista vai ajudar a ver que há muito, mas muito que fazer e conhecer.

Que outro país reúne atrativos do quilate dos nossos? No Norte, sob o domínio amazônico, rios, cachoeiras e a floresta são cenários de aventuras deliciosas (que nos capturam inclusive pela boca!). No Centro-Oeste, coroado pela arquitetura surpreendente de Brasília, passeios por parques, atravessando rios, observando aves, nos levam a um contato direto com a natureza. O Nordeste nos brinda com as praias, mas não só elas. Passar uma temporada por lá é desacelerar e querer voltar mais vezes. No Sudeste, as capitais são imãs que nos atraem para dezenas, centenas de possibilidades: história, cultura, caminhadas, agito. O Sul gosta de extremos: é para o verão e para o inverno. Tem o melhor dos dois e ainda passa pelas Cataratas do Iguaçu, um espetáculo que dispensa letreiros no final.

Sabemos que muitas atrações estão perto de você, muito mais perto do que imagina. Que

Recorte 1: Aqui e Agora. Sabe o orgulho que a gente tem ao mostrar o nosso país para um estrangeiro?



Recorte 2- A nossa grama é bem verde, um verde vivo e maravilhoso. Não temos por que olhar para a grama do vizinho.

A revista apresenta uma regularidade da memória discursiva sobre falar do país para os estrangeiros, tanto no recorte 1 “**Aqui e Agora. Sabe o orgulho que a gente tem ao mostrar o nosso país para um estrangeiro?**”, quanto no recorte 2 “**A nossa grama é bem verde, um verde vivo e maravilhoso. Não temos por que olhar para a grama do vizinho**” da revista. O que nos provoca a questionar como o discurso sobre o turismo propõe uma identidade para o brasileiro respaldada pela alteridade, não mais pelo modo como somos falados, mas pelo modo como “gostaríamos” e “devemos” ser falados no “Aqui e Agora”, mas que não rompe com o outro colonial. Assim, a nosso ver, o discurso sobre o turismo se textualiza no confronto do simbólico com o político, o qual significa a identidade e o espaço, mas também com o desejo e o inconsciente.

Observamos que alguns recursos poéticos do romântico como o ritmo sonoro do segundo recorte produzido pela anáfora “verde” e a consoante “v” aliterada em “**bem verde, um verde vivo**” convoca as ressonâncias do romântico sob “**a nossa grama**”, no caso, o nacional é marcado pelo pronome de posse “nossa”. Há ainda um jogo com o simbólico pela inversão dos sentidos do ditado popular “a grama do vizinho é sempre mais verde”.

Almejamos, com isso, observar como os efeitos do nacionalismo da narrativa literária em *Iracema* se constituem na contradição do patriotismo e da brasilidade no turismo pelo recobrimento do colonial.

Destaca-se ainda que se trata de uma revista que se constituiu pela circulação de dizeres sobre a história do Brasil.

Desde então, além dessa campanha do Mtur, esse mesmo texto passou a circular no fluxo da especificidade do digital, nos desdobramentos de séries em vídeos curtos produzidos pelo MTur, na formulação de outras séries nas redes sociais em perfis de agências de viagens e nas postagens dos usuários do Facebook e do Instagram.

Nas imagens congeladas do vídeo institucional “Viaje agora pelo Brasil”, do Mtur, segue uma sequência dos espaços-tempo com a #PARTIU, os quais, a nosso ver, fazem parte do emaranhado de contradições constitutivo do espaço-tempo do turismo:

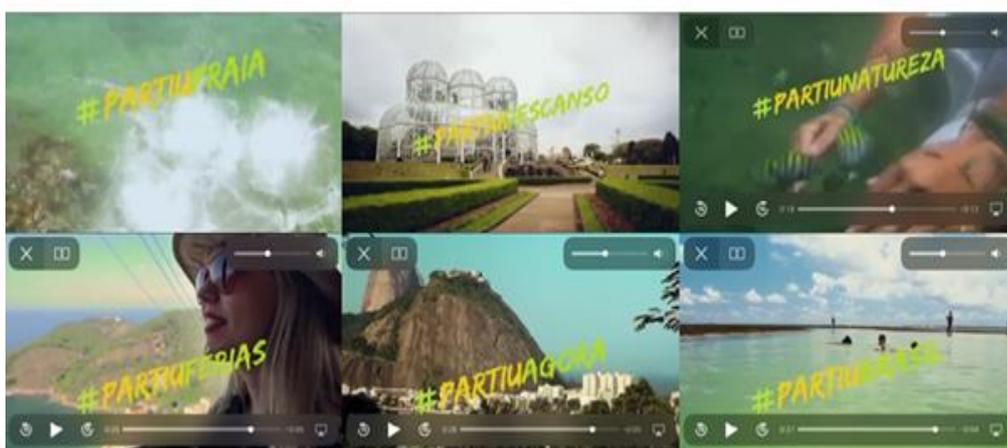


Figura 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3zUJwikFdFI>
Acesso em 20 nov. 2021

Recorte 3- Figura 1.

Printscreen de imagens do vídeo institucional do Mtur, a sequência dos espaços-tempo com a #partiu e suas derivações em verde e amarelo: #PARTIUPRAIA, #PARTIUDESCANSO, #PARTIUNATUREZA, #PARTIUFÉRIAS, #PARTIUAGORA, #PARTIUBRASIL. Campanha do Ministério do Turismo, intitulada Viaje Agora Pelo Brasil, disponibilizada desde 27 de junho de 2014.

Observe-se ainda a publicação da empresa Artplan, agência de consultoria, responsável pela formulação do texto e da hashtag no canal de divulgação do vídeo institucional no Youtube:

Recorte 4 - Postagem da Artplan

1,84 mil inscritos
INSCREVER-SE

Nosso novo filme para o Ministério do Turismo vem para reforçar que o melhor momento para conhecer destinos brasileiros é agora, não depois. Para traduzir essa ideia de maneira imediata, criamos o conceito #partiubrasil, que será ampliado nas redes sociais, com objetivo de dar

maior visibilidade, interatividade e durabilidade para a campanha, que traz ainda um jingle bem brasileiro, antecipando o clima animado que o turista encontrará em todo o **País** nesta temporada.

Fonte: [Ministério do Turismo | Viaje Agora Pelo Brasil - YouTube](#)

Na sequência, recortamos um comentário na página da agência Artplan no Youtube para mostrarmos uma forma possível de contraidentificação à Formação discursiva dominante na [#partiubrasil](#):

Recorte 5 - Comentário na página da Artplan.

[Silvia Santos](#)

[há 5 meses \(editado\)](#)

[#prefiro](#) viajar para fora ..**brasil** e muito sujo e caro

De antemão não afirmamos que os sujeitos dos nossos recortes, ao ocuparem lugares sociais diferentes, estejam necessariamente inscritos em uma outra FD diferente da FD dominante do nacionalismo sustentado na textualidade de *Iracema*. Já que reiteramos sua heterogeneidade, observamos que há uma tensão entre a “total” identificação no tocante ao acontecimento enunciativo da [#partiubrasil](#), com os saberes da FD e a contraidentificação no recorte da resposta “[#prefiro](#) viajar para fora ...**brasil** e muito sujo e caro”. O deslize da [#partiu](#) para a [#prefiro](#) mobiliza outros sentidos na rede de memória em que irrompe o desejo contrário ao nacional.

Observando o texto da campanha em o “**País**” com letra maiúscula tem-se um contraste com “**brasil**” em letra minúscula. Ambas as designações generalizam o espaço nacional e mostram a contradição constitutiva da FD, só que, em “**brasil**”, torna-se visível o deslize do desprezo pelo “**País**”, isto é, de um gesto de recusa ao nacional. Assim, o desprezo ao nacional resulta de uma tomada de posição que contraria não apenas o nacionalismo, mas também a ideologia romântica, embora tal gesto não produza uma ruptura com o capitalismo tampouco exclua o turismo. Isto posto, acreditamos que a crítica em país “caro” e “sujo” reforça a memória colonial de um país que ainda precisa ser civilizado e que vislumbra a superioridade do estrangeiro, visto que tais críticas ao Brasil permanecem na evidência do pré-construído, o qual retorna no imaginário capitalista de que “as coisas que vêm de fora são sempre melhores e mais baratas”.

Conforme Indursky (2008), como a Formação Discursiva (FD) é heterogênea e o sujeito se fragmenta em contato com ela, é possível haver revolta e questionamento contra os saberes pertencentes à Formação Discursiva em que o sujeito se inscreve e o faz a partir do interior desta mesma FD. Podemos dizer, no caso dos recortes acima que se estabelece uma relação polêmica entre o nacional e o internacional, mas não

necessariamente uma ruptura com a FD dominante que generaliza o Brasil e o coloca ainda na posição de colonizado face aos turistas e aos órgãos internacionais.

Convém destacar a exemplificação de Orlandi (2013a), a qual entende o polêmico na divisa entre paráfrase e polissemia, sustentando o jogo pelo controle do referente discursivo por seus interlocutores “numa relação tensa de disputa entre os sentidos” (ORLANDI, 2013a, p.86) e “como uma prática de resistência e afrontamento” (ORLANDI, 2013a, p.87). Assim, a prática de linguagem não é um ritual sem falhas, pelo contrário,

a falha no ritual se dá no momento em que ocorre o encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história. De fato, é resultante deste encontro que podem ocorrer alguns tipos de falhas no ritual: o primeiro dá origem à entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento (INDURSKY, 2007, s/p).

Depreende-se que ao falar de si no turismo, do brasileiro para o outro, ele se constitui nesse lugar de sujeito alegre, acolhedor/hospitaleiro, orgulhoso da natureza exótica, sedutora e exuberante, mas também há a possibilidade da contraidentificação a essa Formação Discursiva. No turismo, constantemente os sentidos atribuídos à natureza são transferidos para o Brasil e o brasileiro, conforme observado na sequência do vídeo que estamos analisando: #PARTIUPRAIA, #PARTIUDESCANSO, #PARTIUNATURAZA, #PARTIUFÉRIAS, #PARTIUAGORA, #PARTIUBRASIL.

Podemos observar ainda na sequência dessa hashtag que a palavra Brasil funciona como hiperônimo com relação às demais: praia, descanso, natureza, férias, de modo que o dêitico “agora” é o que possibilita a relação entre turista e viagem nas propagandas, cuja temporalidade está sempre no presente. Diferentemente do que observaremos nas avaliações do Tripadvisor, por exemplo, mas ainda assim analisaremos o funcionamento da descrição e do imperativo (futuro) enquanto regularidade dos nossos recortes sobre o turismo. O que ressaltamos sobretudo no turismo é o funcionamento do imediatismo de uma “informação”, no caso, de sentidos que estão em constante re-atualização sob o efeito do “tempo real”.

Dito de outro modo, ao analisarmos os recortes, em sua heterogeneidade, elencados para este trabalho, propomos uma reflexão, com base em Zoppi-Fontana (2012), segundo a qual as formas de representação do tempo nos permitem organizar as referências aos tempos da ciência observáveis em torno de eixos semânticos e processos

narrativos que projetam o imaginário da temporalidade. Como temos dito, falamos da projeção imaginária de três temporalidades: do século XVI, do século XIX e da atualidade, pelo modo de produção capitalista. Diferentemente dos séculos passados, reiteramos que a temporalidade do século XXI é sacudida pelo progresso tecnológico pautado na aceleração da circulação da informação, o que, a nosso ver, traz consequências para a produção do conhecimento num país de colonização, como o Brasil.

Propomos, assim, a relevância de se descrever como os saberes, em diferentes representações do tempo, atravessam distintas áreas de conhecimento pelo modo como circulam na sociedade a fim de compreendermos que o discurso sobre o turismo não escapa ao político e também está materialmente ligado a outros discursos, os quais se representam diferentemente a depender de sua temporalidade.

A questão do deslize chama a atenção para observarmos que, pelo real da língua, pelo impossível de se dizer tudo sobre o nosso objeto, tanto no recorte de *Iracema* quanto no turismo, o brasileiro topa-se com o impossível de dizer tudo sobre si e sobre o seu país, por isso, é imperativa a determinação do dizer em uma dada FD. É nesse sentido que afirmamos que, pela historicidade, a #PARTIU pode significar diferentemente em outras formações discursivas.

Mesmo no turismo, essa hashtag pode variar, mas, a nosso ver, pelo vídeo institucional, algumas regularidades como “praia” e “natureza” permanecem quando se fala de Brasil. Enfatizamos, contudo, que é pela instância da circulação que a hashtag produz discursos diferentemente da lenda produzida por Alencar que é textualizada pelo literário (mobilizada pelo interdiscurso).

Na sequência, apresentaremos o modo como temos avançado para um *corpus* heterogêneo, embasado pela abordagem proposta por Rodríguez - Alcalá (2018), com o intuito de se olhar para o “passado” a partir dos dizeres atuais nos últimos anos. Desse modo, buscamos identificar os vestígios de uma memória histórica e não uma origem para os sentidos que ecoam pelo discurso digital, os quais significam o turismo numa rede parafrástica de já-ditos, reditos, não-ditos e esquecidos.

Analisaremos como determinados sentidos sobre o Brasil são sustentados no site da campanha #PartiuBrasil promovida pelo Ministério do turismo. O recorte consiste em parte do seguinte texto da campanha promovida e divulgada pela página oficial do Ministério do Turismo em 2015:

Recorte 6- Campanha do MTur em 2015.

A campanha é uma ação integrada de promoção e publicidade do Ministério do Turismo, que incentiva os brasileiros a viajarem pelo país e os profissionais do setor a comercializarem destinos nacionais.

Agências de viagem e operadores, secretarias estaduais e municipais têm replicado as peças e o mote #PartiuBrasil em anúncios, potencializando o alcance da campanha.

A disponibilização de painéis fotográficos com as mensagens “**Orgulho de vender Brasil**”, “**O Brasil é o meu destino favorito**” e “**Brasil: eu recomendo**” também estão entre as ações do MTur realizadas em feiras e eventos. (Grifos nossos)

Fonte: <http://www.turismo.gov.br/sem-categoria/31-menu-superior/dados-abertos/4926-conheca-a-campanha-partiubrasil.html>

Especialmente em “Orgulho de vender Brasil”, a posição-sujeito do Ministério de Turismo brasileiro, parece falar de uma posição contraditória com a do sujeito que se inscreve numa formação social de orgulho do seu país, visto que o orgulho não está em ser brasileiro ou no sujeito brasileiro, por exemplo, mas recai sobre “vender” o próprio país. Enquanto que, no turismo, essa posição parece naturalizada, tem-se aí uma amostra do que se (re)produz sobre o nacionalismo, ou dito de outro modo, dos efeitos da colonização em constante tensão com o nacional. Nesse caso, o que dá orgulho ao brasileiro é o que se torna atrativo / relevante para os turistas e não pelo olhar dos moradores/habitantes locais, por exemplo. Consideramos, entretanto, esse sentido em direção não apenas ao estrangeiro, ou seja, ao não-brasileiro, mas a quem vem de fora na posição de turista. Não vamos nos aprofundar na questão, mas concordamos com Nunes (1992) quando o autor aborda os efeitos da leitura na constituição do brasileiro inscrito numa contradição que o sustenta em relação ao europeu e que traz consequências para a construção de sua posição no discurso. É essa memória de leitura que se atualiza e caracteriza os estrangeiros pelos efeitos de curiosidade e cientificidade, por exemplo, enquanto o choque do encontro entre o europeu e o indígena já marca uma posição para o brasileiro que está vinculada à natureza. Nesse aspecto, percebe-se uma diferença na descrição do espaço na Carta de Caminha, que fora endereçada ao rei, a uma autoridade portuguesa cristã, diferentemente dos lugares que são hoje interpretados como turísticos e passam a circular e a significar de determinado modo e não de outro.

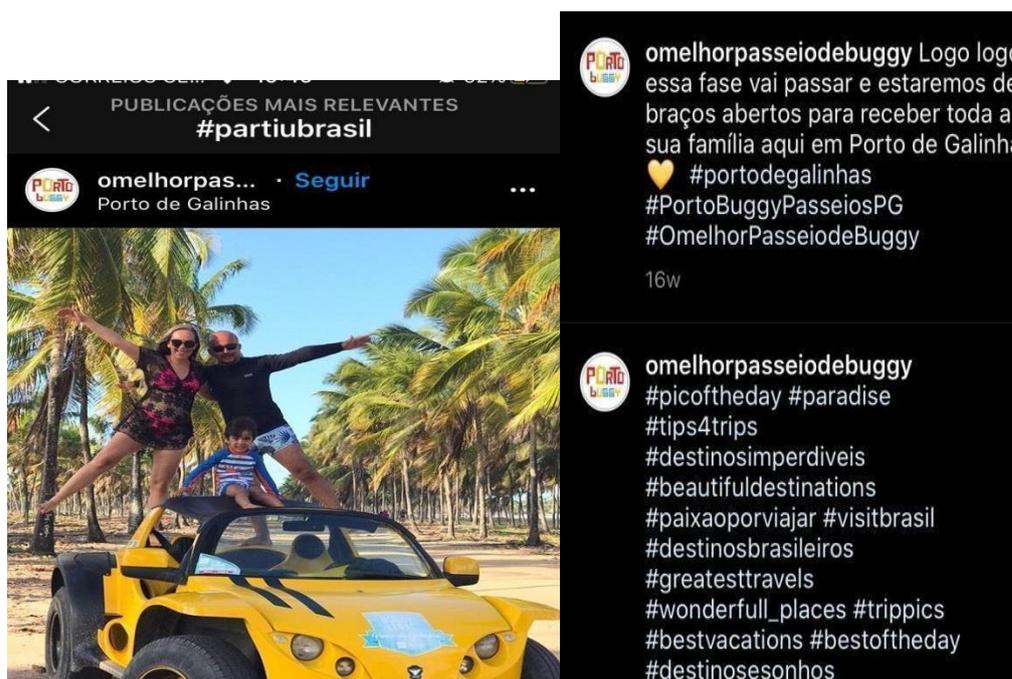
Observe-se ainda que a proposta da campanha em incluir uma ação integrada tende para uma universalização dos sentidos e do sujeito. A divulgação da campanha ocorre por meio de órgãos setoriais como as secretarias, pelas redes sociais e, sobretudo, ao se pesquisar no Google pela #PARTIUBRASIL, o usuário poderá clicar na hashtag e ser conduzido para uma página com imagens e textos organizados por assuntos temáticos,

ou dito de outro modo, por discursos que organizam e instituem determinados sentidos e constituem um arquivo sobre o Brasil. Tais regularidades tendem para a universalização do acesso, em que ocorre o apagamento da autoria, mas a unidade imaginária de um determinado discurso turístico sobre o Brasil permanece produzindo sentidos pelo funcionamento ideológico do que se repete no esquecimento de outro tempo, outro lugar.

Tomamos, assim, a reflexão do que se repete nos nossos recortes como parte do acontecimento discursivo em que o outro a ser analisado é também

o retorno do mesmo, mas que, justamente pelo fato de retornar em um outro lugar e um outro tempo, é outro (a repetição é ela mesma a ínfima diferença que permite seu reconhecimento e seu esquecimento), a ruptura da identidade do que retorna, disseminada, no que a repete, a insistência do que se repete relacionada ao desconhecimento da causa dessa repetição, a suspeita de que essa causa esteja ligada a uma perda, uma falha irremediável (não há um acontecimento, um texto originário que se repetiria). (PÊCHEUX, 2016, p.46).

O material de divulgação do Mtur teve ainda seus desdobramentos nos processos de serialização em publicações no Instagram:



Recortes 7 e 8. Disponíveis em: <https://instagram.com/portodegalinhas?igshid=6v1q8hfm76sv>

São nas condições de produção observadas na campanha do Governo Federal (2015) que se produz e se textualiza a *hashtag* partiubrasil (#PARTIUBRASIL) no Instagram. Enquanto que nas nossas primeiras análises, o gesto de autoria é do governo federal, o desdobramento da campanha institucional para a #partiubrasil (*hashtag*)

também passa a circular e a ser formulada nas redes sociais das agências privadas de turismo e a relação com o usuário, doravante o leitor, ou o efeito-leitor passa a ser outra.

Há, entretanto, algo que se atualiza no recorte 8 (2020), no enunciado “Logo logo essa fase vai passar e estaremos de braços abertos para receber toda a sua família”, isto é, a memória da Terra abundante, generosa e prodigiosa da carta de Caminha se atualiza com a situação da pandemia e com a premissa de solidariedade e acolhimento presente nesse dizer de uma Agência de Porto de Galinhas no Instagram.

Porém, os dois recortes parecem manter o foco na venda não apenas de viagens e destinos nacionais, mas do próprio Brasil enquanto um produto, isto é, nesse discurso do turismo, o Brasil é o produto. O que nos provoca o seguinte questionamento: como esse produto está sendo dito/significado para ser vendido? Convém reforçarmos que essa memória de leitura se atualiza por corresponder às práticas capitalistas, entretanto, (re) produzem sentidos para as histórias do Brasil. Desse modo, retomamos o exemplo de Orlandi (2003) com o enunciado da Carta de Pero Vaz de Caminha “Em se plantando tudo dá”. Já abrasileirado, esse enunciado parece ressoar no recorte 7 e aponta para a retomada de alguns sentidos da nossa brasilidade, ao promover o Brasil como terra prodigiosa, com recursos naturais inesgotáveis, embora mal administrados pelos brasileiros. Seguimos, assim, para uma reflexão de que “o enunciável é exterior ao sujeito enunciativo” (COURTINE, 1999, p.18). Acrescentamos a isso que, inclusive, conforme já mencionamos, é muito comum lugares que passaram por grandes crises e “tragédias” ecológicas do nosso país serem “assimilados” ao discurso da produtividade turística geralmente como única alternativa de desenvolvimento/sobrevivência para a população. No recorte 7, além da imagem de uma família brasileira de braços abertos, algumas *hashtags* em inglês nos comentários (recorte 8), como “*paradise*”, provocam uma reflexão sobre os sentidos socio-historicamente determinados do Brasil enquanto lugar paradisíaco para o estrangeiro.

Convém também ressaltar que o sentido de transparência atribuído à *hashtag* que pode ser compartilhada por “todos”, apaga o político, o econômico e mesmo a divisão dos brasileiros que têm acesso a essas viagens, daqueles que ocupam a posição de turistas e àqueles a quem cabe a posição de moradores que os acolhe “de braços abertos”. Tal apagamento continua sustentando que os discursos sobre o Brasil e seu povo, sobretudo no turismo, são significados como atrativos a serem explorados por quem vem de fora.

Ainda sobre a *hashtag*, nela é produzido o efeito de durabilidade da campanha o que confronta alguns dizeres que relacionam a internet ao fugaz, ao passageiro. Nesse

caso, propomos que a *#partiubrasil* não se reduz à memória metálica, mas se inscreve na memória digital, a qual, consoante Dias (2018), faz uma mediação entre aquilo que é recuperado pela memória metálica nos sites de busca com a memória discursiva e produz outros sentidos para o sujeito do cotidiano.

Especialmente pela forma reduzida *#partiu*, esta hashtag passou a circular muito rapidamente em outros espaços além do digital e não somente pela textualidade do turismo. Apenas para citar um exemplo de outras formas de circulação da mesma hashtag, podemos mencionar a música da cantora Joelma, intitulada *#Partiu*, que ressignificou os sentidos turísticos para o discurso amoroso.

Observamos ainda pelas pesquisas no buscador Google e mesmo com a ampliação do nosso arquivo de leitura que há outra diferença entre a escrita em letras minúsculas da escrita em maiúscula da hashtag em questão. Ao passo que identificamos a grafia *#partiubrasil* mais recorrente nos espaços “menos formais” das redes sociais, como o Instagram, por exemplo, e as grafias *#partiuBrasil*, *#PARTIUBRASIL* ou *#PartiuBrasil*, tendo como regularidade “Brasil” com inicial maiúscula, estão associadas aos vídeos, campanhas e materiais de divulgação “mais formais”, mais legítimos, isto é, das mídias oficiais do Governo Federal.

CAPÍTULO 2- IRACEMA COMO LUGAR DE MEMÓRIA E OUTROS DESDOBRAMENTOS DISCURSIVOS

Neste capítulo, propomos mobilizar os conceitos de paráfrase e polissemia, a fim de não considerarmos o texto na ordem da informação, do dado novo, pois “um *corpus* de arquivo textual não é um banco de dados” (Pêcheux, 2015, p.165) nem um bloco homogêneo. Desse modo, a construção do nosso *corpus* não se dá de forma homogênea.

Para tanto, abordaremos o modo como duas campanhas do Governo Federal circulam pelo Youtube, produzindo o efeito de retorno da memória nacionalista aliado a algumas regularidades na textualidade romântica cujos vestígios observamos em *Iracema*. Tratam-se de dizeres e sentidos (como os da hospitalidade, cordialidade, natureza exuberante etc.) que se textualizam tanto em *Iracema* quanto na Carta de Caminha e nos relatos de Florence e Saint-Hilaire.

Isto posto, partiremos de uma breve análise da publicidade do Governo Nacional para compreendermos os sentidos que retornam do colonial na atualidade. Nesse sentido, observaremos a regularidade da hospitalidade como um fio condutor para compreendermos o modo de textualização do romântico pelo digital e, em seguida, faremos uma contraposição entre o modo de textualização do colonial pela narrativa na Carta de Caminha com o romântico pela descrição em *Iracema*.

Ao se mostrar o que se repete e o que se transforma na passagem da textualização da Carta para a textualização do romance, pode-se contribuir para compreendermos um pouco o modo como o turismo tem se configurado no espaço nacional enquanto instituição, área de conhecimento, objeto de lazer e de divulgação. Ou seja, pelo retorno ao científico e ao literário no século XIX podemos observar o modo de organização das condições que produzem o turismo hoje no Brasil. Não faremos, portanto, uma análise cronológica ou buscaremos um marco inicial para o discurso sobre o turismo, mas almejamos compreender um pouco sobre os modos de constituição pela formulação de um conhecimento sobre o turismo que ainda tem circulado em nosso país e que reproduz, de certa forma, um “retrato” ora caricato ora cruel da identidade nacional.

Com relação à observação da regularidade da hospitalidade em *Iracema* em contraste com os relatos de Florence, é válido observarmos como o modo de textualização de um dado saber pela “descrição” no século XIX pode instituir sentidos pela reatualização do colonial. Assim, vamos explorar algumas regularidades da formação

discursiva colonial que continuam sendo reproduzidas à medida que instituem os mesmos sentidos ainda que por diferentes modos de textualização para o turismo hoje.

Salientamos que além dos diferentes modos de textualização do discurso sobre o turismo, tal processo não se dá isento de falhas. Parafraseando Orlandi (2001), quando nos referimos a falhas, falamos em diferentes versões e formulações possíveis, a depender de como a política do dizer se inscreve na memória discursiva e mobiliza determinadas regiões de significação no processo de textualização.

Essa discussão é importante para avançarmos no capítulo 3 acerca da transformação de determinados sentidos coloniais ressignificados pelo romântico ao abordarmos o turismo pelo digital no site Tripadvisor.

2.1 - A atualização da memória colonial no Youtube durante a pandemia

Neste subtópico, observaremos o modo como a memória colonial que vimos abordando em continuidade com a Carta de Caminha e *Iracema*, atualiza-se na pandemia de COVID-19 em dois vídeos sobre o turismo no Brasil. Destacamos que os vídeos foram inicialmente produzidos para a página do Mtur, como propaganda do Governo Federal antes de serem disponibilizados no Youtube.

O primeiro vídeo tem como público-alvo os turistas estrangeiros e intitula-se *Brazil You Want It! We Got It!*¹²



Recortes Printscreen (RP) –1, 2, 3- Você é muito querido e desejado pelo Brasil. Venha amar e se encantar com o Brasil.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Fh65xjW5fv8>. Acesso em 20 maio, 2022.

Nos recortes acima, observamos uma paráfrase da narratividade da lenda em *Iracema* pela qual, Martim, o guerreiro branco, é desejado como hóspede pelos índios e

¹² Link de acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Fh65xjW5fv8>

amado pela índia Iracema, permanecendo no Brasil pelos encantos dessa personagem.

Vejamos os recortes literários:

Recorte 1- (RL1):

Iracema voltara com as mulheres chamadas para servir o hóspede de Araquém, e os guerreiros vindos para obedecer-lhe.

- Guerreiro branco, disse a virgem, o prazer embale tua rede durante a noite; e o sol traga, luz a teus olhos, alegria à tua alma.

- Tu me deixas? Perguntou Martim.

- As mais belas mulheres da grande taba contigo ficam.

- Para elas a filha de Araquém não devia ter conduzido o hóspede à cabana do Pajé (ALENCAR, 1999, p. 24).

Recorte 2- (RL 2):

A virgem sempre alerta voltou para o cristão adormecido; e velou o resto da noite a seu lado.

Desejava abrigá-lo contra todo o perigo, recolhê-lo em si como em um asilo impenetrável. Acompanhando o pensamento, seus braços cingiam a cabeça do guerreiro, e a apertavam ao seio (ALENCAR, 1999, p.32).

Podemos compreender que os sentidos atribuídos à personagem alencariana, daquela que ama o estrangeiro (RL2) e é a mais amada dentre todas (RL1), podem ser lidos como metáfora para os sentidos de encanto com relação ao Brasil no turismo, sendo que o foco da ficção literária recai no desejo pelo amor cristão (monogâmico) e pela hospitalidade.

Assim, recortamos uma sequência do vídeo que focaliza a estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, a qual já significa independentemente da formulação nos recortes (RP) 1,2 e 3. Ou seja, a estátua do Cristo de braços abertos, eleito uma das sete maravilhas do mundo, já produz os sentidos para a identidade do carioca e do Brasil no turismo, dando ênfase ao acolhimento. Nesse caso, o Governo inscreve a formulação da campanha institucional no interdiscurso, historicizando tais dizeres, como os encantos da terra, sobre o turismo nacional.

A questão da regularidade da hospitalidade é algo específico do recorte deste trabalho, sendo que o Cristo Redentor individua o sujeito e produz sentidos para o nacional, à medida que é mais que um ponto turístico, mas pode ser interpretado como um lugar de memória. Dito de outro modo, a estátua do Cristo já vincula o sujeito ao espaço, dando corpo aos sentidos do amor cristão, do brasileiro que acolhe numa cidade considerada a mais “querida”, “a mais maravilhosa” do país para visitaçãõ.

Convém salientarmos que o enfoque dos recortes deste capítulo no nacionalismo se dá ainda por observarmos o jogo entre os sentidos nacionalistas e românticos pela

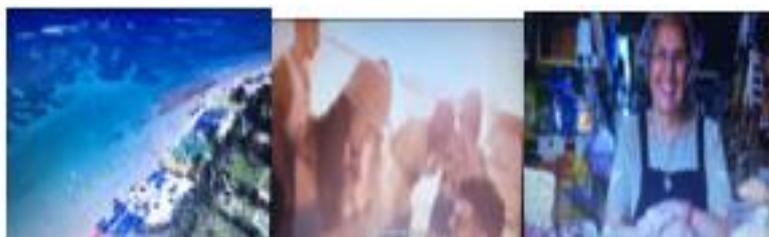
textualização do político e do simbólico na lenda de *Iracema*, com o gesto de interpretação de José de Alencar.



Recortes Printscreen (RP) 4 e 5 - Continental e bonito por natureza. Mas por enquanto é melhor ficar em casa.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Fh65xjW5fv8>. Acesso em 20 maio, 2022.

Com relação aos recortes 4 e 5 observamos a regularidade do nacionalismo que exalta o espaço físico “Continental” e retoma os sentidos, inclusive, do hino nacional nos dizeres “Gigante pela própria natureza” que derivam para “bonito por natureza”. Mas como os sentidos estão sempre dispersos e descontínuos, há um atravessamento do discurso sanitário sobre a pandemia que instaura a sua regularização em outros discursos como o do turismo. Observamos tal regularidade nos seguintes dizeres, “Mas por enquanto é melhor ficar em casa”, sendo que a conjunção “**Mas**” estabelece uma quebra no horizonte discursivo do sujeito leitor turista, visto que não se espera que um discurso sobre o turismo produza sentidos que não coincidam com o estímulo a viagens, ao imediatismo. Contudo, o turístico se textualiza ainda pelo desejo que funciona pelo inconsciente e pelo ideológico, visto que, o desejo de viajar permeia a campanha, produzindo um efeito de necessidade de adiamento, mas não de cancelamento da viagem. Dito de outro modo, podemos dizer que o turismo também produz sentidos que atravessam outros discursos que circulam na sociedade, de tal modo a produzir seus efeitos endossando o imaginário que se estabelece sobre a pandemia, como uma crise temporária, que logo vai se normalizar.



Recortes Printscreen (RP) 6, 7 e 8 – A causa é nobre. É para o bem de todos. Para te receber com toda a nossa alegria.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Fh65xjW5fv8>. Acesso em 20 maio, 2022.

Na sequência dos recortes acima, nota-se uma retomada de um dizer marcante na historiografia, a famosa formulação de Dom Pedro I em 1822: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico”. Tal relação da história com a memória nos faz refletir em como o gesto do “Dia do fico” não estabelece uma relação automática com a formulação que recortamos “A causa é nobre. É para o bem de todos. Para te receber com toda a nossa alegria”. Porém, pode ser uma interpretação dentre muitas outras possíveis especialmente se levarmos em conta que o discurso sobre o turismo interpela o sujeito ao discurso da história, dos dados históricos, pois permanece na transparência da linguagem.



Recortes Printscreen (RP) 9, 10 e 11- E o sorriso espontâneo de um povo que adora receber turista como você. Brazil (imagem da bandeira nacional). Brazil. You want it! We got it!

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Fh65xjW5fv8>. Acesso em 20 maio, 2022.

No recorte 9 “E o sorriso espontâneo de um povo”, observamos a regularidade da espontaneidade do povo brasileiro, do pré-construído que associa o povo alegre ao “país do Carnaval” e às festividades. Enquanto que, no recorte 10, identificamos a regularidade da receptividade e da hospitalidade que se reafirma no recorte 11 em “Brazil. You want it! We got it!”, que pela tradução se aproxima de “Brasil. Você quer! Nós conseguimos para você”. Tais regularidades, a nosso ver, retornam sob os efeitos contrastivos do colonialismo com o nacionalismo que estavam se constituindo no século XIX, conforme veremos nos recortes dos relatos naturalistas que analisaremos mais adiante. Outro efeito de sentido possível de se interpretar é “Você quer o Brasil! Damos um jeito de conseguir o Brasil que você quer”, fazendo ressoar ainda que pelo não-dito os sentidos do famigerado “jeitinho brasileiro”, colocando o Brasil numa posição discursiva à serviço do estrangeiro. Ou seja, os sentidos que se constroem para o Brasil no turismo também

são constitutivos de regularidades discursivas que vêm de outras partes para falar da identidade nacional.

Assim sendo, de um lado, podemos compreender o “Jeito brasileiro” pelo funcionamento ideológico que tem sido um dos principais escopos nesse trabalho, pelos sentidos do brasileiro acolhedor, cordial, alegre e descontraído. Por outro lado, compreendemos o “Jeito brasileiro” pelo funcionamento do não-dito, por uma reiteração da regularidade do Brasil como um lugar de facilidades, sem burocracias ou obstáculos para os interesses estrangeiros.

Não vamos nos aprofundar no “Jeitinho brasileiro”, mas nos dois casos, aproximamos a questão do afeto com relação aos sentidos que ao longo do tempo vão constituindo as regularidades que configuram o que temos designado como identidade brasileira. É nessa relação do afeto na língua, do político na divisão dos sentidos de identidade que acreditamos que o nacionalismo funcione pela ideologia materialmente ligada ao discurso sobre o turismo. Nesse processo, não excluimos que as formações discursivas dominantes tanto pelo nacionalismo quanto pelo romantismo colidam entre si e mesmo com outras FDs, de modo que nem sempre coincidam com elas mesmas e estejam expostas às contradições pelas relações que estabelecem com as posições-sujeito do discurso em análise.

2.2 - Retomada de um setor pelas trilhas do nacionalismo

Na sequência, destacamos uma campanha de circulação mais atual, de 2021, produzida pelo Ministério do Turismo (MTur) para a retomada desse setor, objetivando contornar os impactos da pandemia de Covid-19 sobre as atividades turísticas.

As imagens abaixo representam sequências congeladas do vídeo¹³ da referida campanha “Turismo em natureza”, disponibilizado no Youtube, sendo que nosso procedimento analítico se dá pelo gesto de recortar as formulações em prinscreen ou em RPs:

¹³ Link de acesso para o vídeo no Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=oUvqIgRicA4>.



Recortes Printscreen (RP) 1,2 e 3 – Eu sempre vou achar alguma beleza, no verde da bandeira, na fauna e no ar.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oUvqIgRicA4>.



Recortes Printscreen (RP) 4,5 e 6 – Meu Brasil é gigante pela própria natureza, eu sempre vou achar alguma beleza pelas trilhas do meu País.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oUvqIgRicA4>.

Podemos observar algumas regularidades nas sequências dos printscreen dos dois vídeos recortados para análise.

O nacionalismo com um viés político mais acentuado se apresenta como regularidade em ambos os vídeos. Há inclusive uma retomada do hino nacional no recorte “Gigante pela própria natureza” e um reforço ao logotipo do governo em “Pátria Amada, Brasil”, bem como uma constante repetição das cores verde e amarelo e da bandeira brasileira. Contudo, a nosso ver, o retorno ao nacionalismo não significa uma valorização do Brasil e do brasileiro no turismo. Pelo contrário, observamos uma contradição que constitui esse nacionalismo pelo modo do seu funcionamento ideológico “complementar” à regularidade da hospitalidade. Ou seja: a nosso ver, as formações ideológicas que configuram o nacionalismo ou o patriotismo de uma FD turística só funcionam em relação ao efeito de submissão do brasileiro ao estrangeiro nos casos analisados, especificamente na formulação em inglês “Brazil. You want it! We got it!”, como frase de encerramento do vídeo. Dito de outro modo, nos vídeos produzidos pelo governo nacional há um rearranjo de repetições constitutivas da FD nacionalista, a qual embora heterogênea, tende a determinar fortemente a posição- sujeito turista a essa FD. Mas como vimos enfatizando, nenhuma FD funciona isoladamente e o discurso sobre o turismo é

atravessado por muitas FDs, como a política, a econômica e a ecológica, conforme observado nas campanhas dos vídeos.

Outra questão que parece estar dissociada, mas que converge para o “mesmo”, trata-se de que simultaneamente pela atualização dos sentidos nacionalistas também se atualizam os sentidos coloniais. Isto porque, nos recortes que analisamos sobre o turismo, continuamos a falar pela perspectiva da Formação discursiva colonial dominante. Ressaltamos, porém, que pela porosidade da FD, no século XIX, determinados sentidos como o que temos exposto enquanto nacionalista e romântico, passam a se inscrever na FD colonial, pois tratam-se de novos saberes a ela incorporados.

Convém ainda mencionarmos que a invocação da FD nacionalista no discurso sobre o turismo restringe a possibilidade de pensarmos em outras formas de nacionalismos fora do capitalismo, isto é, acreditamos que a não problematização do nacionalismo já como pré-construído tanto em *Iracema* quanto no Turismo vem (re) produzindo há séculos o apagamento do sujeito brasileiro na história. Ademais, as representações estereotipadas nesses discursos caracterizam uma regularidade para a brasilidade que silencia outros sentidos para a própria noção de brasilidade e talvez até restrinja a necessidade de deslocamento nesses casos. Não podemos ignorar, com esses recortes, que os efeitos do nacionalismo que constituem o discurso sobre o turismo no Brasil não produzam efeitos no real, assim como nos problemas locais a fim de prover melhorias na vida do brasileiro, mas trazem à tona “as coisas boas”, “as belezas do país” como se fossem acessíveis a todos. Pelo nosso entendimento, esse tipo de nacionalismo situa-se numa contradição já constituída pelo capitalismo e, no discurso sobre o Turismo, há um silenciamento das desigualdades sociais que acaba por reforçá-las à medida que parte da (o) posição incontornável entre o turista e o morador.

Assim como o turístico, o romântico e o nacionalista tendem a funcionar em consonância com o capitalismo, pela forma sujeito-capitalista, à medida que incorporam as crises sociais, apagando-as. Sob a égide do nacionalismo, na textualidade romântica de *Iracema*, idealiza-se o índio como herói nacional para apagá-lo enquanto cidadão (pessoa dotada de direitos) e, no discurso sobre o turismo, idealiza-se para apagar o brasileiro e aqueles que são mais explorados e desigualmente divididos no capitalismo, a exemplo dos próprios moradores que nem sempre ocupam posições vantajosas nesse processo.

2.3 - A hospitalidade como fio condutor do romantismo

Nesse item, trataremos de como a narratividade literária no gesto autoral de Alencar trabalha a hospitalidade do povo brasileiro e a relação com o discurso sobre a colonização. Mas para compreendermos o funcionamento discursivo da memória colonial é preciso observarmos o constante vai e vem da história, na relação da língua com a história nos processos de significação. Observamos, sobretudo, o que diz Orlandi (2017), com relação à memória constitutiva, que é “uma rede de filiações de sentidos que podem se deslocar, portanto, uma rede em que se produz o mesmo e a diferença (p.75).

Nesse caso, retomamos o discurso da historiografia sobre o espaço-tempo brasileiro a partir de dizeres atuais. Para tanto, buscamos identificar os vestígios de uma memória histórica e não uma origem para os sentidos que ecoam nos discursos, os quais significam o turismo numa rede parafrástica de já-ditos, de efeitos de pré-construídos, silêncios e esquecidos.



Figuras 1 e 2. Printscreen. Disponível em <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/descubra-o-brasil/noticia/projeto-descubra-o-brasil-mostra-um-pais-recheado-de-atracoes.ghtml>

Recorte 1- **A casa é sua.** Projeto Descubra o Brasil vai mostrar atrações turísticas do país. (G1, 2017)

Trataremos as duas imagens congeladas na sequência de um vídeo institucional¹⁴ do *G1* para divulgação de um Projeto da Rede Globo como um recorte ou unidade discursiva que propõe mostrar as atrações turísticas do país, fazendo retornar sentidos coloniais no dizer que destacamos “A casa é sua”. Para Orlandi (2001), é no espaço da diferença que o sujeito brasileiro se constitui na sua relação com o português, assim também como é pela diferença que hoje, pelo digital, o sujeito se constitui em sua realidade e modos de individuação. Ainda com relação ao brasileiro “trata-se de se

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/descubra-o-brasil/noticia/projeto-descubra-o-brasil-mostra-um-pais-recheado-de-atracoes.ghtml>

pensarem os processos de subjetivação e a constituição da realidade desse/para esse sujeito. E aí emerge a noção de atualização” (ORLANDI, 2001, p. 16), definida como o modo de formulação da textualização da memória, ou seja, o modo “como um discurso se realiza, como ele se formula, a partir de sua filiação a uma rede de memória e como ele se coloca em texto” (p. 16), ou em imagem. Desta maneira, ao considerar igualmente palavra e imagem como formas gráficas, Costa (2016) formula que seria possível afirmar que “o discurso eletrônico atualiza essa escrita, confere outros contornos a ela, pois, em vez do desenho, da mão, da pedra, estão a imagem digital, o computador e a tela. Em comum, mas diferente, o corpo ” (COSTA, 2016, p. 97).

Isto posto, consideramos que a imagem que recortamos na formulação “A casa”, preenchida com grãos de café e a presença ao fundo de uma determinada estrutura arquitetônica, ganha corpo e já está significada independentemente do enunciado escrito. E as leituras das formulações possíveis, incluindo a nossa, só ocorrem pela relação da imagem com a memória.

Por essa perspectiva, o texto diz respeito ao modo de funcionamento do discurso. O texto só é texto porque significa, “é a unidade fundamental da linguagem, quando pensamos o seu funcionamento, o fato de que ela faz sentido. Unidade imaginária que tem no autor sua pedra de toque, constituindo uma relação correlata com o discurso e o sujeito” (ORLANDI, 2001, p.16-17).

Sobre a instauração da discursividade colonial, levamos em conta o que diz Orlandi (2003), ao afirmar que se trata de um processo no qual os autores não são apenas autores, mas são responsáveis por uma ruptura e pela instalação de um tempo e lugar específicos, havendo a possibilidade de se formarem outros textos. Com isso, Orlandi (2003) conclui que o discurso fundador institui as condições para que se formem outros e, em nosso caso, tomamos como exemplo o discurso turístico, no qual há “um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade” (ORLANDI, 2003, p.24).

Assim, não esgotaremos todas as trilhas que poderiam contribuir para compreendermos como se produz o discurso fundador, contudo, abordaremos alguns aspectos “já sabidos” sobre a formação do nosso país. Um deles identificamos no vídeo, com a segunda imagem da abundância das águas e no dizer “É sua”, cuja imagem parece espelhar a floresta e assim podemos interpretar que a “natureza é sua”, isto é, está a serviço do turista. Mas o que chama a atenção é que a relação das águas brasileiras com o interesse dos estrangeiros não está significada apenas no discurso turístico. Convém

observarmos que essa memória de leitura se atualiza hoje por corresponder às práticas capitalistas, entretanto, (re) produzem sentidos para as histórias do Brasil. Nesse sentido, Orlandi (2003) dá como exemplo o seguinte enunciado da Carta de Pero Vaz de Caminha: “Em se plantando tudo dá”. Mesmo abrigado, esse enunciado parece ressoar no recorte 1 e, segundo essa autora, retoma alguns sentidos da nossa brasilidade, ao promover o Brasil como terra prodigiosa, com recursos naturais inesgotáveis, embora mal administrados pelos brasileiros. Acrescentamos a isso que, inclusive, não é de se estranhar que em muitos locais do nosso país, o turismo apareça até como função redentora para a economia, apagando outros sentidos possíveis para o espaço e os moradores locais, conforme observaremos no capítulo 3, pelo recorte das avaliações do site Tripadvisor.

Para prosseguirmos com tais provocações, consideramos um exemplo disso a ser observado na divulgação turística da cidade de Brumadinho no blog *Quanto custa viajar*¹⁵.



Figura 3. Printscreen. Disponível em <https://quantocustaviajar.com/blog/turismo-em-brumadinho-reerguer-a-economia-da-cidade/> (2019) acesso em 01 nov. 2020

Recorte 2: **Turismo** em Brumadinho é **solução para reerguer a economia** da cidade

Ainda no que se refere ao recorte 1, observa-se que o interlocutor, o turista, é interpelado pelo discurso da natureza brasileira abundante. Há o imaginário que faz retornar a regularidade da subserviência nos idos da economia/cultura cafeeira, da cordialidade, da hospitalidade do povo nacional, embora não esteja dito como em *Iracema*, por exemplo, nos dizeres do pajé:

Recorte 3 (RL3): — **Vieste?**

— **Bem-vindo sejas.** O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras têm mil guerreiros para segui-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão. (ALENCAR, 1999, p.23)

¹⁵ Disponível em <https://quantocustaviajar.com/blog/turismo-em-brumadinho-reerguer-a-economia-da-cidade/> (2019)

Gostaríamos de estabelecer ainda uma oposição entre o discurso da cordialidade inata ao brasileiro com um fato discursivo, frequentemente colocado como curiosidade, segundo o qual, com a chegada da família real ao Brasil em 1808, a corte portuguesa teria desalojado dez mil casas de moradores locais. Dentre as formas de dizer o ato a nível simbólico ¹⁶, as casas foram pintadas com as letras “PR”, de Príncipe Regente, mas que poderiam ser interpretadas como “Ponha-se na Rua”.

Tal situação discursiva, constantemente reduzida a uma informação ou curiosidade sobre o Brasil, traz uma perturbação à memória institucionalizada, uma determinada região do saber discursivo que se opõe ao que é dito no arquivo dos principais naturalistas franceses que escreveram sobre a natureza e a receptividade do povo brasileiro.

Já com a análise dos recortes turísticos, buscamos compreender como o esquecimento é estruturante e como ele impõe a ilusão de uma “realidade”, na qual acredita-se que o que é dito só poderia ser assim, isto é, que o Brasil e o brasileiro só poderiam ser assim. Partindo nessa direção, apontamos *Iracema* como um lugar de memória que naturaliza um modo romântico de ler/interpretar o brasileiro inerente à natureza. Segundo Orlandi (2013a) levamos em conta que os textos literários ou não-literários só são textos porque significam. Independentemente da sua extensão, todo texto se refere a uma discursividade, a qual configura uma unidade situacional.

Desse modo, se pensamos a discursividade, não nos limitamos à organização linguística do texto, mas nos deslocamos para a de-superficialização textual, em “como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo” (ORLANDI, 2013, p.69).

Com base nisso, o nosso interesse recai no modo como o texto significa em materialidades diferentes, isto é, em como o texto enquanto objeto simbólico (de interpretação) nos permite acessar a discursividade que o constitui, por isso, o texto enquanto “peça de linguagem” (ORLANDI, 2013, p.72) engloba um processo discursivo mais amplo.

Parafraseando Orlandi (2013a), de um lado, o texto é unidade de análise empírica, de outro, ele é uma amostragem do modo de institucionalização da memória. Ao atingir a historicidade do texto (relação da significação com a situação) o enfoque se mantém no discurso.

¹⁶ Ato ao nível simbólico definido por Pêcheux (1969) como assobiar, atirar uma bomba, etc.

Assim sendo, compreendemos que o discurso turístico se constitui na dispersão de vários textos que remetem, por vezes, a distintas Formações Discursivas. Falamos, portanto, da textualidade de *Iracema* e da textualidade do discurso turístico nas quais há diferentes pontos de subjetivação para o sujeito, em que há muitas formações discursivas articuladas em torno de uma dominante (passível de análise).

Em contraponto com o discurso da descoberta, observamos as possibilidades outras – a re-atualização do discurso romântico pelo discurso turístico – com base em enunciados que se constituem nas mesmas condições de produção inscritas em determinada formação discursiva dominante embora heterogênea.

Não se trata de se conhecer todos os textos produzidos em torno da nossa temática, mas de se abordar, por meio de uma amostra de textos do século XIX, os modos de subjetivação do sujeito nas redes de filiações dos sentidos de um processo discursivo mais abrangente.

Partindo do pressuposto de que tudo não se diz, pelo real da língua, também pelo real da história tudo não se conta sobre um país, daí a contradição constitutiva não só do turismo, mas do discurso romântico que temos abordado nessa pesquisa. O fio da análise que nos fez aproximar esses dois discursos é a premissa da hospitalidade que, apesar das diferenças, ambos sustentam sob a discursividade da descoberta do Brasil, a qual naturaliza indistintamente algumas qualidades para o brasileiro associadas à natureza brasileira, como a espontaneidade, a alegria e a generosidade.

Na sequência, observa-se o pré-construído do discurso sobre a descoberta, ou seja, uma retomada do discurso da história sustentado pelos livros didáticos e, conforme veremos, pelos relatos do século XVI que oficializam e regularizam a noção da descoberta do Brasil pelos portugueses.

Recorte 4 (RL4): — Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitam os pitiguaras, inimigos de tua nação. Meu nome é Martim, que na tua língua diz como filho de guerreiro; meu sangue, o do grande povo que primeiro viu as terras de tua pátria (ALENCAR, 1999, p. 23-24).

Antes de analisarmos o recorte 4 (RL 4), julgamos necessário retomarmos um pouco as condições de produção do dizer que retorna em *Iracema*, o qual, a nosso ver, é atravessado pelas condições de produção de um determinado conhecimento sobre o Brasil em evidência nos relatos do século XVI.

Propomos ainda que essa forma de conhecimento mantinha o índio e o Novo Mundo como objeto, inclusive, para se falar de outras coisas sobre as terras recém-descobertas.

Conforme Nunes (2006), os relatos dos viajantes e colonos foram precursores do discurso lexicográfico no Brasil. Com relação a esses relatos, são ainda discursos fundadores em que se aliam ciência, política, literatura, religião etc. Observa-se, por meio desses discursos, uma atualização da memória de mundo nos primeiros relatos dos viajantes formulados sobre o Brasil no século XVI. Parafraseando Nunes (2006), o Brasil, ao ser falado, interpretado, avaliado, produz um deslocamento para os sentidos já-sabidos de mundo.

Agora se levarmos em conta os saberes anteriores à descoberta, notamos que há um discurso que precede o dos cronistas e faz circular determinadas imagens do país. Assim, de acordo com Nunes (2006), de um lado, podemos dizer que as terras desconhecidas eram consideradas como inóspitas ou povoadas de monstrosidades. As regiões abaixo do que hoje se configura a linha do equador eram tidas como “zona tórrida”, de terra infértil. Mas por outro lado, circulava também o imaginário edênico dos conquistadores, a “visão do paraíso”, expressão criada por Sergio B. de Holanda. “A esse respeito, o nome dado ao país: “Brasil” admite, além da etimologia referente à árvore do “pau-brasil”, a interpretação de “Ilha Brasil” lugar paradisíaco” (NUNES, 2006, p.59-60).

Retomando a abordagem sobre a idealização do ambiente, na carta de Alencar, entretanto, percebe-se que este pensamento reproduz a visão paradisíaca propagada pelo discurso religioso, em circulação nos tempos medievais e posteriormente alcançariam o Ocidente cristão, especificamente Portugal. Observe-se novamente o recorte da Carta, o qual retomamos acrescentando uma parte que relaciona a natureza com o religioso:

A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o gênio, as duas mais sublimes expressões do poder criador.

[...]

O nome de outros filhos enobrece nossa província na política e na ciência; entre eles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquele que primeiro o criou. Neste momento mesmo, a espada heroica de muito bravo cearense vai ceifando no campo da batalha ampla messe de glória. Quem não pode ilustrar a terra natal canta as lendas suas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos. Acolha, pois, a primeira mostra e ofereça a nossos patrícios a quem é dedicada. (ALENCAR, 1999, p. 15-16).

Esse constructo é interpretado na obra *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda (2000), da seguinte forma:

O ponto de partida para as "visões" medievais do Paraíso, encontra-se, naturalmente, no Gênesis, 2, 9-25, e 3, 1-24, onde se narra como o senhor Deus, tendo criado o homem, em quem insuflou o fôlego da vida e o fez assim alma vivente, plantou para sua habitação um horto "da banda do Oriente". Ali espalhou, por toda parte, plantas agradáveis à vista e boas para comida: no meio destas achava-se a árvore da vida, cujo frutos dariam vida eterna, e a da ciência do bem e do mal, única expressamente defesa ao homem, sob pena de morte.

O perfeito acordo entre todas as criaturas, a feliz ignorância do bem e do mal, a isenção de todo mister penoso e fatigante, e ainda a ausência da dor física e da morte: estes são os elementos constitutivos da condição primeira do homem, que há de ser abolida com o Pecado e a Queda. Sobre esse núcleo inicial, que pertence ao Gênesis, ampliado, em seguida, de traços oriundos do Apocalipse e, depois, de novos e sucessivos atributos tomados geralmente às crenças do paganismo irão engastar-se pouco a pouco os juízos interpretativos dos padres da Igreja e dos teólogos, para formar, finalmente, a ideia medieval do Paraíso terrestre (HOLANDA, 2000, p.184-185).

É também por um tom de profecia que alia o religioso à textualidade oral, que Alencar produz esta lenda da união das raças, em que Iracema se deixa dominar pelo colonizador, ao contar como a índia se sacrifica para alimentar o filho. Moacir, representando o descendente do português nascido em terras indígenas, deverá então crescer tal qual o pai, Martim. O contato entre as raças não escapa ao final infeliz do par romântico. Assim, uma interpretação possível para a expulsão do paraíso inicial é a conservação do equilíbrio da ordem "natural" entre colonizado e colonizador, ou seja, trata-se da naturalização de uma ordem cristã que submete o colonizado ao colonizador não apenas pela força, mas pela institucionalização da memória europeia.

Mais que isso, sugerimos analisar pela perspectiva da AD e compreendermos a completude imaginária do autor José de Alencar, que se diz um sujeito ausente, e podemos entender o profético na textualidade de *Iracema* como resultado dessa ausência necessária para a narratividade da lenda. Depreende-se ainda que não se pode contar o que se não viveu, mas se pode imaginar, representar etc., a depender do funcionamento da memória discursiva.

Nesse encontro do simbólico entre a história e a lenda, temos a textualização da obra *Iracema* de forma distinta da textualização da Carta de Pero Vaz de Caminha, inclusive pela narratividade que analisaremos no próximo item.

Nesse momento, o que objetivamos mostrar é que já no século XVI havia uma memória de mundo que se atualizava com relação ao Brasil e que há um jogo simultâneo

entre paráfrase e polissemia no recorte da Carta de Caminha. Assim como a interpretação de “Ilha Brasil”, o lugar paradisíaco se atualiza em *Iracema* no século XIX e ainda hoje no turismo. Apesar das diferenças que são próprias ao que se repete nas distintas temporalidades, há uma continuidade do dizer que atravessa a memória discursiva e significa o Brasil de um determinado modo.

O interdiscurso é a memória do dizer, o horizonte de tudo o que já foi dito antes, independentemente de um enunciado. Trata-se do fato de que nenhum discurso é uma origem absoluta, sempre há um já-dito que precede o dizer. A questão que se coloca a partir disso é: qual a relação da memória com o dizer, do interdiscurso com o intradiscurso? (NUNES, 2006, p. 24)

Vale destacar que o interdiscurso deixa pistas no intradiscurso como citações, paráfrases, evocações e, de acordo com Nunes (2006), o dicionário é um espaço de memória discursiva, sendo que os traços da memória oral indígena são apagados dos dicionários já na época colonial. Com base na reflexão desse autor, observamos que dificilmente encontramos nos museus e nos discursos transversos da antropologia, da arqueologia, da literatura, os quais constituem os lugares de memória, ou no discurso sobre o turismo estudos referentes às textualidades dos mitos, por exemplo, mas uma ênfase nas seções temáticas do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro (IHGB) e dos estudos toponímicos cujo gesto de nomear pressupõe a apropriação do tupi antigo pelos europeus. As textualidades orais são, assim, apagadas pelo gesto da escrita/escritura do europeu.

Na fala de Martim (RL 4), marcada pela etimologia do nome próprio “que na tua língua diz como filho de guerreiro” há um reforço de um dado conhecimento legitimado na sequência “o do grande povo que primeiro viu as terras de tua pátria”. Assim, observa-se o predomínio de um lugar determinado de interpretação, isto é, o lugar da descoberta pelo português.

Não pretendemos, contudo, sugerir que aquilo que vimos discutindo como memória colonial resulte apenas de repetições e movimentos de transferência ou de deriva que permaneçam imutáveis do século XVI para o século XIX. Propomos que pela relação sempre tensa entre paráfrase e polissemia, a forma de significar o que viria a se configurar como o território brasileiro passou por transformações sobretudo na forma de conceber o espaço vinculado às divisões da língua, isto é, pelo político na língua que atravessava e constituía as novas relações entre Brasil e Portugal.

Para Guimarães (2005), a língua portuguesa transportada para o Brasil em 1532 entra em choque com um novo espaço-tempo e na disputa com as línguas indígenas torna-se a língua oficial e nacional. Esse mesmo autor coloca ainda uma questão pertinente para este trabalho, a qual consiste em se pensar como a língua portuguesa no Brasil, que já era língua oficial do Estado português, passa pela transformação de língua do colonizador para a língua nacional, “comum” a todos os brasileiros.

Não vamos nos aprofundar em como se dá a sobreposição da língua oficial e da língua nacional, mas nos interessa pensar os efeitos de sentidos desse processo discursivo na literatura do século XIX à medida que outros sentidos estavam em funcionamento sobre a consolidação do conhecimento sobre o português no Brasil e que não estava alheio ao conhecimento produzido sobre a descrição do espaço e de um povo, o brasileiro.

Se de um lado, temos visto o retorno da memória de *Iracema* ao colonial, de outro, observamos que os efeitos do romântico produzem mudanças na escrita da língua e, com isso, o gesto de Alencar produz algumas rupturas com o português de Portugal, resultando em críticas ao estilo desse autor.

Para engendrarmos tal reflexão com o nacionalismo que temos abordado tanto em *Iracema* quanto no turismo, podemos dizer, com base em Guimarães (2005), que as novas condições de funcionamento do português no território brasileiro resultaram na exclusão de outras línguas (indígenas, africanas). Por isso, podemos afirmar que o português se configurou de modo específico pelo trabalho dos escritores e lexicógrafos brasileiros com o “sentimento” nacional. Longe de simplificarmos essa questão, mas ela fica em aberto nesta dissertação, se pensarmos que “o sentimento” nacional se mostra como uma regularidade em discursos do brasileiro sobre o brasileiro, especificamente no que temos desenvolvido acerca do turismo quando nos referimos ao orgulho nacional e ao patriotismo.

Falando sobre a questão linguística para entendermos um pouco do imaginário social que se constituía no século XIX, Nunes (2006) menciona que o tupi vai sendo incorporado pelo português e seu aspecto mítico de língua originária seria relevante para contribuir para a formação de uma língua nacional brasileira. Um aspecto pertinente nesse processo, segundo o mesmo autor, consiste na mudança no olhar sobre os dicionários por uma perspectiva discursiva dos instrumentos linguísticos. É por isso que destacamos o Dicionário de Língua Tupi (1858), de Gonçalves Dias, tomado como um discurso que produz na história um dado sentido para a construção de uma imagem romântica do tupi antigo. Ou seja, reforçamos que, dessa perspectiva, o efeito do romantismo não se limita

a um movimento da literatura, mas imprimia um “modo de pensar” sobre o Brasil e as línguas faladas no território brasileiro. Ressalva-se: “um modo de pensar” que elegia uma língua e excluía outras.

Primeiramente estabelece-se o “tupi antigo”, língua documentada pelos viajantes e missionários na Época Colonial. Atribui-se a essa língua originária, e morta, um caráter de perfeição, de pureza. Celebra-se uma língua idealizada, vista através de um romantismo linguístico (NUNES, 2006, p.144).

A nosso ver, pode resultar desse fato discursivo a transferência de sentidos da língua do índio, a homogeneização do tupi, no caso, para o próprio índio e para a natureza (tomada como espaço ideal, mítico), legitimada pelos sentidos do científico e do ficcional no gesto de autoria de José de Alencar. Novamente reiteramos que esse autor romântico não funda uma discursividade, mas estabelece um lugar de interpretação pelo modo como a prática discursiva do sujeito autor se inscreve na história. Especificamente nesse contexto, vamos continuar analisando o modo como a prática discursiva do sujeito autor brasileiro do século XIX se inscreve na história do Brasil.

2.4 - Uma breve passagem entre a Carta de Caminha e *Iracema*: da narração à descrição

Neste item, buscamos compreender se o tom de oficialidade do discurso sobre o turismo divulgado pelo Governo Federal mantém algumas diferenças do tom oficial da Carta de Caminha, apesar de já termos observado a regularidade da memória colonial entre ambos. Para compreendermos tais diferenças, manteremos o foco na passagem da narração na textualidade da Carta para a descrição na textualidade literária de *Iracema*.

Reiteramos que, assim como no turismo, tanto na Carta quanto em *Iracema* há a textualização do ritual da posse do espaço a ser dominado pelo colonizador.

Na Carta de Caminha, mantém-se a seguinte estruturação pela narrativa:

A voz do narrador não se volta para suas próprias ações, mas sim para as dos outros, sobretudo às do capitão da frota. Esse discurso ainda não mostra aquela individualidade com que outros viajantes e aventureiros se mostrarão, com o tom épico das narrativas de aventuras. Ao invés disso, Caminha submete-se ao lugar que as autoridades ocupam” (NUNES, 2006, p. 62).

O discurso textualizado pela narrativa da Carta funciona, de acordo com Nunes (2006), como um registro das atividades das autoridades religiosas, dos principais agentes

e instituições responsáveis (o reino, a marinha, a igreja) pela legitimação de um dizer que se constituía simultaneamente ao novo espaço, ao Novo Mundo.

É nesse lugar enunciativo que emerge o sujeito da nomeação: o capitão, autoridade da descoberta e da posse, é quem coloca os nomes na cena do achamento (“o capitão pôs nome o monte pascoal”), assim como os marinheiros, autoridades do mar, colocam nomes nas coisas de seu ofício (eram muitas quantidades de ervas compridas a que os mareantes chamam Botelho e assim outras aves a que chamam fura buchos) (NUNES, 2006, p.62).

A questão das primeiras nomeações sobre as coisas a saber do Brasil nos interessa para observarmos as semelhanças e diferenças no Turismo, mas antes buscamos compreender a passagem dos processos das nomeações no ritual de posse da narrativa da Carta de Caminha às transformações das nomeações de posse e fixação do imaginário paradisíaco em *Iracema*.

Na textualidade das cartas oficiais, Nunes (2006) diz que o gesto de nomear, no Novo Mundo, se circunscreve a algumas categorizações gerais como aves, plantas e terra. É nesse sentido que propomos que se constituíam determinados sentidos coloniais e não outros, especialmente pela relação mediada do sujeito com a ideologia e o imaginário de país que se distinguia de Portugal. Diferentemente do que observaremos nas descrições dos relatos naturalistas, por exemplo, o imaginário do paradisíaco se consolidava nas condições de produção mercantis, isto é, pela busca de ouro e metais preciosos. Desse modo, diferentemente do turismo, que se atém ao desejo pela aventura, pelo novo e pela experiência pautado no lazer, por um constante jogo de forças na reinvenção do capitalismo, o discurso que se textualiza na Carta de Caminha é marcado ideologicamente pelo desejo de aventura mobilizado pelo mercantilismo. Isto se dá de tal modo que se fixava no Novo Mundo o “pensamento” econômico do colonizador, ou seja, os gestos interpretativos dos gestos dos indígenas eram tomados pela formação discursiva do europeu. Daí a possibilidade de se interpretar que água, animais e plantas sinalizavam para uma terra rica e abundante.

Não encontramos nenhuma palavra de língua indígena em Caminha, A língua dos autóctones incompreensível para os recém-chegados, permanece intocada. O diálogo não é representado linguisticamente, mas sim pelos gestos - metodologia adotada. Caminha sugere que dois degredados fixem no país para conhecer a língua dos índios - marcando a formação de intérpretes e de uma prática bilíngue que marcará a lexicografia colonial com ênfase para o diálogo (NUNES, 2006, p.63).

Conforme o autor supracitado, também se depreende do relato do século XVI algumas marcas temporais significativas. Há um batimento alternando o momento do encontro, com o gesto de posse e a constatação da existência dos seres e das trocas econômicas com os nativos. A terra a ser desbravada apresentava-se como um desafio e como uma oportunidade para a obtenção de vantagens e riquezas pelo europeu. De um lado, as primeiras observações empíricas; de outro, o esboço de conjeturas a respeito do futuro da colônia. Parafraseando Nunes (2006), a dimensão realista e a utópica se alternam, em uma cena enunciativa que silencia o passado indígena e, a nosso ver, assim como no turismo, há um apagamento de quaisquer disputas ou gestos de violência por parte dos dominadores.

O discurso da Carta se fixou de modo específico na história. Orlandi, ao realizar uma análise da formulação “nessa terra em se plantando tudo dá”, presente nos textos que lemos “Vão surgindo os sentidos” (2003) e “Língua e Conhecimento Linguístico” (2013b), mostra que ela não corresponde exatamente ao texto original. No entanto, é aquele enunciado que se fixa no imaginário do brasileiro. O que funciona, então, no discurso são mais as imagens enunciativas do que os enunciados empíricos. Isso nos leva a considerar, conforme Nunes (2006), que apesar de, em Caminha, não encontrarmos novos elementos lexicais, nele se estabelece uma imagem enunciativa fundadora de um léxico brasileiro. Uma imagem que fixa a cena do contato, permeada pelo discurso oficial do colonizador e que produz uma interpretação do real ancorada nos primeiros gestos de uma prática lexicográfica nacional.

Acrescentamos a isso que se trata também da fixação de uma imagem que funda um “pensamento” sobre o nosso país, dito de outro modo, fixava-se uma imagem de Brasil tanto para aquele que seria tomado como brasileiro quanto para o estrangeiro, pelo gesto de interpretação do europeu.

Assim, diferentemente da narração na Carta de Caminha, em *Iracema*, observamos a descrição no gesto do autor romântico que, a nosso ver, rompe com o “modelo” europeu, mas que ainda sustenta algumas imagens enunciativas da colonização pelo funcionamento do interdiscurso.

Podemos dizer que o que se repete da FD colonial em *Iracema* também passa por transformações nas regularidades dos processos semânticos que envolvem o que temos designado como identidade nacional.

Porém, na textualidade romântica, a noção de formação discursiva contribui para a compreensão das transformações até do “mesmo” que se repete nas regularidades dos

processos semânticos em torno do processo de colonização, do qual *Iracema* toma parte. O que se coloca em *Iracema*, contudo, é a Formação discursiva do amor atravessando a FD colonial, à medida que na lenda relata-se o amor, especificamente o amor cristão, por isso, observamos também o funcionamento da FD religiosa nos discursos de colonização. Comprendemos ainda que, com a entrada da FD nacionalista no simbólico, em *Iracema*, relata-se não só o amor cristão, mas também o espaço nacional, a natureza de uma forma particular com a memória, que difere das narrativas dos relatos do século XVI, por exemplo, os quais também exotificavam a natureza brasileira.

Assim, a FD colonial passa por reestruturações ao se chocar com os saberes do século XIX legitimados pelo romantismo e pelo naturalismo, os quais podemos compreender como constitutivos da exterioridade que vai determinar a produção dos sentidos em *Iracema* no entrecruzamento de saberes, do ficcional com o religioso e o científico. Não se trata, portanto, apenas de uma lenda amorosa, embora, a FD amorosa que atravessa a lenda possibilite a compreensão do modo como o discurso de amor pode ser considerado “um lugar privilegiado da textualização da relação do homem com a subjetividade” (ORLANDI, 1990, p. 83). Tal subjetividade difere do discurso sobre o turismo, pela qual o homem se confronta com o desejo de memória, do saber histórico pela falta de uma experiência e (ou) um lazer. Entendemos que, assim como o discurso de amor, o discurso sobre o turismo pode ser um observatório dos modos de individualização do sujeito.

Antes de mencionarmos uma característica marcante para distinguirmos a textualidade da Carta de Caminha da textualidade de *Iracema* que, a nosso ver, trata-se do discurso amoroso, discutiremos brevemente sobre os efeitos do naturalismo na descrição e, conseqüentemente, nos modos de subjetivação do sujeito.

Orlandi (2013b) afirma que a descrição teoriza a objetividade na relação do sujeito com o sentido da referência, pela noção de que a palavra não é a coisa em si, mas uma simulação. Por isso, a autora diz que o naturalismo está fortemente presente no modo em que a língua brasileira foi concebida e incluímos a forma como a literatura também foi pensada e instituída no século XIX.

Retomando a passagem da narração para a descrição no século XIX, a autora supracitada diz que se trata da

passagem dos discursos da colonização para o naturalista, e nos indica sentidos que estão aliados, quanto à ciência, à possibilidade de discriminar e classificar, provendo-nos de uma discursividade que nos dá entrada no mundo do conhecimento. Descrever é fazer ciência, é

constituir um efeito leitor correspondente ao do sujeito do conhecimento (ORLANDI, 2013, p. 350).

Por fim, essa autora diz que descrever o país é criar condições para a governabilidade, isto é, propomos que o gesto de autoria de Alencar contribui para a criação de possibilidades de leituras que convergiam para a instauração de políticas burguesas nacionais, as quais, porém, ainda se alinhavam com a exploração de recursos para suprir a demanda industrial da Europa. Nesse sentido, podemos dizer que as condições de produção de *Iracema* também atravessam o turismo, tanto que a descrição no discurso sobre o turismo constantemente funciona de modo semelhante no quesito exaltação do espaço e das coisas do país. Assim, “as coisas a saber” no turismo também passam por um processo de descrição que se inscreve na história e, no caso deste trabalho, tais coisas se reatualizam sob os efeitos metafóricos de *Iracema*, ou dito de outro modo, o discurso sobre o turismo deixa vestígios do funcionamento da governabilidade de um país. Descrever no turismo é, a nosso ver, quase sempre reproduzir um discurso ancorado nas condições de produção da própria organização governamental e dos conhecimentos legitimados pelo Estado que hoje individualam o sujeito capitalista pelo digital.

Reiteramos, portanto, que o “pensamento” econômico do século XIX constitui as condições de produção de *Iracema*, embora o que esteja dito no romance aponte para o ficcional e para o discurso amoroso pelo modo de textualização do romântico na lenda.

Diferentemente do que se analisou nos relatos e na Carta de Caminha, Orlandi (1990) diz que na formação discursiva amorosa, a subjetividade não é apenas constitutiva, mas é mostrada pelo sujeito que fala de si.

Além do ficcional que observamos na lenda romântica e do sujeito que fala de si, podemos dizer que “o discurso do amor é trabalho de sentidos: nele, o já-lá e a falta se elaboram em suas fronteiras. Ele abre para o possível (e o impossível)” (ORLANDI, 1990, p.80).

É nesse sentido que temos compreendido que o modo de individualização do sujeito em *Iracema* torna visível a incompletude do sujeito, assim como os modos de individualização do sujeito no turismo mostram a relação sempre incompleta do sujeito com a ideologia. Por isso, nesse trabalho, não falamos de um discurso isolado, restrito a um tempo cronológico, mas falamos que um discurso está sempre em relação a outro (s), assim como temos construído esse percurso de sentidos, no qual o discurso sobre o turismo põe em relação os discursos sobre a literatura dos séculos XVI e XIX que estamos

recortando neste tópico. Dito de outro modo, pela discursividade do turismo acabamos inevitavelmente convocando outros discursos de maneira ainda mais explícita, embora nenhum deles, nem mesmo aqueles chamados conhecimentos interdisciplinares, encerrem em si mesmos um sentido completo e literal. É também esta relação de incompletude e da falta que temos abordado pelo modo que funcionava a narratividade tanto na Carta de Caminha quanto na descrição em *Iracema*.

Falar da incompletude do sujeito significa dizer que o sujeito é incompleto porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não tem uma relação mecânica com a ordem social de que faz parte, porque sustenta uma relação que pode ser reversível com seu interlocutor (ORLANDI, 1990, p. 85).

Para essa mesma pesquisadora, esse aspecto dinâmico do sujeito aponta para que a identidade seja um processo que passa por transformações mesmo daquilo que repete, pelo movimento descontínuo dos sentidos.

Assim, mesmo quando recortamos certas continuidades entre um movimento e outro, ainda levamos em conta que o sujeito não é consciência plena nem apenas exterior, mas é aquilo que falta, “lugar da falta, mas também lugar do possível. Lugar do jogo entre poder e desejo. Em movimento” (ORLANDI, 1990, p. 85).

Em linhas gerais, podemos dizer que a problemática em torno da identidade que temos estabelecido pela constituição dos discursos que temos recortado, incorre na questão da leitura. É nesse sentido de pensar a leitura e a literatura que também não podemos deixar de mencionar que *Iracema* é uma obra canônica. Reiteramos que o nosso viés de abordagem dos cânones, porém, tanto na literatura como no mundo das artes, aponta para a observância dos sentidos que são instituídos ou não em determinada época pelas práticas de leitura.

Por agora, objetivamos mostrar os contornos iniciais da forma como concebemos o político na leitura ao estabelecermos uma aproximação entre o canon (uma leitura do que se ensina a ler, de um arquivo) com a escritura (leitura e escrita) considerando que entre a tradição (o repetível? o mesmo) e a vanguarda (o novo) está a possibilidade de outras leituras do que já está posto, isto é, a opacidade da leitura e não- transparência de um texto.

Vejamos o aspecto da popularização que chama a atenção e que alia o processo de identidade com as textualidades românticas e uma certa legitimação de uma leitura canônica, conforme afirma Antonio Cândido:

o Romantismo puxou a literatura para temas e paisagens locais, usando linguagem mais natural, aproximada dos usos linguísticos, embora o correr do tempo a faça parecer afetada para nós. O homem comum ficava à vontade quando lia numa péssima ficção de Joaquim Norberto, ou num bom romance de Alencar, que os figurantes passeavam na Floresta da Tijuca, andavam pela Praia do Flamengo e trabalhavam na Rua do Ouvidor. Nos poemas, ouviam falar do conhecido sabiá, compreendiam as alusões às “virgens morenas” e acomodavam bem o ouvido aos ritmos parecidos com o das letras de modinha. Não precisavam ter em mente o que fora a Batalha de Salamina nem conhecer o significado de Terpsícore; muito menos saber que Febo era o sol e Cronos o tempo. Sob este aspecto, as diferentes formas de particularização foram importantes como fator de democratização da literatura (CANDIDO, 2002, p 94-95).

O autor ainda aproxima a popularização da literatura com as mudanças significativas que ocorriam no contexto político brasileiro do seguinte modo:

Importante nesse sentido foi a passagem da oralidade de salão e academia, típica do Arcadismo, para a oralidade de teatro, comício, reunião política, – coisas novas no Brasil, culminadas pelo movimento abolicionista, que pôs os poetas, oradores, jornalistas em contato intenso com o povo. Sendo mais acessível, a literatura do tempo do Romantismo pôde popularizar-se mais e dar voz aos que não tinham meios de exprimir-se em nível erudito. Por isso, ela contribuiu para a ideia que o brasileiro ia formando de si mesmo, ou seja, para o sentimento de identidade, por meio de mecanismos que ampliaram e tornaram mais comunicativa a mensagem (CANDIDO, 2002, p. 94-95).

No caso de boa parte das abordagens sobre o Romantismo, uma questão bastante forte se coloca, sobretudo, no que tange a uma espécie de oposição ao estilo clássico em virtude do que seria um estilo mais natural, mais popular. Nesse sentido, o que estava fora, o que “não era literário”, não só pode passar a ser literário, como passa a definir outros contornos para o canônico, logo, para a configuração do conhecimento sobre a identidade de um povo. A nosso ver, é nesse jogo que entra a textualização de *Iracema* como uma lenda. Isto posto, há uma reorganização das práticas canônicas e identitárias, cuja regularização é regida por uma “dominância interna” (Pêcheux, 1990) e que se constituem nas mesmas condições de produção que consolidam as políticas burguesas do século XIX.

De nossa parte, não compreendemos uma oposição entre o discurso clássico e o discurso romântico, como se fossem discursos completos, encerrados neles mesmo, mas

compreendemos que há uma completude imaginária mediada pela relação do sujeito com a ideologia. Dessa relação não escapa a classificação do que seria uma boa leitura, no caso, um romance de Alencar, de uma “péssima ficção de Joaquim Norberto” (CÂNDIDO,2002, p.94), por exemplo. Ainda refletindo sobre as leituras que fazemos, salientamos que não se trata apenas de uma questão de gosto, mas do que uma leitura implica em relação a outra (s), de uma prática significativa e excludente, embora possa estar já colocada como naturalizada.

2.5- *Iracema* e os relatos naturalistas do século XIX

Objetivamos refletir sobre a produção do conhecimento em *Iracema* no jogo da semelhança e da diferença com o discurso colonial e como a narratividade literária se inscreve nas condições de produção do discurso naturalista também sob o efeito do mesmo e do diferente que, no fio do discurso do colonizador (da descoberta), atualiza uma memória romântica sobre a natureza brasileira ainda hoje no turismo. Confrontaremos um discurso em relação ao outro a fim de determinarmos algumas regularidades entre eles e, assim, encaminharmos nossas discussões para a articulação do literário e do turístico com o digital, especialmente pela análise dos comentários produzidos pela posição sujeito turista no site Tripadvisor.

Mostraremos como os sentidos de hospitalidade / cordialidade se apresentam como regularidade não apenas em *Iracema*, mas no discurso naturalista do século XIX. Observando as semelhanças e principalmente as diferenças entre ambos, podemos compreender que os sentidos sempre podem ser outros pois as épocas em que se formulam e circulam não limitam as suas condições de produção. Isto porque podemos analisar textos da mesma época como *Iracema* e os relatos de Florence e encontrarmos diferentes Formações Discursivas e posições-sujeito em cada um deles, embora seja consenso que o romantismo é preponderante em *Iracema*, assim como o cientificismo naturalista seja predominante nos relatos. Entretanto, mostraremos que, em alguns momentos, essa divisão entre o literário e o científico não é estanque, visto que alguns sentidos se cruzam e os atravessam. Inclusive consideramos que os dados apresentados nos relatos só são possíveis pelo gesto de interpretação, sendo a partir dessa reflexão que poderemos observar regularidades entre o científico e o literário. Nesse caso, propomos que a memória do científico pelos relatos e a descrição do século XIX se aproximam do turístico

no século XXI. Assim, vimos abordando que o turismo funciona apresentando uma narratividade específica. Tratam-se de ressonâncias do científico e do literário, bem como de outros discursos (econômico, político, administrativo, ecológico etc.), mas é pelo modo particular que ele os organiza durante sua constituição, formulação e circulação que podemos caracterizá-lo como turístico.

Neste subitem, recortamos a palavra hospitalidade em trechos (recortes) de dois livros de dois naturalistas franceses Hercules Florence e Saint-Hilaire não apenas com enfoque na palavra, mas pelo tema de alguns pré-construídos sobre o Brasil como a generosidade, a cordialidade, a ingenuidade do povo etc.

Durante muito tempo o Brasil foi falado de fora, ou melhor, foi falado apenas de fora. Relatos de viajantes, descrições de naturalistas, análises de estudiosos configuram a nossa história e apresentam-nos identidade. Faz parte da história do Brasil ser falado pelo estrangeiro, ser explicado pelo estrangeiro, ser definido pelo estrangeiro. Estrangeiro, no caso, europeu. Faz parte da nossa memória ouvir o outro nos dizer. Faz parte do nosso imaginário termos nossa identidade instituída, configurada pelo outro (MEDEIROS, 2003, s/p).

Com o intuito de se confrontar o discurso sobre a historiografia, especificamente o conhecimento científico produzido por viajantes franceses naturalistas, com o discurso literário romântico, salientamos que o século XIX trouxe mudanças, outras filiações possíveis para o discurso colonial. Observaremos as posições sujeito tomando a historiografia como discurso, ainda que atravessada por outros discursos, como o bandeirantismo, o tropeirismo que se inscrevem em redes de filiações de sentidos e às quais se filia o discurso sobre o turismo. Destacamos, contudo, que neste trabalho não analisaremos tais discursos transversos, visto que mantemos o enfoque no romantismo, porém não negamos a existência de tantos outros discursos que falam do Brasil para o brasileiro pelo efeito de memória no turismo.

Assim, nos inspiramos na produção de Medeiros (2003, 2011) pelo modo como a autora trabalha as três formações discursivas relacionadas ao dizer identitário do brasileiro para falar do próprio brasileiro.

Essa pesquisadora analisa, dessa forma, como o heterogêneo se articula e trabalha a identidade brasileira e os modos de mediação do dizer pelas crônicas jornalísticas. Recortamos, assim, o seguinte dizer:

É da conjugação da relação entre as posições discursivas do estrangeiro e do brasileiro que se materializam as formações discursivas apontadas.

Na primeira FD, da descoberta, por exemplo, se observa a aquiescência e a acolhida da fala estrangeira.

Na segunda FD, o conflito que resulta, muitas vezes, em confronto. Na primeira, encontra-se sobretudo, a voz com nome (estrangeiro identificado por um nome). Na segunda, encontra-se, sobretudo, a voz anônima. Já, na terceira, não se tem nem aquiescência nem confronto entre posições discursivas do estrangeiro e do brasileiro, antes devolve-se à posição estrangeira à condição estrangeira, à condição de estranhamento; faz-se com que ela dissoe em seu próprio dizer. Aí se encontram a voz anônima (MEDEIROS, 2003, s/p).

Em nosso caso, observaremos o heterogêneo no dizer do estrangeiro sobre o brasileiro nos relatos do século XIX que, por sua vez, retorna na temporalidade do turismo sob o efeito da memória.

Vejamos alguns recortes temáticos sobre uma característica que dá visibilidade ao povo brasileiro, a cordialidade, nas descrições do século XIX, em Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de Hercules Florence, obra traduzida por Taunay, membro do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e, na sequência, de Saint-Hilaire, em Viagem à província de São Paulo:

Recorte 1- Vimos casas, aqui e acolá, e sítios em geral cultivados. Chegaram as canoas e abicaram acima da cachoeira a fim de transpô-la no dia seguinte, pois a tarde já ia caindo. Fomos, mais abaixo, ter à vivenda de uma D. Francisca, **onde nos receberam muito amavelmente**. Até agora a viagem é um verdadeiro passeio. A companhia é numerosa e senhoras vêm nos acompanhando. Atravessasse com dia um belo país e à tarde acolhemo-nos a habitações, **cujos moradores esperam por nós e nos dispensam todos os favores da hospitalidade. Alegria também não faltava** (FLORENCE, 1977, p.30).

Recorte 2- O sítio é agradável; **as cercanias montuosas e capazes de muita fertilidade**. São bosques, cerrados, vales e chapadas. (...) **Extrema é a miséria dos habitantes. Pelos bens que possuem pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes**. Não há senão alguns homens, tidos por dinheirosos, que andam vestidos com calças e camisa de pano grosso. O resto não usa senão de ceroula, quase tanga; a maior parte das mulheres traz sobre o corpo uma saia. (...) raramente provam carne de seus magros porcos ou usam de ovos e de carne de vaca: isso tudo quase sem sal, porque é artigo muito caro. O preço com efeito é 1\$800 (10 a 12 francos) por um prato raso, o que não conseguem senão quando algum negociante por lá passe e queira trocá-lo por milho (FLORENCE, 1977, p.74).

Recorte 3 - Dia 27. **Com grande custo embarcamos hoje nossos remadores**. Uns estavam completamente embriagados; outros não queriam deixar os parentes ou amigos (...). **Esta gente recebe metade**

do salário adiantado e, enquanto tem um real, bebe a mais não poder ou gasta tudo com mulheres (FLORENCE, 1977, p.30).

Recorte 4 - Chegamos, no dia 28, às 10h da manhã a uma fazendola chamada Paderneiras, do nome do possuidor, cuja atividade, ajudada por três escravos, em poucos anos a havia fertilizado de modo notável. **Assim como todos os bons habitantes deste país, fez-nos muita festa e tratou-nos com a maior cordialidade** (FLORENCE, 1977, p. 33).

No recorte 1 observamos a regularidade da hospitalidade e da alegria associada aos moradores do Brasil, presente em **“onde nos receberam muito amavelmente, cujos moradores esperam por nós e nos dispensam todos os favores da hospitalidade. Alegria também não faltava”**. A alegria aparece também como uma característica inata no contraste com a miséria dos habitantes no recorte 2 em **“Extrema é a miséria dos habitantes. Pelos bens que possuem pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes”**. O que chama a atenção ainda nesse recorte é o retorno do pré-construído da fertilidade já observado na Carta de Caminha, que no relato de Florence é dito do seguinte modo **“as cercanias montuosas e capazes de muita fertilidade”**. Percebemos, inclusive, outra contradição que constitui a identidade nacional, que nos torna simultaneamente ricos pelos recursos naturais, mas economicamente pobres no contexto da mundialização. A desigualdade em nosso país é ainda naturalizada pelo ideário de uma terra fértil, de natureza paradisíaca com muitas riquezas naturais, mas que não são acessíveis para o benefício da sua própria população. A naturalização da desigualdade no Brasil acaba, assim, sendo “pacificada”, “mediada” no contraste dos poucos homens endinheirados com o imaginário do brasileiro simples, espontâneo e alegre, porém, que não possui a mesma capacidade do europeu para progredir, conforme analisamos no recorte 2. Assim, o gesto de descrição naturalista é atravessado pela formação discursiva da descoberta e ainda continua naturalizando o estado selvagem dos habitantes locais no século XIX, porém, aliando não mais apenas o discurso transversal do religioso ao literário, mas principalmente o científico. Ou seja, o naturalismo legitima uma prática discursiva em que a designação selvagem funciona ideologicamente na evidência de uma prática que pode ser “demonstrada” por observações e coleta de dados ainda que resultasse cientificamente na desvalorização da produção nacional. Podemos dizer que alguns sentidos produzidos pela leitura dos naturalistas franceses sobre o nosso país, deram continuidade a uma história brasileira contada por um desdobramento da memória europeia, propiciando a institucionalização de um conhecimento que até hoje, a nosso ver, inferioriza academicamente o brasileiro.

Retomando, a regularidade da cordialidade topa-se também com a incapacidade do brasileiro para gerir os recursos nos recortes 3 e 4. O brasileiro aparece generalizado pelos vícios ora pelo desapego ao trabalho em **“Com grande custo embarcamos hoje nossos remadores”** ora pelos gastos excessivos com bebidas e prostitutas em **“Esta gente recebe metade do salário adiantado e, enquanto tem um real, bebe a mais não poder ou gasta tudo com mulheres”**.

Na sequência, há ainda a regularidade da cordialidade vinculada sempre aos proprietários e não aos nativos indígenas, por exemplo. Uma discrepância com o imaginário da hospitalidade indígena que é construído em *Iracema*. Tal restrição significa na descrição que Florence faz da recepção na fazenda Paderneiras, a qual recebe o nome do proprietário. **“Assim como todos os bons habitantes deste país, fez-nos muita festa e tratou-nos com a maior cordialidade”**. Pelo deslize podemos compreender, nesse recorte, que são os proprietários **“os bons habitantes deste país”**.

Observamos ainda que enquanto nos relatos científicos os sentidos de hospitalidade derivam para a elite burguesa que se consolidava no Brasil, em *Iracema*, a nosso ver, a transferência da hospitalidade para o índio não escapa à rede de sentidos que mobiliza a região da memória que interpreta o brasileiro pela memória europeia, pelos sentidos da civilização europeia cristã.

Em algumas passagens, há ainda uma distinção entre as senhoras que eram esposas de negociantes e estrangeiros das mulheres que eram prostitutas, apesar das escassas menções às mulheres brasileiras e ao falar das indígenas, por exemplo, há uma outra regularidade que consiste nas represálias aos costumes dos selvagens, especialmente no que diz respeito às práticas sexuais.

Já Saint Hilaire parte de uma descrição que elege o paulista como herói, aquele que vai domesticar a natureza selvagem dos sertões – destaque para os feitos heroicos dos bandeirantes - esse efeito de memória (homogênea) do colonizador intrépido retorna sob a identidade/unidade do paulista. Os feitos heroicos dos paulistas mostram uma controversa relação dos “miscigenados” brasileiros civilizados, os catequizados versus os selvagens (nativos indígenas). Vejamos:

Recorte 5 - Esse rápido esboço bastará para mostrar como é arriscada essa viagem fluvial, quase tão longa quanto a que se faria da Europa até as Índias Orientais. Tão perseverantes quanto intrépidos, os paulistas enfrentavam todos os perigos. Não temiam nem as flechas dos **selvagens**, nem a fome, nem as intempéries, nem o cansaço, nem as privações de todo tipo – nem mesmo as pestes, que, no entanto, tinham

dizimado naqueles sertões um número tão grande de **pioneiros** (SAINT- HILAIRE, 1976, p. 179).

Na descrição de Saint Hilaire, no recorte acima, observamos a constituição de um imaginário heroico do paulista desbravador. A palavra “pioneiros” significa, assim, pela formação discursiva colonial e ainda hoje retorna no turismo quando se fala do bandeirantismo. Não vamos nos aprofundar nesse tema, mas chamamos a atenção para o modo como a textualidade do relato apaga a população autóctone, excluindo-a, reduzindo os indígenas a “selvagens” enquanto que cabe ao homem branco a posição de herói civilizador.

Recorte 6 - A região apresenta ora encantadores grupos de árvores, ora pastos de capim rasteiro. Por todo lado se vêem bonitas casas espalhadas pelo campo. Araucárias e algumas palmeiras ressaltam acima do arvoredo, e de todo esse conjunto resulta uma paisagem das mais agradáveis. O Anhangabaú, um simples filete de água, vai desaguar, abaixo do convento dos beneditinos, no Tamandataí, que em seguida sai serpeando no meio dos pastos brejosos, contribuindo para quebrar a monotonia da paisagem. Não somente é encantadora a localização de São Paulo, como aí se respira um ar muito puro. O número de casas bonitas é bastante grande, as ruas não são desertas como as de Vila Rica (Ouro Preto), os edifícios públicos são bem conservados, e o visitante não se vê afligido, como na maioria das cidades e arraiais de Minas Gerais, por uma aparência de abandono e miséria (SAINT- HILAIRE, 1976, p.127).

Recorte 7 - Achei as moradas dos habitantes mais graduados de São Paulo tão bonitas por fora quanto por dentro. O visitante é geralmente recebido numa sala muito limpa, mobiliada com gosto. As paredes são pintadas de cores claras, e as das casas antigas são ornadas com figuras e arabescos. Nas recentes, as paredes são lisas, com cercaduras e lambris, à semelhança do nosso estilo europeu. Como não haja lareiras, os objetos de enfeite são colocados sobre as mesas, como, por exemplo, castiçais, frascos de cristal, relógios de pêndulo, etc. Comumente, também, as salas são ornadas de gravuras, as quais, entretanto, são constituídas pelo refugo das lojas europeias. Era tão **pouca a noção de arte do povo do lugar, à época de minha viagem, que eles nunca deixavam de me chamar para admirar suas obras-primas** (SAINT- HILAIRE, 1976, p.128).

Nos recortes 6 e 7 observamos uma relação mais explícita dos relatos com a regularidade da cordialidade com os visitantes. Há ainda uma relação tensa entre visitante e morador, pela formulação da arquitetura europeia como superior em **“pouca noção de arte”** mesmo dos mais graduados habitantes. Outra regularidade dos relatos que retorna no turismo pode ser observada em **“eles nunca deixavam de me chamar para admirar suas obras-primas”**. Neste caso estamos nos referindo **ao orgulho em mostrar as coisas**

do país para o estrangeiro, conforme vimos no recorte da Campanha do Governo na Revista #PARTIUBRASIL “**Aqui e Agora. Sabe o orgulho que a gente tem ao mostrar o nosso país para um estrangeiro?**”. Retomamos esse recorte do capítulo 1, contudo, compreendemos uma distinção dessa retomada tanto com o dizer no relato naturalista quanto no que está dito em *Iracema*. Em ambos os casos, julgamos que se trata da relação dos sentidos com o interdiscurso pelo funcionamento do pré-construído da hospitalidade no imaginário da colonização que se cristalizou no Brasil. No relato, trata-se do estrangeiro falando do “costume” do brasileiro para o estrangeiro e, apesar de alguns elogios à receptividade nacional, nota-se um certo desprezo a essa prática, pelo deslize dos sentidos em “**Era tão pouca a noção de arte do povo do lugar**”. Ou seja, o estrangeiro se distancia da prática do “**povo do lugar**” e ao não nomear o lugar, banaliza-se os sentidos que se possa atribuir a uma “cultura” do país em questão.

Dito de outro modo, o artigo de Zoppi-Fontana (2012) corrobora a possibilidade de uma determinada interpretação que reitera os efeitos da memória colonial para o caso específico deste recorte. Observamos, assim, a representação da França como o espaço-origem para a produção de um gesto de interpretação novo e legítimo referente às práticas científicas e culturais, enquanto que o Brasil e o Novo Mundo aparecem como espaço de importação e imitação das práticas europeias.

Recorte 8 - **Os índios têm necessidade de mentores**, e é pouco provável que lhes seja restituído o que eles perderam. **Mais cedo ou mais tarde eles estão fadados a desaparecer da face da terra** (p. 161).

Recorte 9 - **A mistura de pastos e capões, que torna tão agradável as paisagens nos arredores de São Paulo, desaparece completamente, e só se vêem densas e altas florestas** que ressoam com o canto da araponga e onde os macacos uivadores soltam os seus gritos surdos que lembram o escochar das águas. Nos pontos onde as matas foram cortadas, as capoeiras tomam o seu lugar, mas em nenhuma parte elas são entremeadas de pastos (p. 163).

Recorte 10 - Antes de chegar a Porto Feliz eu desconhecia a pouca importância que tinha então a navegação do rio Tietê. Tinha esperado encontrar ali a mesma agitação que se vê nas nossas pequenas cidades situadas à beira de rios razoavelmente volumosos. **Mas minha expectativa foi muito além da realidade. Só encontrei em Porto Feliz três ou quatro canoas que serviam aos agricultores (...). Nada indicava a existência de um porto (...). Também ali é a cultura da cana-de açúcar que faz a riqueza da região.** Os moradores do lugar asseguram que suas terras, de cor vermelha, são mais apropriadas a esse tipo de cultura do que as de Itu (p. 180).

Com relação ao recorte 8, mantém-se a regularidade do dizer em *Iracema* “Tudo passa sobre a Terra” (ALENCAR, 1999, p.89), que recortamos em **“Mais cedo ou mais tarde eles estão fadados a desaparecer da face da terra”**. A circulação do sentido de extermínio do indígena, por se tratar de uma sociedade inferior, associada a um obstáculo ao progresso, muitas vezes acaba funcionando como justificativa para a necessidade de domesticação, de apagamento do índio pelo gesto de interpretação do europeu. Também observamos uma regularidade do romântico que é o sentimento do índio ingênuo, porém na textualidade do relato constitui-se o sentido do índio incapaz, conforme notamos em **“Os índios têm necessidade de mentores”**. Tal imaginário do índio associado ao primitivo, ao atraso, circulava ainda enquanto um saber científico tanto na textualidade literária quanto na textualidade do relato naturalista, ou seja, o naturalismo atravessa o romântico, embora possam não coincidir diretamente, sobretudo, pelo aspecto ficcional da lenda de *Iracema*.

No recorte 9, faz-se perceptível o efeito do exótico no gesto de descrição do autor, sendo que a regularidade da beleza que se repete em *Iracema* também diz respeito à paisagem, porém a natureza é textualizada pelos sentidos do surpreendente (daquilo que pode impressionar e/ou causar espanto ao perturbar o já-sabido), do que se confronta com a paisagem dos pastos já conhecidos pelo europeu. Observamos tal gesto de interpretação em **“A mistura de pastos e capões, que torna tão agradável as paisagens nos arredores de São Paulo, desaparece completamente, e só se vêem densas e altas florestas que ressoam com o canto da araponga e onde os macacos uivadores soltam os seus gritos surdos que lembram o escochar das águas”**. Assim como temos analisado no discurso sobre o turismo, os dizeres sobre as águas do Brasil, quando não textualizam a memória da natureza próspera e abundante, textualizam os sentidos do fascínio pelo exótico e, no caso dos relatos, podemos aproximar o que circula pelo pitoresco, aquilo que é interessante para ser pintado, do que impressiona e deveria ser registrado, desenhado etc, a fim de ser observado e estudado pelo autor naturalista.

Destacamos que a narratividade da descrição do lugar aproxima o relato do século XIX com o “gosto” pelo turismo como analisaremos nos comentários do Tripadvisor no terceiro capítulo. Isto se torna visível no recorte 10 em **“minha expectativa foi muito além da realidade. Só encontrei em Porto Feliz três ou quatro canoas que serviam aos agricultores (...). Nada indicava a existência de um porto (...). Também ali é a cultura da cana-de açúcar que faz a riqueza da região”**. Desse recorte compreendemos que o gesto de descrição do espaço se dava em relação a outro espaço, especificamente

numa relação que opunha Brasil e Europa. Ademais, o pré-construído da cultura agrária que enriquece o Brasil funciona em contraste com a quebra de expectativa no efeito sujeito e expõe a contradição da riqueza da região, visto que apaga o modo de vida dos moradores, os quais são substituídos por agricultores e possuem apenas três ou quatro canoas.

Vejam na sequência um recorte do relato de Hercules Florence:

Recorte 11 - Já mostrei em outro relato que **o Brasil ainda deve continuar totalmente agrícola, não tendo ainda alcançado a fase em que seria vantajoso instalarem-se nele grandes indústrias.** Entretanto, quando chegar essa época é por São Paulo que se deve começar. **O clima da província não é tão enervante quanto o do norte do Brasil,** o custo de vida é razoável e **os hábitos do povo da região tornam-no mais indicado aos trabalhos sedentários** do que os dos habitantes da província de Rio Grande de São Pedro do Sul (p.133).

No recorte 11, podemos notar as ressonâncias discursivas sobre o Brasil associado ao atraso que já circulava desde a colonização, pela regularidade do primitivismo. Mas diferentemente da textualidade romântica, há um atravessamento do discurso econômico por menções explícitas ao desejo de desenvolvimento do país. Mas diferentemente da regularidade da idealização nas ressonâncias românticas que retornam no turismo, pode-se observar que o clima é abordado de outro modo sob os efeitos do naturalismo.

O gesto de descrição de Florence se aproxima, assim, de um relato quase autobiográfico que se diferencia da descrição romântica, pois, diz respeito a outra posição sujeito, a do cientista, que realiza suas pesquisas de campo, que estuda o espaço, a natureza e não apenas a “contempla” ou a “exalta” como o gesto de interpretação do autor romântico. O gesto de interpretação do autor naturalista também interpretava o conhecimento sobre o país, estabelecendo regularidades presentes até hoje quando se fala de clima no Brasil, conforme observado em **“O clima da província não é tão enervante quanto o do norte do Brasil”**.

Desse modo, a narratividade do relato não idealiza o Brasil, mas ainda assim constitui e formula sentidos que até hoje vinculam o nosso país a um desenvolvimento tardio, ao país do atraso à espera do progresso europeu. Eram esses sentidos que circulavam e se textualizavam nos relatos e que se homogeneizavam, produzindo um efeito de indistinção entre as características do espaço e do clima com os hábitos dos moradores locais, conforme notamos em **“os hábitos do povo da região tornam-no mais indicado aos trabalhos sedentários”**. Tal regularidade do povo que deve ser civilizado,

atualiza a memória da colonização do nosso país, fazendo ressoar sentidos que se textualizavam também na Carta de Caminha, como a necessidade de se administrar os recursos devido à incapacidade dos nativos que eram tomados como selvagens, logo, incapazes.

Salientamos que o discurso textualizado pelos relatos funciona em tom autobiográfico e, embora, possa ser diferenciado da textualidade literária romântica de *Iracema*, há ainda algumas semelhanças entre tais textualidades. A Carta que analisamos no prefácio de *Iracema* apresenta o mesmo tom autobiográfico dos naturalistas diferentemente do “Argumento Histórico” que se distingue da descrição tanto da Carta quanto da lenda, justamente por se tratarem de textos de diferentes naturezas. Apesar das distintas narratividades que textualizam o conjunto da obra, ainda se nota, em *Iracema*, uma aproximação do cientificismo que atravessa o discurso naturalista do século XIX também pelo imaginário do índio e da natureza enquanto um mesmo objeto para falar do primitivismo do Brasil. Há, contudo, uma diferença notável. Pelo nosso entendimento, na textualidade de *Iracema*, identifica-se uma reinvenção do colonial, levando em conta a exterioridade, pelo que podemos nomear como nacionalismo, embora o nacionalismo do século XIX também não seja o mesmo hoje no século XXI. Falamos de um nacionalismo literário que não identificamos nos relatos naturalistas, apesar de algumas regularidades permanecerem na base constitutiva tanto do romantismo quanto do naturalismo, conforme vimos analisando.

Destarte, podemos compreender que o autor romântico e o autor naturalista são interpelados ideologicamente ao discurso que produzem, apesar de ocuparem diferentes posições-sujeito. Entretanto, há condições de produção que determinam todo dizer produzido no século XIX e que, inclusive, estabelecem os contornos dos conhecimentos que são produzidos, como por exemplo, os sentidos que dão corpo ao cientificismo como um “método” a ser aplicado também nas ciências humanas.

CAPÍTULO 3 - EFEITOS METAFÓRICOS DE *IRACEMA* NO TURISMO PELO DIGITAL

3.1- Tripadvisor e *Iracema*: a construção de um *corpus* em articulação com o digital

Naquele momento, de joelhos, a teus pés,
essa grande luz encheu meu coração.
Acabava de ultrajar-te cruelmente;
detestava-te com todas as forças de minha
alma, e de repente todo aquele ódio violento
e profundo fez-se amor! Mas que amor!
(José de Alencar em *Diva*, p. 126)

É pensando nas representações imaginárias entre o turista e o morador que recortamos como a memória em *Iracema* se atualiza no site Tripadvisor, bem como se dão os modos de subjetivação do usuário/leitor desse site. Convém destacarmos que levamos em conta, no processo de análise, a passagem da nomeação da mulher indígena enquanto personagem da obra *Iracema*, de José de Alencar, para a manutenção do referente feminino, mas agora ressignificado pelo movimento de deriva como lugar turístico pela Praia de Iracema, situada em Fortaleza- Ceará.

Para tanto, não deixaremos de considerar a exterioridade, isto é, as condições de produção do discurso em análise. Essas condições estão representadas por formações imaginárias: a imagem que o falante tem de si, a que tem do seu ouvinte etc. Assim, vemos as formações imaginárias como noção elaborada por Pêcheux (1990) e desenvolvida por Orlandi (2013a), com destaque para o mecanismo de antecipação, pelo qual o turista “sabe” o que pode ser interessante ou não para outro leitor turista no site Tripadvisor, por exemplo, de modo que se produzam determinados efeitos de sentidos entre os locutores.

Tomamos os comentários como formulações que atualizam a memória em determinadas condições de produção, pelas quais o site se constitui. Acreditamos que as condições de produção das campanhas institucionais, como a da #partiuBrasil, promovida pelo Governo Federal, constituam ou atravessem de algum modo o lugar de interpretação para o sujeito avaliador do site Tripadvisor.

Pelo funcionamento do digital, a avaliação marca o valor econômico, pois ainda que para o leitor funcione o efeito de transparência no gesto de avaliar, na conjuntura capitalista, não se trata simplesmente de avaliar, ou seja, avaliar é mais do que dizer se é bom ou ruim. Para o Tripadvisor, avaliar é uma questão econômica que funciona pelo digital.

O que nos interessa, neste capítulo, não é a hashtag em questão, mas o modo de individuação do sujeito pelo Estado, no caso, o enfoque será sobre os modos de individuação da posição-sujeito turista que não está alheia à produção do conhecimento sobre o Brasil pelo Governo Federal. Muito pelo contrário, pela filiação à Análise de Discurso (AD), observamos que pode não haver uma ruptura com o que é dito aqui e o dizer em outro lugar justamente pelo funcionamento do interdiscurso, no qual a significação das coisas joga com o esquecimento. Analisaremos, assim, as derivas dos sentidos no fio do intradiscurso com o interdiscurso, bem como da metáfora com a metonímia quando pensamos nos modos de circulação das coisas a saber sobre o Brasil.

Resumindo o texto do próprio site, o Tripadvisor se classifica como uma plataforma reconhecida internacionalmente por reunir milhões de avaliações e “opiniões” de lugares, hotéis, alojamentos, restaurantes, experiências, companhias aéreas e cruzeiros. Atua em 49 mercados e 28 idiomas.

Essa breve descrição do *corpus*, possibilita-nos pontuar uma questão antes da análise dos recortes do site. Faz-se necessário destacarmos alguns dos efeitos da memória metálica, consoante Orlandi (2009), que funciona pela “infallibilidade” das informações sobre turismo e pela “confiabilidade” do site Tripadvisor pela ideia de que “você pode encontrar todos os destinos turísticos neste site”.

Agora, retomando a análise do texto que resumimos do mesmo site, pontuamos o seguinte. Considerando que o sentido sempre pode ser outro na AD e que as palavras podem significar diferentemente conforme a determinação da formação discursiva, destacamos que a substituição de “países” por “mercados”, por exemplo, já naturaliza a relação entre turismo e economia, especialmente nas condições de produção do discurso digital. Julgamos ser também uma especificidade do digital a designação “experiências”, pois produz um efeito de proximidade entre os usuários, no caso, produz sentidos entre leitores pelo compartilhamento.

Em linhas gerais, analisaremos as avaliações dos turistas referentes à praia de *Iracema*, observando as modalidades discursivas de identificação e contraidentificação e o conflito com o real resultante do imaginário paradisíaco que a nomeação *Iracema* pressupõe.

Para compreendermos a relação do sujeito contemporâneo com as regularidades e as ressonâncias do romântico (século XIX) no *corpus* de análise, abordamos o funcionamento subjetivo das três modalidades discursivas propostas por Pêcheux e retomadas por Beck (2015):

1) Identificação na qual há recobrimento do sujeito da enunciação e do sujeito universal, o “bom sujeito” que reflete o Sujeito, pelas contribuições da psicanálise lacaniana. Mas o recobrimento nunca é completo, devido à fragmentação do sujeito. Seria “aquele que resiste inconscientemente e produz falhas no ritual de interpretação ideológica” (BECK, 2015, p. 72).

Vejamos como esta modalidade é formulada por Pêcheux:

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a tomada de posição do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do bom sujeito que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos, o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica (Pêcheux, 1995, p. 215).

2) Contraidentificação enquanto “tomada de posição” do sujeito que interpreta, parafraseando Beck (2015), relaciona-se à revolta do “mau sujeito” contra a matriz dos sentidos da ideologia dominante, uma posição crítica conformada, sem aberturas para grandes rupturas.

A segunda modalidade caracteriza o discurso do mau sujeito, discurso no qual o sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma tomada de posição que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento) do que o sujeito universal lhe dá a pensar. (PÊCHEUX, 1995, p. 215).

Nesse caso, conforme Pêcheux (1995), o “mau sujeito” se contraidentifica com a formação discursiva determinada pelo interdiscurso o qual “continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito em uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida” (PÊCHEUX, 1995, p. 216).

3) Desidentificação. Segundo Pêcheux (1995), a terceira modalidade discursiva é caracterizada por integrar um efeito que “toma a forma de uma desidentificação”. O funcionamento dessa modalidade consiste num trabalho (transformação-deslocamento) da forma-sujeito e não sua verdadeira anulação.

Ressaltamos, porém, que a relação do sujeito com tais modalidades se dá de forma dividida. Especialmente se pensarmos no trabalho árduo do analista de discurso, podemos refletir: afinal, o que nos é apreensível e acessível com relação à tomada de posição do sujeito numa dada FD se não os modos pelos quais o sujeito se contraidentifica? É por isso que optamos, neste trabalho, por investigarmos os modos de subjetivação pelos quais o sujeito se diz e, simultaneamente, se contradiz, visto que não acreditamos num sujeito

pleno, que tudo pode sentir e tudo dizer sobre um determinado assunto, sobre um país e sobre turismo, embora nas avaliações do Tripadvisor, o sujeito se apresente assim, em plena autonomia e razão de si.

Para Beck (2015), é próprio à forma-sujeito capitalista o Sujeito Universal diferentemente do que se via na forma-sujeito religiosa da Idade Média, pois o assujeitamento persiste sob o aspecto do “sujeito livre e responsável”. Por esse viés, Orlandi (2013a) concebe o sujeito livre em relação a uma submissão sem falha.

Assim como faz parte do capitalismo a sua manutenção por uma transformação contínua, observamos esse efeito próprio do capitalismo nas derivas dos sentidos da literatura e das artes para o turismo, um lugar em que muitas vezes não acreditamos haver espaço para os discursos que associamos às resistências, isto é, a outros modos de historicização do brasileiro na história através do turismo.

Buscamos mostrar, com nossas análises, que o turismo é uma extensão de continuidades na esteira da “reciclagem do capitalismo”, mas nos incomoda pensar que o que é dito sobre o turismo hoje só pode ser assim. Inspirados em Beck, deixamos em aberto o questionamento sobre como poderíamos superar as regularidades próprias ao funcionamento do discurso dominante sobre o turismo.

Esse autor retoma a modalidade discursiva da desidentificação como “processo, movimento, ruptura e não como estado subjetivo estabilizado” (BECK, 2015, p. 74) e acrescenta que as modalidades de identificação e desidentificação não remetem apenas às FDs, mas ao espectro do funcionamento das ideologias dominantes e dominadas.

Isto posto, assim como o autor supracitado, com o gesto analítico, faremos vir à tona as várias posições-sujeito no discurso sobre o turismo. Também não acreditamos numa posição simétrica de desidentificação plena para a posição-sujeito turista, por exemplo, nem que as resistências inconscientes sejam suficientes para efetivas transformações sociais nos dizeres turísticos, ainda que o turismo possa se fazer observável enquanto prática dos rituais cotidianos.

Recortamos a praia de Iracema nas avaliações dos turistas no site Tripadvisor principalmente em torno do período de 2014, ano da Copa do Mundo sediada no Brasil. Pretendemos observar se há uma quebra do horizonte de expectativas ou uma continuidade do romântico no imaginário dos turistas pelo funcionamento discursivo dos comentários. As avaliações não serão tomadas como transparentes ou de uma perspectiva pragmática do sujeito que dá a sua opinião, que atribui um valor, mas discursivamente. Recortamos o Brasil e a natureza tomados como um valor social, à luz da noção de valor

em Oliveira (2014), a divisão do real na qual o conflito político se inscreve, sendo a natureza, o meio ambiente e o espaço da praia de Iracema objetos do dizer, sustentados pela sociedade nos processos discursivos.

Chamamos ainda a atenção para outros trabalhos desenvolvidos pelo enfoque na praia de Iracema.

A Praia de Iracema, historicamente, é um lugar de disputa na capital cearense. Se, por um lado, há uma apropriação da elite econômica e intelectual, por outro, ela é tomada pelo turismo internacional e torna-se espaço de prostituição e exploração sexual infantil” (PARENTE, 2019, p.155).

A dissertação de Parente (2019) retoma ainda outro trabalho

Na dissertação Território livre de Iracema: só o nome ficou? Solange Schramm (2001, p. 76) mostra que, paralelo ao domínio pela elite da Praia de Iracema, há um “apego a uma fantasiosa época de ouro”, atribuindo ao bairro a condição de um espaço edênico, um paraíso perdido, que, além do mar, o tempo carregou. Há, segundo a pesquisadora, a recorrência de transformar a narrativa do bairro como um espaço de tradição (PARENTE, 2019, p. 158).

Observamos, com esses trabalhos, que algumas regularidades como os problemas sociais e a nostalgia romântica de um paraíso perdido na praia de Iracema também emergem como pré-construídos nas análises que faremos do *corpus*.

Mas como o enfoque desta dissertação se trata da análise de uma memória colonial que se re-atualiza na literatura, pelo discurso romântico, procederemos com o objetivo de observar também os efeitos do ficcional na textualidade do romântico em circulação que afeta a relação do turista com o real e que frequentemente silencia uma crítica mais reflexiva.

Pelos recortes das pesquisas que analisamos, parece-nos que há uma contraposição ao romântico, porém mesmo nessa “ruptura” o sujeito turista ainda possui a natureza idealizada como referencial para o Brasil e mais especificamente para a Praia de Iracema, enquanto referente.

Não conseguimos estabelecer uma regularidade se, com a Copa em 2014, houve posicionamentos mais positivos quanto à praia, mas observa-se um padrão para as críticas que são contra problemas sociais em contraste com a beleza natural da praia. Há no dizer do turista um apagamento do morador. No turismo, não há lugar para o cotidiano que não coincide com a expectativa do turista, o que resulta muitas vezes num embate de interpretações. Por vezes o turista predominantemente de outros Estados, nessas avaliações, convive com problemas semelhantes em seu local de origem, mas que são

inaceitáveis nos lugares interpretados como turísticos, a exemplo de Fortaleza. Veremos ainda se algumas avaliações negativas se pautam em uma exaltação à personagem Iracema ou a uma regularidade do romantismo de exaltação da natureza virgem, um culto ao passado e do saudosismo a um tempo de um “paraíso perdido”.



Figura 1 - Visão Geral da Praia de Iracema. Nota média de avaliação 4. Total de avaliações: 7.902

Nº 33 de 156 atividades em Fortaleza. Praias. Acesso em 25 out. 2021.

Na sequência, recortamos as avaliações do site referentes à praia:



Recorte 1: **Não pode tomar banho agua imprópria para banho, não pode andar a noite muito mendigo e pessoas estranhas e ladrões (...)** não tem policiamento, **é feia e tem obras em alguns pontos tampando a visão da praia**, lugar cheio de becos, se quiser ficar próximo a tudo fique na praia meireles próximo a tudo, ao contrário de Iracema, ela também é imprópria para banho, mas é próximo de tudo com edifícios lindos a beira mar (...) Data da visita: fevereiro de 2015.

Recorte 2: “**Bonita**”. Dizem que eh a praia mais bonita da cidade. Realmente eh, mas deixa muito a desejar. Suja, **gente feia**, música ruim...Data da visita: dezembro de 2012.

Selecionamos os dois primeiros recortes com base numa oposição que estabelecemos com o sítio de significação em *Iracema* referente às belezas naturais. Fizemos uma operação de busca pelo site digitando a palavra “feia” e, pelos filtros das avaliações, chegamos a esses recortes. Quanto aos demais recortes foram delimitados cronologicamente a partir de 2012 até a atualidade, com enfoque em 2014, ano da Copa do Mundo. A princípio, o nosso interesse era buscar uma correlação entre a “produção de sentido dos/para os turistas” e os impactos com a Copa do Mundo. Ou seja: se houve avaliações mais positivas ou não após a Copa, buscando compreender se houve mais continuidades ou rupturas com as regularidades do romântico e do nacionalista nos dizeres sobre a praia de Iracema e os movimentos de resistência, com o evento.

Nesse sentido, abordamos a praia de Iracema nas “experiências” dos turistas não como um lugar empírico, mas enquanto um “espaço de memória em que o sujeito se diz. Narrando-se” (ORLANDI, 2017, p. 33).

Ao salientar que, conforme Orlandi (2010), não trabalhamos com o fato fora da interpretação, analisaremos os modos como, nos pontos de deriva, o sujeito produz o seu gesto de interpretação e se identifica, assumindo uma posição.

Mais especificamente sobre o sujeito do cotidiano, interpelado ideologicamente pelo discurso sobre o turismo no site Tripadvisor, parece ser invocado enquanto sujeito universal, como se, ao formular suas opiniões, ele fosse a origem dos sentidos que se produzem nele e para ele. Mas ao formular uma opinião/avaliação, os sentidos sobre o espaço ganham corpo e são constantemente atualizados como turísticos.

Finalmente, observamos no recorte 1 que a regularidade da crítica incide sobre as condições consideradas impróprias para banho da praia de Iracema e a contraidentificação da posição sujeito turista à FD das belezas naturais torna-se visível pela palavra “feia”, a qual desliza da qualidade da praia para a qualidade dos moradores. Convém destacar que a avaliação negativa em “feia” mobiliza ainda a região da memória discursiva referente aos corpos ideais associados às praias e, principalmente no que diz respeito à praia de Iracema, a memória é atravessada pelo discurso romântico que idealiza o corpo da mulher. Há, dessa maneira, um movimento de continuidade dos sentidos do corpo ideal da

Iracema de Alencar, a mulher indígena, a heroína nacional para os sentidos dos corpos idealizados na praia de Iracema.

Ademais, os sentidos da expectativa do turista retornam pelo pré-construído do Brasil paradisíaco à medida que há uma “quebra” em sua realização no sujeito pela falta das belezas naturais, neste caso, pela falta da visão da praia que é obstruída pelas obras, conforme observado em “tem obras em alguns pontos tampando a visão da praia”. Podemos perceber o equívoco no título do segundo recorte “Bonita” (entre aspas) que se contrapõe a “suja” e “gente feia”, de modo que se torna mais ostensiva a passagem de uma característica da praia para as pessoas, ou melhor, a mesma regularidade que delimita os sentidos da praia para os moradores. Tais sentidos são, contudo, sobredeterminados à FD dominante das belezas naturais que classificam o Brasil como ilha paradisíaca, atrativo turístico, polo de turismo etc; especialmente no âmbito internacional.



Recorte 3: Formulação **Compartilhe. Aprenda. Viaje**. Página de fóruns do site Tripadvisor. Acesso em <<https://www.tripadvisor.com.br/>>, 03 out., 2021.

Na página Fóruns do Tripadvisor, destacamos os efeitos de um conhecimento já sabido como pressuposto do turismo na seguinte formulação “**Compartilhe. Aprenda. Viaje**”. Chamamos a atenção para os sentidos do conhecimento como constitutivo do turismo pelos quais compreendemos que fazer turismo não é só viajar. O Turismo circula também pelo conhecer, pelo aprender, pelo compartilhar. Sobretudo o turismo enquanto um discurso que hoje se constitui pelo digital e tem sido absorvido pelos sentidos do compartilhamento que é (re) produzido numa velocidade cada vez mais rápida.

Assim, reiteramos que o digital possui uma materialidade distinta do texto literário. No digital, falamos de “uma materialidade dispersa” (DIAS, 2018, p. 164) na qual os sentidos e os sujeitos significam pelo estabelecimento de uma unidade na dispersão. Por isso, estabelecemos que as relações no Tripadvisor não estão postas como já sempre estabilizadas, mas significam em relação ao compartilhamento, ao aprendizado,

às experiências possíveis de viagens. É também por esse motivo que o compartilhamento ou, conforme Dias (2018), o regime de visualizações (de foto, de imagem nas redes sociais, do próprio Tripadvisor) vai para além da experiência. Ademais, é possível que uma experiência na “mesma” praia de Iracema possa produzir outros sentidos, sentidos que ora resistem à regularização, ora entram em conflito dentro de uma mesma formação discursiva.

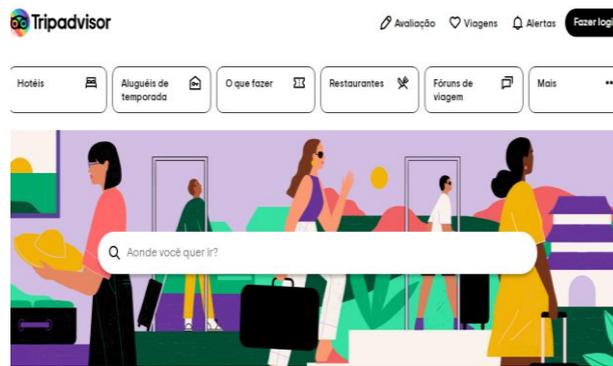
Do mesmo modo que Dias (2018), ao buscar compreender as formas históricas de assujeitamento da sociedade digital, afirma que a narratividade de redes sociais como facebook se constituem pela alteridade, o Tripadvisor também se constitui pela relação de dispersão do eu com o outro (e o Outro) tendo base no sujeito, na língua e na história.

“É só quando há possibilidade de interpretar que a memória metálica se desorganiza na tensão com a memória discursiva, produzindo uma memória digital” (DIAS, 2018, p. 165), pois, conforme essa autora, o digital não se reduz à repetição ou à memória técnica (a que não falha).

Consideramos que, assim como o facebook, o Tripadvisor não escapa à necessidade de uma linearização das experiências compartilhadas daquilo que Dias (2018) tratou como a unidade imaginária da vida cotidiana escriturada. Conforme essa autora, se o real está para a inviabilidade de uma totalização, o imaginário viabiliza uma linearização de fragmentos que permitem ao sujeito o reconhecimento em si mesmo de uma unidade. Tal unidade é o que possibilita ao sujeito se reconhecer no tempo, linearizar os tempos “desajuntados” e “desconjuntar as temporalidades” (ROBIN, 2004, p.53). É nesse sentido que consideramos a cronologia das avaliações do Tripadvisor enquanto uma unidade imaginária da vida escriturada pelo digital, com base no compartilhamento de opiniões e imagens (dados) sobre os lugares, mobilizado pelos “sujeitos de dados” (DIAS, 2018).

É por isso que o compartilhamento de dados no Tripadvisor não se trata de banalidade, mas, sim, do compartilhamento de hábitos de consumo regulados pelo Mercado numa relação em que se apaga o político na sociedade digital.

Vejamos, no próximo recorte, como a escrituração do cotidiano organiza a vida do sujeito por meio da linearização da memória metálica em sites de busca temáticos organizados por interesses e experiências compartilhadas pelos usuários.



Recorte 4 - Formulação **Aonde você quer ir?**
 Página inicial do site Tripadvisor. Acesso em <
<https://www.tripadvisor.com.br/>>, 03 out., 2021.

Analisando a página inicial do Tripadvisor, deparamo-nos com a formulação no turismo “Aonde você quer ir? ”, a qual pressupõe o encontro da história com um desejo e a ilusão de que todos os destinos turísticos estão ali, bastando um nome e um clique.

A imagem ao fundo também configura uma relação unitária entre o desejo de viajar e a memória do turismo simbolizada pelas malas, pelo movimento das pessoas (arrumando as malas, atravessando portas) e pelo colorido das roupas como o chapéu de sol amarelo e cenários que mobilizam um campo semântico associado ao gesto de viajar, como as portas e escadas de aeroportos e paisagens de sol, montanhas, vegetação, arquitetura etc. Pela leitura da imagem, caberiam análises muito mais aprofundadas, porém, interessa-nos destacar algumas regularidades que distinguem o turismo de outros tipos de viagens. Observa-se que o turismo é materializado por cores, paisagens naturais e arquitetônicas e por sujeitos que estão sempre em movimento, ou seja, analogamente ao capitalismo e à economia, o turismo não pode parar. O discurso sobre o turismo estabelece uma unidade ao interpelar o sujeito a nunca parar... de viajar, de compartilhar e visualizar, de conhecer, de aprender, de consumir etc.

Podemos aproximar tal relação com os estudos de Orlandi (1990) alusivos ao discurso amoroso, especialmente para observarmos a relação de subjetividade do sujeito com o turismo pelo efeito de completude imaginária. Não nos aprofundaremos na questão do desejo, mas nessa relação com o turismo, faz-se imprescindível destacarmos a incompletude do sujeito. Isto é, “dizer que o sujeito é incompleto porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não tem uma relação mecânica com a ordem social de que faz parte, porque sustenta uma relação que pode ser reversível com seu interlocutor” (ORLANDI, 1990, p. 85). De modo que todo dizer é político, pois dizer é

se inscrever na linguagem de uma forma que já se estabelece a relação com o outro, com a alteridade:

É dividir-se, entre o Um e o Outro. Essa contradição, inerente à noção de sujeito produz uma relação dinâmica tensa com a alteridade: um movimento que marca a identidade atomizando-a (separando-a) porque coloca em jogo uma distinção e ao mesmo tempo integrando-a, pois, a identidade é feita de uma relação (um vínculo com o outro, na remissão à formação discursiva). (ORLANDI, 1990, p. 85).

Na mesma página, a autora diz que não há o sujeito onipotente nem o sujeito determinado apenas pelo exterior. Disso resulta a noção de incompletude “lugar da falta, mas também lugar do possível. Lugar do jogo entre poder e desejo. Em movimento” (ORLANDI, 1990, p. 85).

Consideramos que o nosso objeto Brasil contempla um entrecruzamento de discursos transversos e relatados, visto que falamos sobre o literário, sobre a lenda e o romantismo em articulação com o discurso sobre o turismo. Como delineamos recortes muito heterogêneos, temos mobilizado a noção de Formação discursiva para observarmos as regularidades dos processos semânticos. No nosso caso, recorreremos a FD do discurso sobre o turismo na qual a hospitalidade é o sintoma, a pista dos processos de significação que se inscrevem nessa FD. Assim como a hospitalidade, mostraremos outras ressonâncias da textualidade romântica no turismo, na qual observaremos como relatam-se o amor, a natureza, o indígena e o brasileiro pelo efeito metafórico de Brasil.

Orlandi (1990) diz que, na FD do amor, há o atravessamento da onipotência e completude na relação entre sujeito e linguagem. Já em *Iracema*, a lenda estabelece uma outra relação com a memória. O discurso amoroso se relata na lenda, mas nas textualidades românticas nem tudo é sobre o sentimento amoroso, outros discursos irrompem numa relação particular com a lenda, incluindo o nacionalismo, mas também formas de preconceito como o racismo, estereótipos etc. Levamos em conta que, para Orlandi (1990), a reiteração do estereótipo, em situações inéditas, pode resultar no deslocamento e na multiplicação dos sentidos em sua historicidade. É ainda por meio da historicidade que não banalizamos alguns estereótipos considerados “inatos” ao povo brasileiro, sendo o de povo “hospitaleiro” um contraponto ao do povo “indolente, preguiçoso, atrasado, incapaz”.

Vejamos os próximos recortes:



Recorte 5 -“Decadente” **Praia urbana decadente**, com muita prostituição e prédios feios, sujos e abandonados. Vale a pena somente passar de carro. O bom mesmo é a praia do Meirelles. Data da visita: fevereiro de 2015.

Recorte 6 - “Prostituição e drogas pesadas”. **A Praia de Iracema já foi uma atração, já foi a “noite” da cidade.** Hoje em dia só se salva a Ponte Metálica e de dia. **Sabe aqueles asquerosos que vêm de fora atrás das nossas crianças? Pois é..eles vão adivinha pra onde?** Data da visita: fevereiro de 2015.

Salientamos que, neste capítulo, temos discutido um pouco do que Lopes (2017) fala sobre o sentido que foge à regularidade como aquele que é sobredeterminado ao longo das nossas análises. Ou seja: consideraremos como sentidos sobredeterminados aqueles que escapam à regularização da Formação Discursiva dominante do literário na textualização do Brasil paradisíaco nas campanhas do Ministério do Turismo (MTur).

Partimos, assim, da mobilização de diferentes formações discursivas heterogêneas que, nos limites de suas fronteiras, podem significar diferentemente a personagem - texto Iracema no processo discursivo. Consideramos então o processo discursivo como aquilo que passa a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre os significantes de uma dada formação discursiva.

A partir dos recortes 5 e 6 há uma desestabilização para a regularidade de *Iracema* enquanto um lugar paradisíaco. Há uma regularidade que se contrapõe à discursividade na qual o Mtur se inscreve, ou seja, emergem outras posições sujeito na disputa pelos sentidos para o discurso sobre o Turismo. Os dizeres “Praia urbana decadente” e “Prostituição” produzem um choque com a memória em *Iracema* como “a noite da cidade” (recorte 6). Há sobretudo, a nosso ver, um acontecimento enunciativo no gesto das críticas, mas não uma ruptura com uma dada representação idealizada e tradicional

da cidade de Fortaleza. Na verdade, pela descrição do urbano, no recorte 5, com “muita prostituição e prédios feios, sujos e abandonados”, é o próprio urbano que funciona negativamente, isto é, são os sentidos dominantes da urbanidade enquanto sinônimo de problemas sociais, como o abandono dos prédios, a violência e a decadência que impossibilitam o turismo na praia de Iracema.

Observaremos um exemplo de um outro domínio do saber, o das Artes, em que, pela nossa compreensão, o sujeito se contraidentifica com a FD dominante do turismo, formulando uma crítica ao turismo sexual e desestabilizando os sentidos, dando visibilidade ao sofrimento da mulher indígena e dos brasileiros explorados, que é silenciado pelo discurso sobre o turismo.

A obra abaixo é de autoria do artista plástico cearense Descartes Gadelha e foi apresentada na exposição intitulada *Iracemas, Morenos e cocacolas* em 2004 no Instituto de Cultura e Arte no Museu de Arte da UFC.

Vejamos o recorte da obra de Gadelha.



Fábrica de Anjos, Gadelha, 2004.

O título *Fábrica de Anjos* já produz um desconforto e desestabiliza os sentidos para o imaginário paradisíaco que atravessa a nomeação Iracema tanto na literatura quanto no turismo. Observe-se o efeito metafórico, o deslizamento da personagem romântica para a crítica sobre o turismo. São outras posições sujeito, mas a formação discursiva na qual se sustenta a posição de Gadelha só significa em relação parafrástica e polissêmica ao discurso romântico no qual se inscreve e se historiciza a interpretação de José de Alencar.

A crítica do artista funciona interdiscursivamente como um objeto do saber de uma dada formação discursiva heterogênea, lembrando que, para Courtine (2009), além de não ser instável, uma FD funciona também por exclusão ao determinar o que “não pode/não deve ser dito” (COURTINE, 2009, p.99).

Em síntese, a crítica de Gadelha ao turismo sexual faz uma paráfrase do sofrimento de Iracema, de modo a romper com os sentidos cristalizados do índio que se deixa dominar pelo colonizador constantemente naturalizados pela literatura do século XIX. Esse artista não fica, assim, estagnado na crítica por ela mesma dos sentidos sobredeterminados pela FD turística dominante do Brasil paradisíaco. Mas o trabalho de Gadelha provoca o turista que vira o rosto não apenas para não ver a prostituição infantil, mas que dissimula o sofrimento e a exploração do próprio povo brasileiro. Nesses casos, a prostituição pode ser interpretada com certo desconforto, mas raramente há um anseio real de melhorias nas condições de vida de indígenas, negros e pobres, por exemplo.

Mas vemos exemplos em que os deslizos, os sentidos em movimento postos em circulação, permitem deslocamentos, como o caso da pintura de Gadelha, a qual se difere da prática significativa nacionalista, mediante o pressuposto na textualização em *Iracema*. Essas práticas significantes distintas entre si na retomada do repetível é o que Orlandi chama de versões. Nessa relação entre a lenda e a memória é preciso pensar ainda na relação linguagem e sociedade. Todo corpo se constitui atado aos processos históricos e a práticas institucionais. Ao analisarmos a narratividade nos recortes que selecionamos, podemos observar como corpo e espaço estão materialmente ligados, seja o corpo do morador da praia de Iracema ou o corpo do turista a esse “novo” espaço, quase sempre desconhecido.

O artista parece se contraidentificar com a FD dominante sobre o turismo que idealiza o Brasil e os turistas estrangeiros, ao produzir uma outra leitura da textualidade de *Iracema*. Contudo, destacamos que mesmo no processo de identificação a essa FD colonial não se trata ainda de uma identificação plena do sujeito. Pêcheux (2008) problematiza o sujeito pleno da identificação na interpelação da ideologia dominante burguesa e o sujeito produzido na prática política do proletariado (por uma espécie de pedagogia da ruptura da interpelação às avessas da ideologia burguesa portadora da evidência de que cada um diga sou eu). Também não podemos afirmar que toda crítica a uma FD se trata de uma tomada de posição na qual o sujeito se desidentifica a essa mesma FD, pois, conforme o mencionado autor, para que ocorra ainda a “desidentificação” faz-se necessário uma ruptura além da associação a um novo saber de uma outra FD.

Ainda sobre a possibilidade de leituras múltiplas para as regularidades em *Iracema*, como a exploração do Brasil endossada pela hospitalidade, vamos mencionar brevemente a produção sobre o discurso e o cinismo de Baldini. Ao focar a interpelação ideológica, Baldini (2009,2015) diz que não se trata do funcionamento do cinismo por perspectiva individual, mas funciona no contexto da sociedade pós-industrial.

A campanha¹⁷ abaixo promovida pela Comissão da Mulher Advogada da Organização dos advogados brasileiros (OAB) não contesta a FD das belezas naturais e da hospitalidade nacional enquanto atrações turísticas, mas parte do já-sabido pelo funcionamento do cinismo que interpela o sujeito turista à naturalização da exploração das mulheres brasileiras e, com isso, formula-se um lugar de resistência.

Vejamos os recortes que elencamos para análise:



RC1- Recorte 1 da campanha: Brasil está à disposição dos turistas. As mulheres brasileiras NÃO (em destaque). Exploração sexual não é turismo. É crime!

Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/oabs-reagem-a-bolsonaro-e-fazem-campanha-contra-turismo-sexual>. Acesso em 4 out., 2021.



¹⁷ Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/oabs-reagem-a-bolsonaro-e-fazem-campanha-contra-turismo-sexual>. Acesso em 4 out., 2021.

RC2- Recorte 2 da campanha: O Ceará está de portas abertas para receber você. Mas nossas mulheres NÃO (em destaque) são atração turística. Diga não ao turismo sexual.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/oabs-reagem-a-bolsonaro-e-fazem-campanha-contra-turismo-sexual>. Acesso em 4 out., 2021.

Essa campanha¹⁸ foi produzida em 2019 em âmbito nacional como uma contraidentificação à fala do presidente Bolsonaro “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro”, promovendo alguns efeitos na Formação discursiva dominante da colonização.

Embora não seja o foco desta dissertação, mas com o intuito de discutirmos os efeitos de algumas regularidades como a hospitalidade e o Brasil paradisíaco no turismo, precisamos levar em conta os discursos transversos e pré-construídos que funcionam com a formulação do Chefe do Executivo brasileiro.

Jair Bolsonaro é conhecido por ocupar uma posição política conservadora da extrema-direita e pelo reforço a estereótipos que, a nosso ver, mobilizam a memória da exploração e da colonização. O que chama a atenção nessa formulação do presidente, para a nossa pesquisa, não é apenas o reforço ao turismo sexual e aos preconceitos, mas pelos desdobramentos possíveis a partir dela, pelos sentidos de resistência que passaram a circular pelo digital.

Apesar de a campanha não se contrapor à hospitalidade que promove o Brasil enquanto mercadoria, muito pelo contrário, a campanha não nega que o Brasil esteja à disposição do Mercado e, segundo Baldini e Di Nizo (2015), a um conceito do imperativo do gozo, que podemos compreender do seguinte modo:

de um lado, as mídias [que] alardeiam o tudo dizer, o tudo consumir, o todo saber da ciência, o gozo de tudo; e, de outro, o esgarçamento essa todificação, o furo no saber inscrevendo um nada comprometer-se, um nada saber e um nada afetar-se pelo outro. Nada e tudo, marcas do contemporâneo? (MARIANI, 2014, p. 219)

Acrescentamos, portanto, que é nessa relação das mídias com o “tudo consumir”, o “todo saber da ciência” e o “gozo de tudo” que se estabelece um discurso bem-sucedido sobre o turismo ainda que isto não esteja dito em nenhum lugar ou ainda que os incentivos

¹⁸ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/oabs-reagem-a-bolsonaro-e-fazem-campanha-contra-turismo-sexual>.

à prática do turismo pareçam vir de outros lugares. E mesmo quando há atravessamentos de outros discursos, como o da ecologia, por exemplo, entendemos que analisar o discurso sobre o turismo é uma questão atual que não exclui os efeitos do capitalismo para compreendermos o funcionamento do sujeito e dos sentidos que se constituem e estão a circular supostamente de forma livre e sem consequências para a vida em sociedade.

Baldini (2015) alerta para as condições de produção dos sentidos de ironia e para modos de funcionamento do cinismo na sociedade contemporânea que não abordaremos neste trabalho, porém, não descartamos os efeitos de sentidos irônicos produzidos pela fala do presidente e que funcionam de um modo específico com a constituição do desejo. Ou seja, na complexa relação contraditória do sujeito brasileiro no discurso sobre o turismo, como interlocutor desejante de um paraíso “seu” indiferente à exploração do outro, mas que não escapa ao objeto de desejo paradisíaco do outro (Outro).

Contudo, no primeiro recorte da campanha, destaca-se uma contraposição a tal regularização colonial, a qual “NÃO” deveria se aplicar às mulheres brasileiras.

No mesmo sentido, o recorte seguinte da campanha também reforça a hospitalidade brasileira em “O Ceará está de portas abertas para receber você” e, na sequência, a negação, “ Mas nossas mulheres NÃO são atração turística”, parece não negar os sentidos da exploração e ainda não destitui a mulher enquanto sujeito à “posse” que continua silenciado na posição de objeto, embora isso possa ocorrer por um dizer de recusa da mulher na posição de objeto de atração turística.

Não vamos nos aprofundar na questão da interpelação do sujeito turista ao cinismo, porém, enfatizamos que há muito o que se discutir com relação ao funcionamento da ideologia e do inconsciente no sujeito interpelado ao discurso sobre o turismo, o qual frequentemente produz um efeito de completude, de unidade imaginária por determinados processos de identificação. A nosso ver, é por meio desses processos que se produz na história um lugar privilegiado para o turista que o coloca, inclusive, em vantagens com a lei, isto é, havendo uma sobreposição do Mercado ao jurídico e muitas vezes apagando os sentidos de criminalidade para o turismo sexual e para o turista. Mostramos, assim, que os sentidos da exploração colonial não possuem uma origem definida ou definitiva, mas estão em circulação, seja nos textos do século XIX, na fala de políticos contemporâneos, em campanhas de conscientização etc., e estão em constante atualização pelo digital.

Retomando o foco na textualidade da lenda de *Iracema*, entendemos que, na AD, também não se busca uma origem nem para a lenda nem para qualquer texto, mas se

analisa a exterioridade e as posições sujeito, e não se visa uma explicação positivista ou mística para os fatos. A interpretação é o fato.

Os sentidos em AD, segundo P. Henry (1993), não possuem uma origem e se constituem na opacidade da linguagem. Esse campo do saber trabalha a não-evidência dos sentidos, pois os sentidos sempre podem ser outros dependendo da determinação histórica no processo de significação.

Assumimos a seguinte provocação: como chegar ao que uma lenda diz, sem se prender a mistérios e explicações transcendentais? Vamos pensar o trabalho da ilusão da evidência nesse jogo linguajeiro pelo funcionamento ideológico.

Para os nossos objetivos, não vamos discutir detalhadamente a pintura de Gadelha, mas observamos que há uma ressignificação da dor da Iracema representada pelo artista, bem como há um deslocamento do mito da miscigenação pelos fetos que representam Moacir, o primeiro brasileiro nascido da dor. Pela paráfrase ao romance alencariano, o autor diz o indizível sobre o turismo e critica a exploração de crianças brasileiras no turismo sexual recorrente e naturalizado na praia de Iracema.

Na sequência, selecionamos algumas avaliações a partir de nota 4 seguindo o critério de valores do site “Muito Bom” (nota 4) e “Excelente” (nota 5):



Recorte 7- “IRACEMA E SEUS ENCANTOS”. (...) **Local bem familiar**, bastante pessoas circulando pela orla durante a noite o que tornou o meu passeio bem mais interessante e **seguro. Espero que com a volta da feira para a praia de Meireles, a praia não fique abandonada.** Data da visita: fevereiro de 2020.

Recorte 8- “Um dos melhores pontos turísticos de Fortaleza”. Considero a Praia de Iracema um dos melhores pontos turísticos de Fortaleza, muita **cultura e natureza** reunidos nesta praia. Data da visita: janeiro de 2020

No recorte 7, chamamos a atenção para a regularidade das belezas naturais no título “Iracema e seus encantos”, mas a memória romântica se atualiza colocando um possível obstáculo à realização do paradisíaco, no caso, a segurança e uma possibilidade de abandono da praia de Iracema com a volta da feira à praia de Meireles. Nesse recorte destacamos, portanto, a impossibilidade de uma identificação plena do sujeito a uma Formação Discursiva, pois não há ritual sem falhas e o que se repete numa formulação nunca permanece o mesmo, apesar de estarmos nos referindo ao mesmo pré-construído que joga com o complexo dominante das formações ideológicas.

Já no recorte 8, observamos que se mantém a regularidade da FD dominante do paradisíaco em *Iracema*, entretanto, destacamos o funcionamento de “cultura e natureza” enquanto sinônimos para os sentidos do que se produz como atração não apenas na praia, mas na cidade de Fortaleza. No jogo das relações entre as palavras numa dada Formação Discursiva, podemos designar “cultura” e “natureza” como sinônimos, pois

se se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras diferentes podem ter o mesmo sentido no interior de uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, 1995, p.161).

Ademais, toda FD, enquanto matriz de sentido dissimula que “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1995, p.162). Isto posto, reiteramos que o sentido não está na palavra em si, mas principalmente, nesta dissertação, temos dado ênfase no recorte da relação das palavras entre si, funcionando pela metáfora (não só pela substituição, mas pela palavra em relação a outra) e pela relação entre paráfrase e polissemia.

"Maravilhosa"

 15 de fev de 2020



anacvmrbeiro (189 avaliações)
São Paulo, SP

A praia é linda assim como a estátua. Dá para fazer esporte na orla e na areia e tem um pontilhão que leva até o meio do mar. Sensacional! Sugiro escolher o lado da praia onde a faixa de areia é mais curta pois no lado com mais areia o mar é muito bravo e portanto impróprio para banho.

Data da visita: fevereiro de 2020

Recorte 9 - “**Maravilhosa**”. **A praia é linda assim como a estátua**. Dá para fazer esporte na orla e na areia (...). Sensacional! Sugiro escolher o lado da praia onde a faixa de areia é mais curta pois no lado com mais areia o mar é muito bravo e, portanto, impróprio para banho. Data da visita: fevereiro de 2020

No recorte 9, observamos a regularidade das belezas naturais nas descrições “Maravilhosa” e em “ A praia é linda assim como a estátua”.

No contraponto do recorte 9, vamos analisar como a menção à estátua de Iracema significa diferentemente outras textualidades. Veremos uma notícia de pichação e uma notícia de inquérito civil mobilizado pela comunidade indígena da praia a fim de contestar a pintura de uma das estátuas feita pela Prefeitura.

A seguir, analisaremos uma reportagem no site *globo.com* sobre um ato de pichação na estátua Iracema Guardiã. Para tanto, recortamos o ato de pichar como o ato a nível simbólico. O gesto é interpretado pela mídia e pelos turistas como vinculado a atos de vandalismo e não como um protesto legítimo. Num movimento teórico de deslocar os gestos restritos ao empírico, Orlandi (2017) faz a distinção do gesto enquanto ato a nível simbólico definido por Pêcheux (1969) como assobiar, atirar uma bomba, etc., e no nosso caso, o ato interpretado como pichação, isto é, uma inscrição gráfica em algum lugar da cidade, não legitimada/ não autorizada pelo Estado. A tensão entre paráfrase e polissemia do ato no/do corpo significado/lido na imagem, instaura o político nos modos de dizer também sobre a imagem.

Objetivamos propor, sobretudo, que ao passar a circular de um determinado modo, a pichação passa do ato ao gesto de interpretação. Desse modo, concordamos com Orlandi (1995) que os sentidos não circulam da mesma forma no discurso do cotidiano das pessoas ou do senso-comum, assim também diferem na relação entre os falantes e as mídias.



Disponível em : <https://globoplay.globo.com/v/3108620/>
Acesso em 04 set. 2021

Recorte 10: Printscreen do vídeo da reportagem. Título: Estátua de Iracema é mais uma vez alvo de vandalismo. Pichação: **Não vai ter Copa.**

A reportagem ¹⁹ segue numa posição com ênfase na indignação dos turistas “no ato contra a Copa” e os moradores que não se identificam com o evento internacional são colocados como ameaça ao espaço, ao patrimônio, ao turista. O vídeo da reportagem realizada pelo G1 não está mais disponível, porém, é possível acessar a notícia no jornal *O POVO* online de Fortaleza. Nesses jornais, a regularidade do vandalismo para a pichação à estátua permanece como dominante, apesar da descrição da seguinte faixa colocada pelos moradores do local “Seja bem-vindo! Você está na 7ª cidade mais violenta do mundo. Polícia Militar-CE”. Ressaltamos, nesse caso, o gesto de interpretação e de autoria com relação à pichação que desloca os sentidos da hospitalidade naturalizada pelo discurso sobre o turismo.

Para compreendermos os sentidos sobredeterminados da pichação que distinguem uma formação discursiva do vandalismo da formação discursiva da resistência, por exemplo, deslocamos o ato ao nível simbólico, conforme Pêcheux (1969), a fim de compreendermos, segundo Orlandi (2004), que o sujeito da linguagem é constituído por gestos de interpretação, isto é,

gestos de interpretação como intervenção no real do sentido que concernem sua posição. O sujeito, em uma palavra, é a interpretação. E é por aí que o sujeito é afetado pela ideologia, pelo efeito de literalidade, pela ilusão de conteúdo, pela construção da evidência do sentido, pela impressão do sentido-lá (ORLANDI, 2004, p. 22).

Assim, o sentido já-lá sobredetermina outras interpretações para o gesto de autoria da pichação, isto é, impede muitas vezes que o sujeito socialmente excluído da prática turística possa se significar contrário a ela. Ou seja, na prática da pichação há uma fuga dos sentidos que homogeneízam e regularizam o brasileiro como hospitaleiro, acolhedor, compassivo. Aquele que picha pode se significar distintamente do “Vândalo”, o que depreda de forma “irracional”, isto é, há outras possibilidades para a tomada de posição contrária à Copa, quase sempre silenciadas pelo discurso oficial do Governo que atravessa e é atravessado pelo turístico.

Vale ainda pontuarmos algumas questões quando trabalhamos com o objeto estátua. Parafraseando Orlandi (ORLANDI, 2010), a estátua é mais que um monumento, mas trata-se de um lugar de memória detentor de uma forma material específica, também de um formato, de um corpo em sua materialidade, sendo o corpo da mulher indígena

¹⁹ Fonte da reportagem: <https://globoplay.globo.com/v/3108620> Acesso em 4 set. 2021, ou ver também em <https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/01/27/noticiafortaleza,3197502/estatua-de-iracema-volta-a-ser-pichada-nao-vai-ter-copa.shtml> .Acesso em 09 set. 2021.

representado pela personagem Iracema. De acordo com essa mesma autora, a estátua em si não significa isoladamente, mas enquanto discurso e em relação a outros discursos que ela produz.

Devemos enfatizar que a estátua é a representação de uma imagem e não a imagem em si, ou dito de outro modo, “uma estátua, assim como uma fotografia, trabalha com imagem, e imagem não é a coisa em si, mas sua representação, a sua imitação, a sua reprodução. Em uma, a imagem de monumentos; em outra, a imagem de uma figura da história” (BRUST; PETRI, 2013, p. 11), sendo que, no caso da nossa análise, trata-se da reprodução da imagem de Iracema em outras materialidades para além da literária.

É isso o que temos observado com relação às avaliações do site Tripadvisor, as quais produzem determinados sentidos para a estátua de Iracema já atravessados e textualizados pelo romântico, assim como a própria construção da estátua. O que destacamos, entretanto, é a transferência do nacionalismo constitutivo da lenda de José de Alencar para os sentidos que vinculam a mulher indígena ao território nacional e que se cristalizam, solidificam e se eternizam na estátua. Propomos que é a partir dessa relação de “posse” de um passado sólido, de um povo, de um corpo feito estátua que pode advir a rejeição à inscrição da pichação ou de qualquer outra letra que não seja a de uma autoridade legítima, como a do autor romântico, por exemplo.

Reiteramos, conforme Orlandi (2010), que a estátua se textualiza ao se institucionalizar, no caso, a estátua de Iracema se institucionaliza como ícone turístico e cultural, fixando a memória que não esquece, porém, pelo nosso entendimento, a memória do colonizador pode se atualizar concomitante ao gesto de se homenagear um determinado autor nacional e não outros. Dito de outro modo, compreendemos que o culto à estátua de Iracema ainda é um culto aos sentidos produzidos pela escritura de José de Alencar e que, ao se exaltar o autor romântico, silencia-se o indígena. Isto é perceptível pela descrição da personagem alencariana no corpo que se materializa em estátua. Sendo que essa primeira imagem que analisamos vai se distinguir da próxima que analisaremos.

Ainda com relação a essa estátua, podemos dizer que a representação da imagem da índia guerreira com o arco em direção ao mar é o “cartão de visitas” para o turista que chega a Fortaleza e deseja fazer um registro fotográfico marcante. Observamos que esse estereótipo da índia guerreira que se confunde com os sentidos das personagens amazônicas também ganha forma no corpo dessa estátua, mas de forma alegórica, enquanto atrativo turístico. Essas textualidades não se inscrevem na memória produzindo um sentido de resistência ao colonial, por exemplo, enquanto um símbolo de luta.

Parafrazeando Orlandi (2010), a estátua enquanto gesto de uma memória, de um Estado, é discurso e produz a individuação do sujeito e a ilusão do Um no grupo social, isto é, a estátua de Iracema individua os sujeitos que moram em Fortaleza e os sujeitos turistas de acordo com a forma que estes estão atados ao corpo social. Podemos dizer ainda que a estátua de Iracema pode significar diferentemente o imaginário dos moradores do imaginário dos turistas com relação à representação da indígena e mesmo a designação cultural para essa imagem pode não ser a mesma. Assim, a imagem que individua e ata o corpo do grupo ao território é atravessada pelo que vimos discutindo em torno da identidade e dos processos de identificação.

Nesse sentido, porém, ressaltamos que a identidade é movediça e que, se no século XIX, o gesto de autoria de José de Alencar interpretava uma lenda que individuava o brasileiro, produzindo uma unidade imaginária que atava a língua ao espaço unificado por um sentimento nacional (o nacionalismo), hoje, no discurso sobre o turismo, a estátua de Iracema produz o Um da identidade do cidadão fortalezense. E isto se dá também pelo imaginário do turista, o que não exclui as disputas pelos sentidos nos modos de individuação pelas ideologias dominadas que estão em jogo no Ceará.

Vejamos a descrição de outra estátua de Iracema no blog Coisa de Cearense, localizada no centro da Lagoa de Messejana:

A estátua está em posição sentada, com uma flecha na mão e tomando banho com uma cuia. Suas formas foram inspiradas, de acordo com concurso realizado para esse fim, nas da modelo cearense Natália Nara (ex bbb).

Foi inaugurada em 1º de maio de 2004, dentro das comemorações dos 278 anos de Fortaleza, e para marcar os 175 anos de nascimento do escritor cearense José de Alencar, pelo então prefeito Juraci Magalhães. A protagonista do romance “Iracema” foi instituída como ícone cultural a partir de lei em dezembro de 2011

Disponível em : <http://coisadecearense.com.br/estatua-de-iracema/>



Recorte 11- Fotografia do site tripadvisor

Na sequência, como um contraste à perspectiva do Tripadvisor, recortamos uma notícia divulgada *on-line* pelo Diário do Nordeste intitulada “Estátua de Iracema pode mudar de cor”.

Estátua de Iracema pode mudar de cor
Escrito por Redação, 00:00 / 25 de Setembro de 2014.

A tonalidade verde estaria estimulando “discriminação”, além de ser ridicularizada por moradores

Personagem de um dos romances do escritor cearense José de Alencar, a índia Iracema foi homenageada em diversos locais da Capital. Considerada ícone cultural de Fortaleza, uma das estátuas da heroína, na Lagoa da Messejana, está pintada da cor verde. Entretanto, muitos moradores e a população indígena não concordam com a tonalidade. Assim, o Ministério Público Federal (MPF) emitiu uma nota técnica que solicita a mudança da coloração da imagem.

O monumento foi analisado pelo antropólogo e perito Sérgio Brissac. De acordo com o documento do MPF, a cor verde recebida pela estátua, que desde a sua instalação, em 2004, era revestida de um tom bronze próximo à cor da pele morena, estimularia a “discriminação ou ridicularização étnica”.



Recorte 12 - A estátua tinha um tom de bronze próximo à cor da pele morena. Um inquérito civil foi aberto para apurar a responsabilidade da Prefeitura

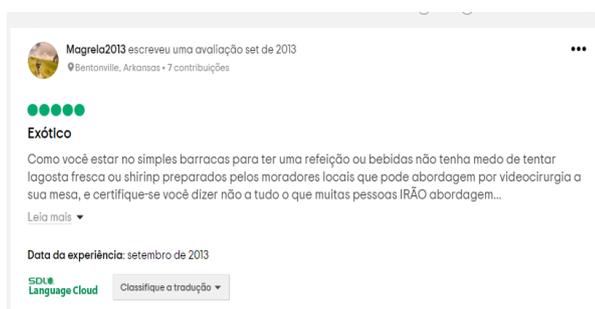
Foto: Fernanda Siebra

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/estatuade-iracema-pode-mudar-de-cor-1.1108595>

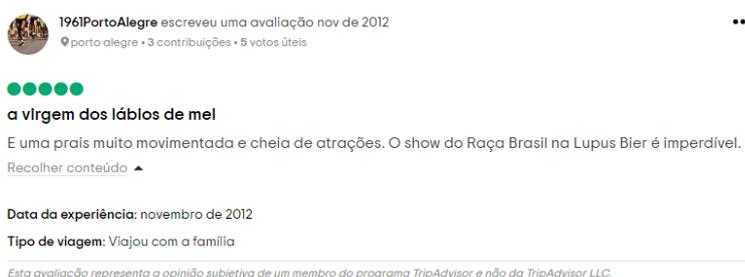
Os recortes 11 e 12 chamam a atenção para duas abordagens distintas de um mesmo objeto, no caso da mesma estátua da personagem Iracema localizada em Messejana, um bairro de Fortaleza. No recorte 11, a materialidade da foto da estátua sob a autoria do Tripadvisor possui como pano de fundo a lagoa e um pouco da mata, bem como efeito de iluminação com destaque para o bronze da imagem. Já a foto no recorte 12 mantém o foco nas costas da imagem, destacando a cor verde da estátua e o fundo volta-se para as casas e pequenos prédios dos moradores locais. Ou seja: a materialidade

da imagem e do meio onde ela circula já significa diferentemente a estátua de Iracema. Temos, no primeiro recorte da estátua, uma imagem que se produz na textualidade do turismo, já no segundo recorte da mesma estátua, a representação da imagem está ideologicamente ligada à materialidade de uma notícia pelos sentidos da denúncia da comunidade contra o gesto da Prefeitura em pintar a estátua de verde.

Observamos que a disputa pelos sentidos da comunidade indígena resulta num gesto de oposição ao gesto da Prefeitura, pois nesse caso, a cor possui materialidade e nela textualizam-se formas de estereótipos e preconceitos étnicos. Não há, entretanto, uma ruptura com os sentidos cristalizados pela estátua de Iracema, visto que ela permanece como referencial de identidade também para a comunidade local.



Recorte 13- Bentonville, Arkansas, Set. de 2013. “**Exótico**”. Como você estar no **simples** barraca para ter uma refeição ou bebidas **não tenha medo de tentar lagosta fresca ou shirinp preparados pelos moradores locais** que pode abordagem ...**certifique-se você dizer não** a tudo o que muitas pessoas irão abordagem...



Recorte 14 - nov. de 2012. “**A virgem dos lábios de mel**”. É uma praia muito movimentada e cheia de atrações.



Dirceurabelo escreveu uma avaliação mai de 2013
 Belo Horizonte, MG • 57 contribuições • 34 votos úteis



Beleza sem conservação segurança

A Praia de Iracema, desde que a conheci em 1970, sempre foi a mesma coisa: linda, como a índia homônima, que tinha os cabelos negros como a asa da graúna, como a descreveu o escritor cearense José de Alencar. Mas, no quesito segurança e conservação, se o romancista fosse descrever a praia, ele diria que a mesma tem o fedor de uma ave carniceira e a tranquilidade de uma toca de lobos... Não há segurança nem durante o dia e a sujeira da praia é descomunal. Não sei porque tanto desrespeito à praia mais famosa de Fortaleza!

Recolher conteúdo ▲

Data da experiência: julho de 2012

Recorte 15- Maio de 2013. **“Beleza sem conservação segurança”. A praia de Iracema, desde que a conheci em 1970, sempre foi a mesma coisa: linda, como a índia homônima, que tinha os cabelos negros como a asa da graúna, como a descreveu José de Alencar. Mas, no quesito segurança e conservação, se o romancista fosse descrever a praia, ele diria que a mesma tem o fedor de uma ave carniceira e a tranquilidade de uma toca de lobos.... Não há segurança nem durante o dia e a sujeira da praia é descomunal. Não sei porque tanto desrespeito à praia mais famosa de Fortaleza.**

No recorte 13, são mobilizados os sentidos de alteridade na direção estrangeiro falando sobre o Brasil para o estrangeiro, já evidente na regularidade do título “Exótico” da avaliação. Isso pode ser observado em “ não tenha medo de tentar lagosta fresca ou shirinp preparados pelos moradores locais” e “certifique-se você dizer não a tudo o que muitas pessoas irão abordar”. No deslize dos sentidos, a praia de Iracema pode ser interpretada pelo turista estrangeiro como lugar exótico e simples, mas os sentidos de “tomar cuidado” com o povo local funciona interdiscursivamente nas formulações que destacamos dessa avaliação. A nosso ver, os riscos apresentados pelo turista jogam com a memória na relação “países de primeiro mundo” e “países do terceiro mundo”. Por isso, o “medo” e a necessidade de “certificação” de dizer não aos serviços oferecidos pelos moradores podem transferir os sentidos de violência e de indolência, já observados nos relatos naturalistas do século XIX, para os sentidos que circulam constantemente sobre a honestidade duvidosa do brasileiro.

Em síntese, o exótico é o não-familiar, o que causa estranheza, mas no turismo funciona como o pitoresco, um atrativo do paradisíaco e da natureza selvagem pela retomada dos sentidos produzidos pelo romântico. Podemos dizer ainda que o modo como o exótico é visto pelo olhar de fora, do que é exterior, isto é, da exterioridade é o que vai justapor determinadas regularidades para o turismo, como o nacionalismo.

Consideramos, sobretudo, que o pitoresco na escritura de Alencar retorna na discursividade do turismo, de modo a ressignificar o “desconhecido” já significado pelo

olhar do outro, no caso, o olhar do leitor-turista. Com relação a isso, aproximamos a reformulação que Nascimento (2019) desenvolve sobre o exótico com o que objetivamos reformular referente ao pitoresco.

Nascimento (2019) distingue exótico de exotismo e exotificação. O pesquisador cita Certeau e diz o seguinte: “de forma ampla, a etimologia de exótico indica uma relação necessária com o “outro” (distingui-lo de algum modo). O imaginário está no ver. Ele desenvolve um exotismo, mas um exotismo ótico” (NASCIMENTO, 2019, p.83 *apud* CERTEAU, 2014, p. 43).

Para Nascimento (2019), não se pode sair do exótico da mesma forma que não se pode significar sem o outro (intradiscurso) e o Outro (interdiscurso). Aproximamos, assim, o que o autor concebe por exótico, pela exterioridade, pelo “fora dentro” (Orlandi, 2017, p. 74) do discurso. O mesmo autor cita Orlandi (2008) e trata do efeito do exotismo, em *Terra à vista*, como resultado do apagamento da história à medida que se torna um produto de um discurso sobre a cultura. E a exotificação estaria para o estereótipo.

Desse modo, Nascimento (2019) retoma essa questão do estereótipo, mas no sentido do estranho e não familiar, que também é pensado por França (2018) em sua tese sobre o discurso turístico. Ambos os autores trabalham a exotificação como uma constante no discurso produzido sobre o turismo, o qual geralmente consiste em falar do outro pela diferença, apresentar ao leitor-turista aquilo que lhe é desconhecido.

Mas e quando se trata de uma desconstrução de algo que já está-lá? Essa também é uma questão que se coloca para nós, especialmente na análise deste capítulo.

O sujeito, ao repetir a lenda nos comentários dos recortes 14 e 15, ao produzir texto referente a uma versão, ele se filia, participando da rede de memória, individuando-se e identificando-se como turista, mas ainda como sujeito brasileiro. Entretanto, há um modo de subjetivação específico de quem sabe a lenda e quem não sabe, apesar de, a nosso ver, “partilharem” de uma memória comum. Pelo nosso entendimento, a referência à lenda ou à personagem em **“a virgem dos lábios de mel”**, por exemplo, remete a um saber que identifica o sujeito, vinculando-o a uma posição favorável ou desfavorável ao nacionalismo, embora já o identifique como brasileiro na formulação do comentário.

Com relação ao recorte 15, chamamos a atenção para o modo como se inscreve numa rede de filiações de sentidos que, pelos efeitos da intertextualidade, isto é, por menção explícita, faz uma descrição parafrástica do espaço geográfico ao texto e à personagem de José de Alencar. Tomamos por intertextualidade um deslocamento. Nunes (1992) e Orlandi (2013a) deslocam a noção de intertextualidade tratando-a como a relação

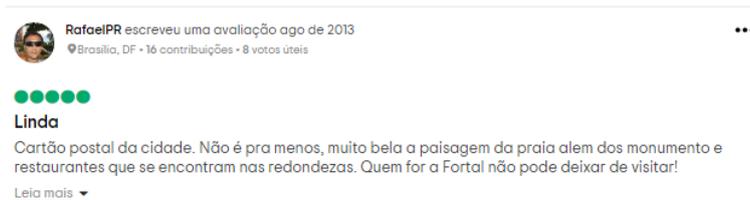
de um texto com outros, mas dentro de um processo de leitura determinado pela historicidade, isto é, levando em conta também a sedimentação dos sentidos e a constituição do sujeito-leitor na história.



Recorte 16 - março de 2013. “**Linda!!**” Me parece ser **a praia mais chic**, com **belos prédios**, feirinha de artesanato, tem alguns **coqueiros enfeitando** a orla da praia!

Recorte 17- Fev. de 2013. “**Lugar mais civilizado** da capital”. **Um lindo cartão postal da cidade** de Fortaleza, onde se encontra a ponte metálica, outro local para encontro com a família no fim de tarde.

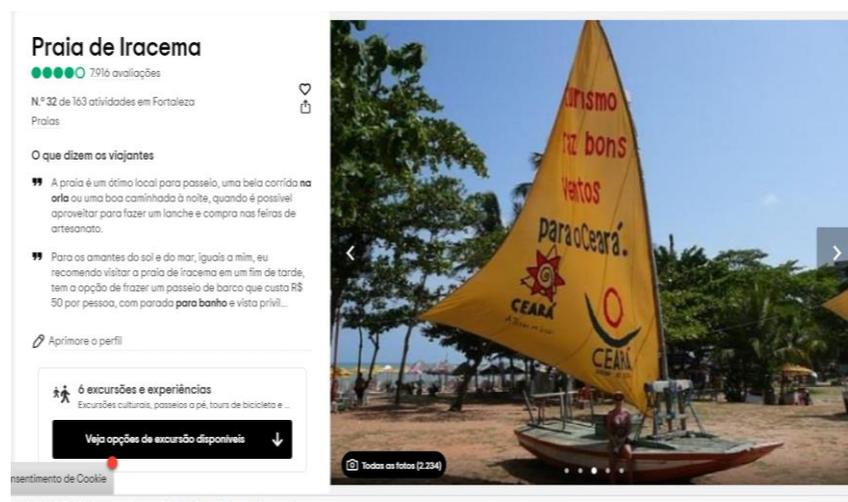
Os recortes 16 e 17 permanecem sustentando a Praia de Iracema pela regularidade das belezas naturais em “Linda”, “belos prédios”, “coqueiros enfeitando a orla” e “Um lindo cartão postal da cidade”. Observamos que os dois recortes, um ano antes da Copa do mundo, já se situavam no imaginário romântico da natureza enquanto beleza emoldurada em contraste com a cidade que sempre se transforma, pela qual percorrem os sentidos em alta velocidade. Observamos outra regularidade do imaginário romântico nos recortes “a praia mais chic” e o “lugar mais civilizado da capital”. Desse modo, podemos dizer que, em *Iracema*, os sentidos do índio civilizado, como o índio bom, atualiza a memória colonial da Carta de Caminha e do discurso cristão ocidental de conversão dos selvagens. Dito de outro modo, os dizeres da atualidade que se referem aos países europeus como mais civilizados em comparação ao Brasil, pendem para a balança da colonização cujo processo, a nosso ver, está em constante atualização e não se esgota com o tempo.



Recorte 18 – Agosto de 2013. “Linda”. **Cartão postal da cidade. ...muito bela a paisagem da praia além do monumento e restaurantes.... Quem for a Fortaleza não pode** deixar de visitar!

Com o recorte 18, objetivamos abordar com mais ênfase a forma como a natureza se textualiza na formulação do sujeito que se identifica com a FD dominante das belezas naturais na designação “Linda” para a praia de Iracema e observamos, com a repetição “Cartão postal da cidade”, uma determinada leitura na tomada de posição do turista. A nosso ver, assim como na textualidade romântica do século XIX, há um retorno à textualização da natureza enquanto paisagem, também há ressonâncias desse processo no turístico, o que pode ser observado na seguinte descrição da avaliação “...muito bela a paisagem da praia além do monumento”.

Consideramos ainda que há, nessas avaliações, uma generalização e uma síntese da praia ao monumento ou à estátua de Iracema e conforme vimos, o acontecimento da legitimação da estátua como ícone cultural em 2011, vem produzindo efeitos de sentidos que parecem assimilar Fortaleza à estátua, isto é, numa fusão que abarca cidade, natureza e cultura. Entretanto, nesse processo, muitas vezes observamos os gestos de resistência dos cearenses que acabam sendo silenciados e resistem a serem “absorvidos” pelo modo como a memória da colonização diz no turismo sobre essas pessoas.



Recorte 19 – “Turismo traz bons ventos para o Ceará”.

No recorte 19, a jangada parece retomar a imagem da jangada de Martim, o estrangeiro que vem navegando e que parte nesse meio de transporte, embora o dizer signifique diferentemente em *Iracema*, agora não mais pelo abandono na publicidade turística, mas pela prosperidade. Contudo, a memória do acolhimento permanece, talvez por um deslize para “bons ventos o trazem”, uma saudação popular que aponta para os sentidos de receber bem, de hospitalidade e acolhimento.

Vejamos o recorte em *Iracema*:

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros. Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas. Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco teral a grande vela? Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano? (ALENCAR,1999, p.19)

Ainda sobre os comentários, observamos a regularidade do tempo presente e algumas vezes do imperativo indicando certas imposições para outros leitores, como em “**não pode** deixar de visitar” (Recorte 18) para que a prática do turismo se realize nos recortes que elencamos, por exemplo. A nosso ver, essa relação já posta entre o presente e o futuro no discurso sobre o turismo que analisamos, trata-se especialmente pelo modo descritivo do funcionamento da narratividade turística já vinculada ao espaço. Ou seja, pelo modo como ocorre o apagamento da memória no discurso sobre o turismo, por uma superposição da história que não leva em conta a narratividade.

Ademais, buscaremos explorar a relação “de oposição” entre a textualização da praia (a natureza) e a cidade. Observamos que a natureza figura-se como domesticável nas regularidades de dizeres como “a vista”, “a paisagem” e uma marca redutora dos sentidos da determinação em “o cartão postal de Fortaleza”. Em nosso entender, a repetição desses itens nas avaliações já significa a natureza de um determinado modo para/ pelos leitores. Similarmente à praia de Iracema, a natureza pode ser textualizada enquanto “paisagem”, apesar da contradição com o urbano que “domestica” essa paisagem a fim de torná-la, de forma asséptica, “o cartão postal de Fortaleza”. Isso é perceptível até mesmo pelo funcionamento do político na língua tantas vezes acabar produzindo efeitos de sentidos negativos para o urbano. Pela plasticidade da formação discursiva, podemos dizer que há uma relação sempre tensa na disputa pelos sentidos entre FDs que atravessam o turismo e “invadem” com outros saberes, inclusive, o que

temos nomeado como FD colonial no turismo. Isso pode ser observado ainda nas FDs da ecologia e do ambientalismo, as quais frequentemente cruzam as fronteiras do discurso sobre o turismo à medida que parecem colidir com outras FDs em torno da palavra natureza em virtude do funcionamento do interdiscurso.

Reiteramos, com isso, que os modos de textualização da natureza tanto no literário quanto no turístico não escapam ao pensamento ocidental, segundo o qual “natureza e corpo apresentam-se como imagens” (SFEZ, 1995, p.94), isto é, como paisagens passíveis de transformação pelas civilizações. Podemos afirmar, da perspectiva discursiva, que as imagens de natureza e corpo também textualizam o político.

Isto posto, conforme esse mesmo autor, a “natureza devia ser ordenada, caso contrário era insuportável” (SFEZ, 1995, p.95). Pela abordagem do discurso, trabalharemos essa (re) organização do desconhecido, do insuportável ou do não-civilizado, do natural (a desordem primitiva) pela análise da textualidade literária romântica, a qual não exclui o urbano ao falar da natureza, muito pelo contrário, (re) produz uma forma de conhecimento sobre o Brasil baseada na memória europeia (ocidental). Observamos até os deslizos dos sentidos que vão da natureza insuportável, de Sfez, para um Brasil insuportável, caso não seja submetido à assepsia da civilização, organizado em prol do estrangeiro. Nesse caso, o turismo pode ser visto como parte desse processo de civilidade que é apagado não apenas pela hospitalidade “inata” do brasileiro, mas pelo discurso empresarial da geração de renda aliado à conservação ecológica das belezas naturais.

Analisar as avaliações do Tripadvisor implica, como já dissemos, na compreensão do funcionamento discursivo desse tipo de comentário que caracterizamos pelo valor, pela disputa dos sentidos, e no seu modo de formulação e circulação que, a nosso ver, se constitui enquanto arquivo digital e promove o apagamento do sujeito-leitor.

não seríamos nós o “conjunto de todos os outros”, referido por Pêcheux ao falar da divisão entre os clérigos, na idade média, por meio da qual alguns eram “portadores de leitura e de uma obra própria” e outros, “o conjunto de todos os outros”, exerciam uma leitura que impunha ao sujeito-leitor um apagamento, uma vez que se dava por meio da repetição de gestos como “cópia, transcrição, classificação, indexação, codificação, etc.”? Afinal, não operamos nós, hoje, frequentemente, na relação com o arquivo digital, com gestos da mesma ordem: copiar, colar, compartilhar, recortar, extrair...? Contudo, em vez dos clérigos, temos, hoje, a serviço do Estado e do empresariado, a grande mídia... (mas também a escola, a ciência...) (DIAS, 2016, p.974).

O que buscamos refletir é se nessa noção retomada por Dias (2016) “o conjunto de todos os outros” poderia configurar um modo de leitura mais autoritário²⁰ e menos lúdico ou polissêmico, diferentemente do modo de concepção transparente dos sites e notícias de turismo enquanto ferramentas vinculadas ao lazer e ao entretenimento, promovendo, assim, o apagamento do sujeito-leitor. Almejamos refletir sobre a configuração já-sempre-lá das avaliações como algo que não está passível de réplica ou discussão, mas baseado na imposição do valor atribuído pelo turista. O próprio funcionamento dessas avaliações possibilita a reprodução sistemática e diferentemente de outros textos nativos, consoante Paveau (2014), como as hashtags, notamos que a avaliação (de)limita a “interação”, a “atualização”, o que facilita, inclusive, classificá-la cronologicamente.

Conforme Indursky (1995), a repetição de um item lexical de forma frequente e generalizada pode dar margem para o confronto e mesmo para a superposição de determinados efeitos de sentido de modo abrangente produzindo um jogo metafórico do objeto. No caso do discurso que analisamos, observamos, com a repetição de “natureza”, a construção metafórica do Brasil e do brasileiro no discurso turístico. Dito de outro modo, a textualização da natureza e dos sentimentos vinculados a ela pelo romantismo, no caso, o natural, o espontâneo, o que é puro e generoso ressignificam, assim, a relação entre Brasil e brasileiro.

Observamos, desse modo, que não só com a regularidade da idealização das belezas naturais temos que lidar quando tratamos dos comentários dos turistas, os quais não se dão de forma aleatória, mas estão inscritos nessas condições de produção que envolvem as disputas pelo/no espaço e, no caso da praia de Iracema, incide de forma incontornável à violência (aos preconceitos e estranhamentos em relação ao outro – que parte do turista para o morador). Propomos que o paradisíaco aparece como regularidade discursiva, embora não exclua a exploração (dos moradores) e se atualiza mesmo quando não realizado pelo/no sujeito-turista. Isto é, a crítica do turista não é pelos problemas sociais, mas pela ruptura de um desejo, de um horizonte de memória da idealização romântica. Isto é observável muitas vezes pelo equívoco, ou seja, pela falha que constitui a discursividade, mesmo quando não está dito como na própria formulação do recorte 19 em “Turismo traz bons ventos para o Ceará” diferentemente dos ventos em “Verdes mares bravios” (Recorte literário) que produzem o efeito do abandono do que é primitivo em

²⁰ De acordo com definição de Orlandi em *Análise de Discurso Princípios e Procedimentos* (2013), não tratamos do autoritário aqui enquanto julgamento moral.

Iracema, por exemplo. Há ainda, a nosso ver, uma aproximação de “bons ventos” com a “alcíone”, ave mitológica que para fazer o seu ninho necessita do mar calmo, sendo considerada portadora de bons presságios.

Os dizeres do recorte 19 ainda silenciam que os bons ventos da “civilização” e do “progresso” trazidos pelo turismo, por vezes, são os mesmos ventos que arrastam crianças para o turismo sexual. Há ainda a “presença” do risco constante ao turista de uma violência sempre presente, mesmo quando ausente. No turismo, geralmente não se fala da violência ao morador, raramente se pensa no morador pelas formas tradicionais de se pensar o turismo, sendo ele um lugar saturado pelos sentidos do “pitoresco”, “o bom funcionário” daquele que ou “agrada” ou é tomado como ameaça para o turista: o “criminoso”, a “prostituta”, “o pedinte” e até os camelôs ou trabalhadores informais podem ser indesejados na discursividade do preconceito.

Conforme Orlandi (2013b), o preconceito possui uma constituição histórica mais ampla e

circula sem sustentação em condições reais, e fortemente mantida por relações imaginárias atravessadas por um poder dizer que apaga (silencia) sentidos e razões da própria maneira de significar. Os sentidos não podem ser sempre os mesmos, por definição. Os mesmos fatos, coisas e seres têm sentidos diferentes de acordo com suas condições de existência e de produção. No entanto, há um imaginário social que, na história, vai constituindo direções para esses sentidos, hierarquizando-os, valorizando uns em detrimento de outros, homogeneizando-os de acordo com as relações de sentidos e, logo, as relações sociais. O preconceito é de natureza histórico-social e se rege por relações de poder, simbolizadas. Ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si e sim nas relações sociais, pela maneira como se significam e são significadas. Não é um processo consciente, e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele. Vêm pela filiação a redes de sentidos que ele mesmo nem sabe como se formaram nele (ORLANDI, 2013 b, p. 222).

É nesse sentido que propomos que o preconceito contra o indígena não brota de forma espontânea nem se limita a uma vontade de violência contra o outro, mas pode funcionar de diversas formas, inclusive pela historicização de uma regularidade discursiva que tanto no turismo quanto na literatura funciona pela idealização de um povo no imaginário social. Há uma transferência, assim, do índio bom, acolhedor e servil para o brasileiro bom, acolhedor e servil. É nesse processo que ocorre o silenciamento do indígena e do povo que resiste, por exemplo. Sendo que, a nosso ver, com a quebra desses sentidos dominantes aos quais o sujeito turista se filia é que emerge o estranhamento com o outro, de modo que não há espaço para a historicização de outros sentidos nas relações

de poder instituídas na formação discursiva dominante sobre o turismo que estamos analisando.

Podemos dizer ainda que mesmo quando há contraidentificações à formação discursiva dominante da colonização, é possível observar a discursividade do preconceito como um desdobramento do discurso sobre o turismo em análise. Em nossa compreensão, a tensão entre o turista e a formação discursiva se torna visível especialmente pelo funcionamento do efeito-leitor que resiste às relações sociais simbolizadas já estabilizadas. Ou seja: a tensão se dá pela multiplicidade das leituras tanto pelo turista como pelo morador, pela variação do que escapa às regularidades do discurso sobre o turismo que temos analisado. Podemos citar aqui a regularidade da idealização paradisíaca do nosso país em confronto com os sentidos sobredeterminados da exploração infantil pelo turismo sexual. A crítica, nesse caso, consiste num choque com os sentidos da brasilidade pelos sentidos da exploração que ficam sempre às margens nos discursos nacionalistas que funcionam pela idealização. Mas não consiste numa ruptura da FD colonial nas formas de textualização do turismo que temos observado nesse trabalho.

Com relação aos sentidos sobredeterminados, eles podem não se regularizar numa dada Formação Discursiva e não se institucionalizar, contudo, não deixam de ser absorvidos pela memória.

3.2 - As discursividades em torno de *Iracema* pelo digital: uma extensão do *corpus*

Neste item analisaremos as discursividades que partem do discurso fundador em *Iracema*, isto é, observaremos como a lenda romântica de Alencar não apenas retoma a Carta de Caminha, mas atualiza uma dada região dessa memória colonial em outras textualidades. Ademais, ao propormos o procedimento de análise da memória histórica em *Iracema* no discurso digital, também salientamos que o texto deve ser tomado como forma material do digital, isto é, enquanto materialidade “produzida no interior de processos sociais e históricos de um mundo conectado” (DIAS, 2020, p.110).

Iracema faz parte, em nosso entendimento, de um processo parafrástico de significação que produz outros desdobramentos da memória constitutiva da lenda e que (re) produz os seus efeitos em outros textos no jogo da paráfrase com a polissemia. É isso o que pretendemos observar com os recortes de um site sobre turismo denominado Portal

Messejana.²¹ Ambos partem de algo em comum, de uma nomeação de um lugar, Messejana, que é significado de um modo na textualidade do romance e ressignificado na postagem da rede social.

Pode-se dizer que há uma naturalização do Ceará como espaço turístico, incluindo seus bairros como Messejana, o qual nomeia um site oficial para a promoção do Estado:



Recorte 1 - Os Padres Francisco Pinto e Luis Figueiras passaram muito pouco tempo na Aldeia, que já existia. Não há registros de nenhum marco ou documento escrito dando conta da fundação de Messejana àquela data.

Oficialmente podemos contar com duas datas a serem comemoradas: 18 de março – dia em que a Carta Régia foi escrita denominando de Aldeia de São Sebastião da Paupina, a então aldeia potiguara, fato ocorrido em 18 de março de 1663.

Recorte 2 - 1º de janeiro – data da inauguração da Vila de Messejana, até então aldeia de São Sebastião da Paupina, passando a se chamar daí em diante de Vila Nova Relá de Messejana da América. Fato ocorrido em 1º de janeiro 1760.

É extremamente importante que a comunidade tente resgatar a história do lugar. Contudo, pode ser muito prejudicial usar datas fictícias para a promoção de festas de aniversário que em nada contribuem para a Cultura local. O que a comunidade precisa de fato, é buscar soluções para os graves problemas que Messejana enfrenta, como: o trânsito caótico na área central, **o crescimento desordenado, a depredação constante de nossa lagoa**, o avanço indiscriminado do comércio sem áreas de estacionamento, a obstrução de ruas de forma indevida, **a poluição visual em excesso e a falta de memória sobre nossa terra.**

Disponível em: < <http://www.portalmessejana.com.br/> >. Acesso em: 07 set. 2021

Dos recortes acima, ressaltamos uma diferença de um aspecto de dominação colonial. Sabe-se que no discurso da descoberta (relatos), o argumento de colonização era a falta. A falta da língua escrita (da memória europeia), a falta da religião cristã, a falta

²¹ Disponível em: < <http://www.portalmessejana.com.br/> >. Acesso em: 07 set. 2021

política (do rei, do Estado). Já em muitos discursos atuais, essa falta da memória europeia é retomada em “a falta de memória sobre nossa terra” (recorte 2), mas é ressignificada pelo excesso: o excesso dos problemas urbanos. Não é mais o europeu falando da natureza brasileira e do Brasil, mas o brasileiro falando para o e do brasileiro à medida que é afetado por sentidos de uma colonização mal-sucedida, como se a cultura e a memória fossem transparentes e pudessem atuar de forma redentora ao serem de algum modo “resgatadas”. São evocadas pelo efeito do romântico de algo “sublime” que se perdeu. Nesse caso, pela relação do arquivo com os restos, temos, de um lado, a memória que arquiva o sentido dominante e o reproduz pelo institucional. Por outro lado, o sentido institucionalizado entra em confronto com uma “memória perdida”, isto é, de algo que se perdeu com a urbanidade. A cidade é, assim, textualizada como vilã, como monstrosidade que abandona o homem no caos, ao bani-lo do paraíso ecológico, destituí-lo da harmonia de sua condição natural, e como resultado, resta a nostalgia de um Éden perdido.

Nora ([1984] 1993) ainda afirma que “o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (p.17), enquanto Pêcheux (1999) fala que a memória é construída pelo historiador de modo que, a nosso ver, história e memória não se descolam do gesto analítico.

Outro aspecto que nos chama a atenção é observar o funcionamento do equívoco e confrontar como o “abandono” da lagoa, no recorte 2, pode significar diferentemente no texto de Alencar. A crítica reformula, portanto, o abandono enquanto pré-construído.

Observe-se:

Recorte 3- Tão rápida partia de manhã, como lenta voltava à tarde. Os mesmos guerreiros que a tinham visto alegre nas águas da Porangaba, agora encontrando-a triste e só, como a garça viúva, na margem do rio, chamavam aquele sítio da Mocejana, a abandonada. Uma vez que a formosa filha de Araquém se lamentava à beira da lagoa da Mocejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnaúba: — Iracema!... Iracema!... (ALENCAR, 1999, p 69).

Destacamos que a regularidade do abandono ao lugar turístico emerge tanto no recorte 2 quanto no recorte 3. Se no recorte do texto de Alencar, temos a textualidade da lenda romântica, a qual nomeia o lugar pelo sentimento “Mocejana, a abandonada”, no turismo, há uma atualização do léxico para Messejana no recorte 2. Outra distinção entre os recortes decorre de, no recorte 2, haver uma contraidentificação da posição sujeito com relação à formação discursiva dominante tanto em *Iracema* quanto no turismo, a qual

coloca em jogo as belezas naturais, o Brasil como ilha paradisíaca, enquanto únicos aspectos a serem visibilizados, legíveis.

De um lado, se em Alencar, os lugares descritos em seu romance não eram interpretados como turísticos, de outro, os algoritmos da pesquisa no *Google* para Iracema pelo digital, hoje, conduzem o usuário automaticamente a essa obra do autor, mas também nos direcionam a postagens de lugares e sites turísticos. A praia de Iracema e a estátua da personagem homônima, de Alencar, abrem-se para o simbólico em outras discursividades que frequentemente são atravessadas pelo colonial e são significadas enquanto símbolos do turismo no Ceará pelas mídias e pelos órgãos oficiais.

Levamos em consideração, na página do blog, o equívoco, isto é, as contradições constitutivas dos sentidos outros, alguns marginais, outros não-ditos. Especialmente no recorte 2, observamos a transferência dos sentidos de “aldeia de São Sebastião da Paupina”, para a “Vila Nova Relá de Messejana da América”. Destacamos duas coisas sobre essas designações. A interpretação corrente da historiografia local atravessada pelo ficcional em *Iracema*, segundo a qual enquanto que, para José de Alencar, Messejana significa Lagoa do Abandono e deve ser escrita com C, Mecejana, há ainda a explicação etimológica de que a palavra deriva do árabe masjana, que significa “prisão” ou “cárcere”, o nome de uma aldeia em Portugal. Tais sentidos ainda nos fazem confrontar com o próprio nome da cidade Fortaleza à qual Messejana é hoje institucionalmente subordinada. Por fim, destacamos que pelo discurso sobre a historiografia, a designação São Sebastião para essa mesma localidade teria resultado do processo de expansão dos jesuítas, assim como é atravessado pelo ficcional em *Iracema* no argumento histórico de Alencar que o português Martim Soares Moreno teria batizado o Forte de São Sebastião.

Almejamos salientar que, sob a égide do “natural”, por vezes os discursos hierarquizam e não refletem sobre as relações já postas entre as palavras e as coisas, as datas e os fatos com os espaços. Isto salienta a necessidade de irmos na contramão dos sentidos para desnaturalizarmos, expormos o confronto do simbólico e as relações de poder instituídas numa incessante disputa entre os sentidos que constituem o sujeito na história.

Podemos analisar ainda o apagamento do sujeito na história em evidência na narrativa da lenda alencariana, mesmo com a inserção do argumento histórico, suposta versão para a fundação do Estado do Ceará.

Vejamos:

ARGUMENTO HISTÓRICO Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Paraíba, partiu como capitão-mór de descoberta, levando uma força de oitenta colonos e oitocentos índios. Chegou à foz do Jaguaribe e aí fundou o povoado que teve nome de Nova Lisboa.

Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos sócios, mandaram-lhe João Soromenho com socorros. Esse oficial, autorizado a fazer cativos para indenização das despesas, não respeitou os próprios índios do Jaguaribe, amigos dos portugueses.

Tal foi a causa da ruína do nascente povoado. Retiraram-se os colonos, pelas hostilidades dos indígenas; e Pero Coelho ficou ao desamparo, obrigado a voltar à Paraíba por terra, com sua mulher e filhos pequenos. Na primeira expedição foi do Rio Grande do Norte um moço de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos índios do litoral e seu irmão Poti. Em 1608, por ordem de D. Diogo Menezes voltou a dar princípio à regular colonização daquela capitania: o que levou a efeito fundando o presídio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna, que habitava as margens do Acaracu, veio estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa [...] (ALENCAR, 1999, p.17).

Temos aí o sujeito autor romântico desejante de um passado heroico e que realiza, pela (re)leitura de uma lenda indígena, o seu gesto de interpretação.

Paradoxalmente à pretensa historicidade, o argumento acima mostra-se a-histórico à medida que apaga ideologicamente a existência de povos nativos antes da chegada de Pero Coelho. Nesse ponto, busca-se instituir uma versão oficial para a fundação do Ceará, estabelecendo-se uma sequência cronológica delineada pela perspectiva do europeu.

Mais que isso, considera-se apenas legítimo o que é tomado pelos portugueses, haja vista que “os franceses infestavam a costa”. Os índios bons são aqueles amigos dos portugueses e dos seus protagonistas nacionais Pero Coelho e Martim Soares Moreno.

Outra regularidade na discursividade da fundação é a instalação do presídio de Nossa Senhora do Amparo, fato discursivo que contesta a pacificação, a ‘amizade’ entre colonizados e colonizadores. Propomos também a deriva de “hostilidades” para “movimentos de resistência”, afinal, não estavam os indígenas defendendo-se dos abusos do oficial Soromenho? A resistência estaria, desse modo, nos sentidos sobredeterminados pela colonização.

Reiterando a ideologia inerente à pacificação, conforme problematiza Orlandi (2008), “pacificar”, no ideário ocidental, consiste na interferência permanente no espaço físico do território “pacificado”. Tal situação discursiva, a nosso ver, resulta ainda na circulação dos sentidos coloniais em discursos da atualidade, como o do turismo.

Em síntese, observamos no recorte 2 que a mudança para “Vila Nova Relá de Messejana da América” não se trata apenas de uma troca de denominação por um gesto neutro, muito pelo contrário, o discurso sobre a historiografia estabelece a relação da substituição do religioso com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal naquele período. Observamos, assim, o embate entre os sentidos do religioso e do administrativo (econômico e político) não circunscrito apenas à gestão do espaço brasileiro como subordinado a Portugal, mas da ressignificação desse espaço com relação à América.

Por isso, as próprias datas comemorativas se abrem para o equívoco e até mesmo para um embate sobre os sentidos atribuídos para a fundação de uma aldeia e do que a distingue de uma vila e de um município, por exemplo. Nesse sentido, discutir a equivocidade para que se faça “visível a contradição de diferentes interpretações, é se expor às diferentes formas significantes e, no caso específico da linguagem verbal, se expor às palavras” (LAGAZZI, 2017, p. 93).

Orlandi (2001) retoma o equívoco em Pêcheux, definido como a “falha da língua na história”, o que significa que as palavras são suscetíveis às contradições, mesmo que façam parte do domínio de uma mesma formação discursiva. Podemos dizer ainda, conforme Orlandi (2001), que o equívoco é constitutivo da discursividade de tal modo que a discursividade se textualiza em falhas, dando espaço para a incompletude do texto, isto é, para que a textualidade se abra para outras possibilidades de leituras. Sendo assim, “há textos que expõem mais o sujeito aos efeitos da discursividade, face à abertura do simbólico, e outros menos (p.64)”, como temos visto em alguns recortes sobre o turismo, por exemplo. É, portanto, nessa exposição à discursividade do turismo que se constitui o efeito-leitor no turista ou o que temos compreendido como o leitor turista.

Essa mesma pesquisadora relaciona a equivocidade à autoria na medida em que estabelece o texto como lugar autoral, sendo os comentários produzidos pelos turistas um lugar de autoria que produz os seus efeitos na discursividade do turismo, mas diferentemente do que já está legitimado pela publicidade do Governo Federal. Lugar de autoria e efeito-leitor, lugar de memória e efeito de memória são alguns caminhos que escolhemos percorrer para analisar a relação da discursividade em *Iracema* com a discursividade do turismo em suas (a)diversidades.

Para tanto, mostramos as contradições constitutivas dos comentários no Tripadvisor que ora se identificavam com a FD colonial e reafirmam a regularidade do Brasil paradisíaco, ora se contraidentificavam a essa mesma FD, instaurando um lugar para a crítica nos dizeres possíveis sobre o turismo nacional. Ressalva-se, contudo, que a

crítica, nas situações analisadas, não escapa às discursividades contemporâneas sobre a cidade, sobretudo porque quase sempre reforça discursos higienistas que visam a uma assepsia de corpos indesejados para o turismo, como “os mendigos”, “os pedintes”, “as prostitutas”, “os ambulantes” etc.

3.3- A relação do *corpus* com a textualização da natureza

O amor não enxerga com os olhos, mas com a alma, e, por esse motivo, o alado Eros aparece cego nas pinturas. Nem na mente do amor foi registrado qualquer sinal de discernimento.

(O sonho de uma noite de verão,
William Shakespeare)

Com a regularidade da referência à natureza exuberante, da espontaneidade e da hospitalidade nas condições de produção do discurso sobre o turismo nacional, buscamos compreender como determinadas regularidades que se naturalizam no/pelo turismo são partes constitutivas daquilo que se homogeneíza e que temos nomeado como brasilidade ou identidade brasileira.

Nesse item, objetivamos uma discussão sobre a concepção de memória para a Análise de Discurso, mas considerando aspectos da Literatura e das Artes para que possamos trabalhar com a ideia de que a natureza só significa porque tem memória, isto é, os sentidos que constituem a natureza estão vinculados à exterioridade. Parafraseando Orlandi (2017), é o texto que significa e não as palavras, sendo que a palavra só significa em uma textualidade sustentada por um discurso. A significação da natureza se constitui, assim, na textualidade da palavra, o que a torna interpretável e a sustenta no discurso. Essa discussão se faz relevante para que possamos compreender como natureza e imagem se fazem texto em *Iracema* e se homogeneízam quando se fala no discurso sobre o turismo no Brasil.

Na sequência, analisamos duas pinturas, sendo que uma delas representa outra temporalidade, o espaço-tempo da descoberta do século XVI, ainda que as condições de produção e mesmo a época da obra sejam correspondentes ao século XIX. Trata-se de um percurso temático que parte do discurso fundador da Carta de Caminha reproduzida no

quadro *Primeira Missa*, de Victor Meirelles, para se estabelecer um contraste com a paráfrase de outra tela que reproduz a personagem Iracema. A segunda tela, de Medeiros, é produzida num período bem próximo ao quadro *Primeira Missa*, ambos classificados como produções românticas do século XIX.



Figura 1- *Primeira Missa no Brasil*, Victor Meireles, 1860

O quadro *Primeira missa no Brasil*, do pintor brasileiro Victor Meirelles inspirado na Carta de Pero Vaz Caminha pode ser considerado um exemplo de uma imagem que mesmo produzida há mais de duzentos anos da colonização, mantém em continuidade alguns traços do discurso colonial, como o papel central do catolicismo para o processo de civilização do Brasil. Dentre inúmeros aspectos a serem analisados no quadro, chamamos a atenção para a representação de uma harmonia entre os estrangeiros e os índios, bem como entre os índios e a natureza. Há sobretudo um distanciamento entre os portugueses e os nativos, no quesito relacionado à posição do português, localizado ao centro e sobre um efeito de luz ao realizar com seriedade o ritual cristão, enquanto que os índios aparecem alheios à sombra entre as folhas, troncos e galhos de árvores. Esse efeito de luz e sombra, bem como a materialidade dos corpos, as posturas e semblantes caricatos dos índios são alguns aspectos que os colocam como espectadores na cena.

Mesmo para deslocar os sentidos produzidos pelo discurso colonialista, há releituras do quadro, como é analisado no texto *A memória na cena do discurso*, de Indursky (2011). Essa autora estabelece uma relação do discurso sobre o descobrimento com o pictórico no quadro de Victor Meirelles, afirmando que as duas materialidades constituem um lugar de memória, inclusive, pelo papel dos livros didáticos. A autora remete, assim, a uma passagem específica da Carta de Caminha que se refere ao quadro e posteriormente aborda algumas paráfrases desse discurso fundador.

Enfocamos a questão da paráfrase, pois sabemos que há possibilidades de múltiplas leituras dos discursos fundadores hoje, entretanto, quando se trata de uma leitura autoritária e preconceituosa sobre o nosso país, temos observado que há um constante retorno a esses discursos com pouca possibilidade de deslocamentos.

Podemos considerar que, na leitura preconceituosa, a discriminação não é mecânica e se dá sempre que, “ como sujeitos, somos impedidos de significar e de circular por diferentes processos de significação, diferentes modos de significar e de nos significarmos. O preconceito é uma questão de ordem ética da significação” (ORLANDI, 2013b, p.223).

Faremos, assim, um breve contraste do discurso reproduzido na Carta de Caminha em circulação nas artes do século XIX com a pintura *Iracema*, de J. M. Medeiros, contemporânea ao romance *Iracema*, de Alencar. Os dois quadros, assim como o romance, são ambientados no século XVI, embora produzidos no século XIX, e possuem suas diferenças e semelhanças. Compreendemos que a regularidade da representação da natureza exuberante e abundante os aproxima das condições de produção da época, ressonâncias na memória que acompanham a textualidade romântica.

Não nos aprofundaremos nas análises possíveis com base no quadro, mas almejamos uma reflexão sobre a imagem/ o imaginário e a memória, com base no desdobramento de alguns conceitos mobilizados por Indursky (2011). Para essa pesquisadora, um texto pode constituir um lugar de memória²² à medida que se instaura nele um imaginário fundador de uma memória discursiva. Pelo efeito de paráfrase, no caso da tela de Meirelles, o imaginário representa a memória sobre a “descoberta” do Brasil no recorte da Carta de Caminha a qual funciona como lugar de memória. Um lugar de memória é, portanto, um lugar de consolidação do imaginário por meio de regularizações e por um regime de repetição da ordem do memorável. “Ou seja: tanto em casos de contraidentificação quanto em casos de desidentificação, a relação dentro da rede de memória ou entre redes de memória se faz indispensável” (Indursky, 2011, p.83), ainda que se tratem de diferentes Formações Discursivas e posições-sujeito num mesmo texto. É nesse sentido que propomos a leitura de *Iracema* enquanto lugar de memória pelo qual se tece uma rede de filiações da memória pelo imaginário do discurso fundador ou da

²² Lugares de memória, noção forjada por Pierre Nora 1984, se apresentam sob a forma de objetos, instrumentos, instituições, documentos, vale dizer, traços vivos constituídos no entrelaçamento do histórico, cultural e simbólico.

descoberta como um retorno à Carta de Caminha. Porém, essa relação não se reduz simplesmente a um retorno à textualidade da Carta, mas às transformações desse imaginário fundador especificamente pelos modos como o Brasil vem sendo significado nos recortes da textualidade de *Iracema* no século XIX e atualmente no turismo.

Podemos compreender que a formação discursiva da descoberta também é heterogênea e possui um caráter dinâmico não-fixo nem fechado nela mesma, pois, segundo a pesquisadora Medeiros (2011), em determinadas formações discursivas é possível encontrarmos muitas posições discursivas, mas nesse trabalho temos mantido o foco nas posições do estrangeiro e do brasileiro, sendo que há

posições discursivas dominantes em cada uma delas, posições que incidem em mais de uma formação discursiva e há posições específicas, isto é, que não comparecem em outras formações discursivas. O que interessa destacar aqui é que o contorno destas formações é redesenhado em função das formas de mediação do dizer (MEDEIROS, 2011, p 56 -57).

Na sequência, destacamos a pintura de J.M. Medeiros que está no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) no Rio de Janeiro, o qual é considerado o principal museu de arte brasileira, especialmente da arte do século XIX. Ressalta-se, contudo, que não vamos analisá-lo isoladamente.



Figura 2- *Iracema*, José Maria de Medeiros, 1881.

Recortamos os quadros que representam a primeira missa no Brasil e a primeira imagem da personagem Iracema para observarmos o que se desloca em torno da produção do conhecimento no século XIX, tanto em produções contemporâneas a esse mesmo século quanto na circulação do conhecimento atualmente.

Um aspecto relevante para observarmos as imagens em torno de Iracema, consiste na questão de que apesar da idealização do índio e da natureza, sobretudo com a mulher indígena em constante deriva se “fundindo” e se “confundindo” até com as cores da

paisagem retratada na tela é que não há um enfoque do artista na sensualidade da personagem alencariana. Essa “ausência” de sensualidade seria ainda um dos motivos pelos quais a primeira imagem de Iracema teria recebido críticas do cânone da época. Em síntese, vemos o modo que materialidades como cor, forma e estética nas estátuas e nas imagens de Iracema corporificam sentidos pela circulação e para a “apropriação” do discurso turístico no contexto do capitalismo.

Há, desse modo, em tal processo marcado pelos sentidos capitalistas um movimento de deriva de *Iracema*, nomeação da mulher indígena sedutora na obra para o espaço sedutor (belo/ turístico), marcado pelo feminino da natureza na praia de Iracema.

Mas a questão da natureza interessa, neste trabalho, pelo efeito de sentido que se constrói pela metáfora em *Iracema*, sendo que conforme diz Pêcheux ([1981] 2010), a metáfora está em toda parte na produção do sentido, sendo que na produção dos sentidos, temos dito, de acordo com Orlandi (2020), que palavras falam com palavras. Em nosso entendimento, *Iracema* não é somente a metáfora da natureza (espaço já significado pelo discurso romântico), mas também funciona como efeito metafórico para o Brasil e o povo brasileiro nos recortes que temos analisado. A construção metafórica da natureza ou do espaço e do povo brasileiro constitui-se em uma propriedade muito particular de que se reveste o jogo enunciativo do discurso sobre o turismo aqui analisado.

Podemos dizer que no século XIX as condições tornaram possível, com a literatura, com as artes e com os relatos naturalistas que analisamos, a construção de um referencial de país pelo movimento de deriva na textualização de Brasil e natureza. Pelo modo como a textualidade literária romântica significava a natureza e o homem constantemente vinculado ao natural, ao espontâneo e aos sentimentos. Observamos no gesto de Alencar uma interpretação que conduzia para uma espécie de diplomacia unificadora entre colonizado (índio) e colonizador (europeu).

Se “todo tratado diplomático são lugares de memória” (NORA, 1993, p. 22), para nós, a lenda de *Iracema* como forma de negociação, pacificação da burguesia com os populares, no caso específico do Brasil, trata-se ainda de um lugar que regulariza a relação sempre tensa entre colonizador e colonizado, entre a nova civilização e um passado considerado primitivo. A lenda estabelece um lugar de memória visível não apenas na literatura do século XIX, mas nas estátuas, nas artes, no cotidiano e no turismo. Se considerarmos que a narratividade literária é uma forma de lugar da memória, devemos considerar igualmente que, pela narratividade turística, os lugares turísticos podem ser definidos como lugares de memória à medida que produzem interpretação.

Afirmando que os lugares da memória implicam “ num saber de outras Memórias” (NORA, 1993, p.25), Nora fala da identificação de um discurso individual a um discurso coletivo, enquanto que Pêcheux fala da tomada de posição do sujeito, sem deixar de lado a ideologia e o inconsciente. Mas para nossos interesses, faremos um deslocamento ao afirmar, com base na produção de Pêcheux, que a identificação não passa do plano individual para o coletivo, consiste, porém, na tomada de posição do sujeito, isto é, pelos modos de inscrição do sujeito numa determinada FD heterogênea. E o sujeito não tem acesso à sua determinação histórica devido ao funcionamento do inconsciente e do interdiscurso.

Isto posto, destacamos o papel do funcionamento do interdiscurso, pelo qual, segundo Orlandi (2013a), o sujeito não pode reconhecer que é assujeitado ao Outro (interdiscurso), pois, pelo efeito de transparência, o assujeitamento se apresenta sob a forma do sujeito autônomo. Assim também a produção do sentido funciona pelo interdiscurso. Uma palavra só tem sentido, se ela já fizer sentido, como efeito do já- dito, do Outro. Isso é pensar a historicidade e não a história de um texto, no caso, a historicidade da palavra natureza em *Iracema* e no turismo.

Compreendemos que é pelo já- dito ou pelo efeito de pré-construído que retorna do interdiscurso a possibilidade de que todo dizer já esteja sustentado por algo que já foi dito antes, inclusive, em outro lugar e por outro sujeito. Podendo ser compreendido, segundo Courtine (1999), como a voz anônima que antecede o dizer, o qual é estruturado pelo esquecimento no saber discursivo.

É por isso que falamos da natureza e da hospitalidade como efeito de pré-construído quando se fala de turismo no Brasil e do Brasil no turismo. Especialmente no que temos analisado neste trabalho, no movimento incessante entre paráfrase e polissemia, o nosso desafio tem sido não falar do mesmo ainda que a reflexão incida sobre o mesmo objeto já falado incontáveis vezes por outras vozes nacionais e internacionais.

Assim, pudemos observar como o discurso sobre a história de quem vem de fora por muito tempo tem sido a história que se oficializou no/sobre o Brasil. Pelos recortes da Carta de Caminha, passando pelos relatos naturalistas, em *Iracema* e no modo como tal discurso se configura hoje no turismo e produz um efeito de oficialidade sobre a hospitalidade no Brasil. Enquanto que o discurso da memória converge para efeitos de sentidos múltiplos, embora essa divisão não seja estanque, mas compreendemos que é pelo efeito de memória que um texto pode se constituir na contradição entre o hospitaleiro e o hostil, isto é, na dispersão entre os sentidos dominantes e os sobredeterminados pela

formação discursiva colonial. Por isso, observamos situações discursivas que ora idealizam, ora vilanizam os habitantes locais mediante às condições materiais de existência dos sujeitos que analisamos no turismo.

A nosso ver, os efeitos da hospitalidade tanto em *Iracema* como nos relatos naturalistas e no turismo funcionam pelo contraditório em frequente tensão com a hostilidade. É como se a hospitalidade estivesse com a face para a civilidade (para a sociedade), já a hostilidade para o selvagem, para o sujeito, sendo que ambas ora são reafirmadas ora silenciadas por configurarem uma oposição no referente em constante construção de brasilidade. Nesse contexto, a natureza produziria os sentidos do hostil, caso não fosse civilizada, aproveitada economicamente nos distintos tempos-espço e atualmente para o turismo (pelo capitalismo).

Em suma, quando falamos do contraditório no cenário da mundialização, pensamos na pluralidade das “contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua constituídas pelas relações contraditórias que mantêm entre si os processos discursivos” (Pêcheux, 1995, p. 93).

Assumindo tal relação com o discurso e a ideologia, podemos afirmar que o nosso estudo não visou uma mudança empírica na lida com o objeto, mas pela reflexão da prática teórica

tem-se possibilidade de compreender os modos como a determinação econômica se (re)produz/transforma nas práticas ordinárias, como sobredeterminam a relação imaginária dos homens com suas condições reais de existência e como esta compreensão tornaria possível a transformação das relações sociais. A prática teórica da ad, portanto, está pautada, fundamentalmente, pela transformação das práticas ideológicas existentes em conhecimento. Isso sob o intento de mobilizar estes conhecimentos à constituição de estratégias de ruptura das relações sociais hegemônicas. Uma prática teórica construída na/pela/em razão da prática política (BRETANHA; ERNST, 2021 p.7).

É nesse sentido que compreendemos que a análise do objeto Brasil em distintas dimensões do turismo engloba, sem dúvida, uma prática que não nega o sujeito histórico como o sujeito do cotidiano pelo funcionamento do político nas contradições constitutivas do que nossa sociedade tem nomeado como turístico. Assim, turismo é prática discursiva que está nos efeitos diluídos do capitalismo enquanto parte de um dado conhecimento sobre o Brasil que se repete, confronta-se, mas se transforma e se recicla no interior das próprias práticas ideológicas determinantes de como o brasileiro se faz na história muitas

vezes à revelia de como ele se (re)volta para si, de como consegue ressignificar o seu próprio olhar para a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que propomos neste trabalho se trata de um recorte bem específico em torno da atualização da memória literária e do processo de colonização no discurso sobre o turismo no Brasil. Percorremos um trajeto com algumas dificuldades em delimitar o *corpus* justamente pela heterogeneidade discursiva do material que analisamos. Contudo, assim que estabelecemos algumas regularidades para o discurso colonial que descreve o referente Brasil, aliado ao efeito metafórico de *Iracema* no turismo, notamos que houve uma certa estabilidade para o conjunto de elementos que temos designado como parte constitutiva da brasilidade. São eles principalmente: a hospitalidade, a cordialidade (a alegria), a natureza exuberante (belezas naturais), o patriotismo e a incapacidade administrativa. Acrescentamos a regularidade da assepsia que, nesta dissertação, funciona principalmente nos comentários do Tripadvisor, pois ao “assumir” uma tomada de posição instaura-se uma contradição constitutiva do sujeito contemporâneo: a demanda do puro, do belo, do harmonioso. Não pode haver ruídos, como as obras de construção civil ou reformas e quaisquer obstruções na paisagem ou no lugar interpretado como turístico, sendo que qualquer mácula na idealização paradisíaca ressoa negativamente no efeito sujeito interpelado pelo discurso sobre o turismo. Além disso, frequentemente o turismo é atravessado por outras discursividades contemporâneas referentes à cidade, bem como por discursos higienistas que impõem a assepsia não apenas do espaço, mas de corpos indesejados como “as prostitutas”, “os pedintes”, “os moradores de rua”, “os ambulantes” etc.

A nosso ver, tais sentidos são dominantes não apenas quando se fala em turismo, mas quando se fala de Brasil e do brasileiro em muitas outras textualidades.

O que ocorre de específico no turismo, entretanto, é o modo como tais sentidos coloniais apagam a inscrição da própria colonização na história, silenciando os seus efeitos de violência e dominação sobre o brasileiro e produzindo um efeito de “pacificação” pela “contribuição” do colonizador para a nossa história evolutiva. Tal situação reduz a abordagem turística sobre o Brasil à evidência dos conteúdos didáticos e da concepção da história como a cronologia de um museu, de tal modo que os sentidos que circulam permanecem delimitando o nosso país por regularidades consideradas primitivas. Ou seja, no turismo, somos “convencidos” de que muitas vezes submissão é cordialidade, é simpatia, é generosidade, pois somos interpelados enquanto brasileiros a esse discurso de identidade asséptica. Dito de outro modo, a literalidade funciona no

discurso sobre o turismo fabricando o próprio brasileiro e o seu país como se fossem um sentido único, homogêneo e transparente.

Consideramos ainda que ao dizer que o povo brasileiro é hospitaleiro, apaga-se a tensão entre índio e europeu, colonizado e colonizador em *Iracema*, brasileiro e estrangeiro nas histórias do Brasil. Naturaliza-se uma relação de harmonia e cordialidade entre turista e morador local. Especialmente no discurso do turismo de natureza parece haver uma oposição entre o turista, significado pela cidade, e o morador local, vinculado a um primitivismo do “natural”, do servil/acolhedor no imaginário social.

Parafraseando Beck (2015), o analista precisa focar os processos de resistência-revolta-revolução para endossar a sua realização na história. Assim também acreditamos ser relevante darmos ênfase para a possibilidade de outras leituras referentes ao turismo e à publicidade governamental que refletem as políticas públicas.

A nossa proposta de análise converge para um contraponto entre o discurso romântico textualizado em *Iracema* com o discurso turístico na materialidade do digital e teve como premissa a seguinte questão: como o brasileiro e a natureza são falados no discurso sobre o turismo sob os efeitos do romantismo, do nacionalismo e do colonialismo? Nesse sentido, consideram-se as “relações de múltiplas e diferentes naturezas entre diferentes discursos: relações de exclusão, de inclusão, de sustentação mútua, de oposição, migração de elementos de um discurso para outro, etc.” (ORLANDI, 2013, p. 88). Ao passo que não buscamos responder totalmente a essa questão, mas abrir a discussão para uma reflexão sobre a memória de modo historicizado que possa problematizar as implicações da colonização na formação do Brasil e da identidade nacional. Podemos afirmar ainda, com esse trabalho, que o processo de colonização muitas vezes é tratado de forma superficial ou de forma a-histórica, como se já estivesse sido encerrado no tempo e não convocasse discursos outros como o da Independência, por exemplo.

Não abordamos profundamente outros fatos discursivos como o discurso da Independência, entretanto, recortamos a ideologia nacionalista que interpelava o sujeito do século XIX e sob a qual ressoa, a nosso ver, os efeitos da Independência ainda hoje. O que observamos pela regularidade do nacionalismo no discurso sobre o turismo é que a própria metaforização da textualidade de *Iracema* no turístico, enquanto referente, seja por meio das propagandas ou das estátuas dessa personagem homônima, por exemplo, indica um reforço à exaltação do Um sobre os outros. No caso específico de *Iracema*, trata-se mais do enaltecimento do autor José de Alencar pelo seu gesto de legitimar um

“pensamento” nacional do que um reconhecimento seja dos esforços ou das histórias do povo e mesmo do lugar de resistência da mulher indígena na história. Isto posto, refletimos que esse é um lugar que por vezes é inviabilizado de se inscrever na história. Um lugar invisibilizado por outros lugares consagrados à memória. É por isso que as estátuas, as obras de arte, as propagandas e os comentários do Tripadvisor individualizam o sujeito brasileiro. Ademais, o modo como a memória se diz no turismo constantemente silencia os gestos de resistência do brasileiro que poderiam ressignificar a própria concepção do nacionalismo.

Enquanto isso, a nosso ver, os sentidos mesmos continuam cristalizados no turístico, seja pelo que está silenciado ou pelo retorno de tantos já-ditos que discursivizam preconceitos e estereótipos que não rompem com os sentidos do discurso fundador.

No decorrer desta dissertação, desenvolvemos uma análise abordando algumas provocações sobre o pré-construído referente ao discurso da descoberta em *Iracema*, enfocando o recorte da textualidade dessa lenda.

Se a periodização cronológica se faz necessária para localizar, em HIL, certos fatos e comparar uma tradição linguística com outra, conforme Nunes (2008), a perspectiva da Análise de discurso com a História das ideias linguísticas não estaciona em seus efeitos, isto é, no efeito de completude do sujeito com a língua e a história.

Isto posto, as formas de articulação que propomos neste texto levaram em conta especificamente o modo como a temporalidade é construída em cada discurso que analisamos apesar de suas especificidades. Assim, a noção de temporalidade enquanto forma material do espaço-tempo, enquanto historicidade, tornou possível o gesto analítico nesse trabalho de de-superficialização da memória. Discutimos que, pela transversalidade dos discursos literário e turístico, pudemos abordar a memória discursiva que atualiza o Brasil ainda como objeto colonial. Salientamos que tais efeitos da colonização retornam pelo digital ao observarmos como a temporalidade funciona “por fixação imaginária, por retomadas e por re-atualizações da memória” (NUNES, 2008, p. 112).

Tomamos alguma noção sobre esse processo discursivo com a seleção dos nossos recortes, dando ênfase nas três dimensões que envolvem os sentidos: a) na constituição das condições de produção pela análise dos efeitos do discurso fundador e pelo conceito de lugar de memória, b) na formulação que se realiza nas campanhas do Governo e nos comentários do Tripadvisor e c) em seu modo de circulação. Da perspectiva discursiva, compreendemos, segundo Nunes (2008), que ao se trabalhar com a espacialidade e a temporalidade do discurso, amplia-se a dimensão da circulação. Por isso, foi possível

observarmos que o discurso sobre o turismo não se limita ao espaço físico nem ao tempo cronológico ou a uma única forma material específica, visto que esse discurso faz parte do processo de colonização e vem se reatualizando na memória discursiva que configura e legitima o Brasil enquanto país tanto para o estrangeiro quanto para o brasileiro. É por meio desse processo que podemos afirmar que os sentidos dominantes se distanciam pouco com o passar dos séculos. Pelo nosso entender, de tal processo, decorrem ainda os estereótipos e algumas outras regularidades que nem sempre estão ditas, mas que definem o Brasil por designações pouco produtivas já circunscritas ao capitalismo: país de terceiro mundo, civilização do atraso, "república de bananas" e tantas outras.

Acreditamos que, se por um lado, as marcas do processo de colonização elevam determinadas "qualidades" nacionais, por outro lado, definem o lugar sempre já-lá do Brasil no contexto da mundialização.

Ademais, pudemos compreender, com a análise dos recortes, que assim como as hashtags, os comentários do Tripadvisor mantêm a regularidade da história no imediatismo da circulação, do "tempo real", pois a cronologia é muito mais organizacional do que afetada por uma mudança mais drástica com o passar do tempo. Isto é, classificar um texto cronologicamente pode ser útil para realizarmos determinados recortes, porém, não podemos deixar de analisar a sua historicidade. Como vimos refletindo, é a historicidade, portanto, que define o texto. A nosso ver, nos comentários do Tripadvisor, tem-se a reprodução e a circulação de mais textos sobre o "mesmo texto", embora haja espaço para a variável no digital.

Assim, com a escrita deste trabalho, fizemos um percurso que mostra como o turismo e os comentários, propagandas etc., atualizam a memória colonial, dizeres e sentidos (como os da hospitalidade, cordialidade, natureza exuberante etc.) que se textualizam tanto em *Iracema* quanto na Carta de Caminha, bem como nos relatos de Florence e Saint Hilaire.

Com relação aos relatos naturalistas, observamos que, assim como a descrição em *Iracema*, esses relatos descreviam o Brasil e recortavam determinadas coisas a serem observadas do território nacional.

Orlandi ([1994] 2011a), diz que a indistinção entre as palavras rapport (relatório)/relation (relato) já configurava, nos séculos XVI e XVII, a relação formal entre ciências humanas e literatura (ficção), assim como notamos ainda no século XIX os vestígios dos limites intercambiáveis entre esses dois campos do saber.

Fizemos uma breve discussão referente ao retorno dos relatos no século XIX, com o neo-colonialismo, mas não nos aprofundamos nessa questão, pois o nosso objetivo era mostrar que a descrição do espaço que analisamos na Carta de Caminha se diferenciava da descrição que retornava no século XIX. Também enfatizamos que a forma dominante na Carta de Pero Vaz de Caminha era a narrativa e que a posição sujeito definia o direcionamento da Carta de estrangeiro para estrangeiro, diferentemente do que analisamos em *Iracema*, cuja textualidade se significa pelo nacional. Assim, na textualização de *Iracema*, observamos não apenas uma passagem da forma de escrita da narração para a descrição, mas da posição-sujeito autor em relação com o efeito leitor, na direção do brasileiro para o brasileiro.

Conforme Orlandi ([1994] 2011a), o critério para as regularidades não está no nível tipológico ou formal, já que a ordem do discurso está no movimento e na dispersão, apesar de recortarmos o texto como unidade simbólica.

No caso desta pesquisa, reiteramos que estamos falando da relação do texto com o real da interpretação. Problematizamos a divisão social do trabalho de leitura proposta por Pêcheux (2010) que distingue o científico (aquilo que se demonstra) do literário (o interpretável), sendo que, em nossa análise sobre a consolidação do lugar de memória para *Iracema*, não acreditamos haver uma divisão estanque entre essas duas culturas, mas sim um trabalho intenso do Estado com a memória institucional no século XIX. Destacamos, consoante Orlandi (2020), que a partir da relação do Estado com as instituições, faz-se possível tecer a determinação do sujeito com o memorável, isto é, não apenas com aquilo que se repete ao pé da letra de *Iracema* no turismo, mas trata-se da memória que se estabiliza e que produz os sentidos nas regularidades que observamos.

Por isso, ainda que atualmente o papel do Estado não seja o mesmo e seus efeitos pareçam cada vez mais frágeis e distantes do “sujeito de dados” (DIAS, 2018), não significa que tais sentidos não estejam mais em circulação. Observamos sobretudo pelos comentários do Tripadvisor que os sentidos referentes ao Estado podem funcionar especialmente no lugar da falta, seja da falta de segurança, da falta de civilidade ou da falta da preservação da natureza na praia de Iracema.

É, portanto, no movimento de contenção da paráfrase com a polissemia que os sentidos da colonização são múltiplos e passíveis de deslocamentos, mas possuem regularidades que podem ser identificadas no turismo, como o patriotismo, a hospitalidade, a natureza exuberante etc. Esse retorno do colonial no turismo e em tantos outros discursos que acabam sendo convocados pelo turístico, “dissimula” os impactos

da própria colonização na história, mas deixa vestígios que nos permitem construir o objeto de análise na dispersão, pois levamos em conta que nenhum discurso funciona isoladamente.

A partir disso, temos observado que as textualidades do turismo e de *Iracema* são apenas outros modos de se apresentar e de se falar, mas também de se fazer calar o Brasil de tal modo que nos provocam a pensar o quanto temos reproduzido do século XIX ainda hoje e sobre como poderíamos avançar pelos (des)limites dos sentidos. Para nós, o acontecimento toca o limiar do novo (atualidade) com o retorno ao mesmo (memória) de modo que para buscarmos a “desconstrução” dos dizeres já estabilizados sobre o turismo, precisamos dizer o mesmo, mas dizer diferente. Dito de outro modo, desconstruir é extrapolar a reincidência dos sentidos até que se tornem outros.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. de. *Iracema*. 6ed. São Paulo: FTD, 1999.

BALDINI, L. J. S. Cinismo, discurso e ideologia. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 4.; 2009, Porto Alegre, RS. Anais do IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/LauroJoseSiqueiraBaldini.pdf> . Acesso em: 01 março 2021.

_____.; DI NIZO, P. L. O cinismo como prática ideológica. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 131-158, dezembro de 2015.

BARTHES, R. *O rumor da língua*. 2.ed. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

BECK, M. Sobre a reprodução/transformação: o (dis)funcionamento ideológico e seus efeitos políticos. In: *Análise do Discurso: dos fundamentos aos desdobramentos* (30 anos de Michel Pêcheux). Organização de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Solange Mittmann. 2015.

BRETANHA, S.; ERNST, A. G. Contradição, discurso e resistência em análise de discurso: só há falha daquilo que causa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021020, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8661734. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661734>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRUST, V. T. B.; PETRI, V. O que quer, o que pode um discurso? O que quer, o que pode esta foto? *RUA* [online]. 2013, no. 19. Volume 1 - ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-9911

CANDIDO, A. *O romantismo no Brasil*. São Paulo : Humanitas / FFLCH, 2002.

COSTA, G.C. da. *A palavra do ano é uma imagem*. Fragmentum, Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Letras, UFMS, n. 48, 89-103, jul. - dez. 2016.

DE CERTEAU, M. *A Cultura no Plural*. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

_____. *Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus*. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 44, n. 3, p. 972–980, 2016. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>. Acesso em: 13 dez. 2021.

_____. *Considerações sobre o texto pelo digital*. In: Língua, Ensino, Tecnologia. Org. Claudia Pfeiffer, Juciele Pereira Dias, Luciana Nogueira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

FERREIRA, A. C. F. “Uma especialidade culinária no Sul de Minas e a demanda pela patrimonialização”. *Linguagem, sociedade, políticas*. Campinas: RG; Pouso Alegre: Univás, 2014.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. *Leituras Filosóficas*. 20ed. Loyola: SP, 2010.

_____. O que é um autor? In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). 2ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2009. p. 264-298

FRAGOSO, E. A. *Relação entre Língua (Escrita) e Literatura (Escritura) na Perspectiva da História da Língua no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2001.

FRANÇA, G. da R. A. *Gênero, raça e colonização: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França*. (2018) Tese Dourado em Linguística) Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. (1981). *A língua inatingível*. 2ed. Trad. Bethânia Mariani e MariaElizabete Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2010.

GUIMARAES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, June 2005 . Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Nov. 2021.

HENRY, P. O discurso não funciona de modo isolado. *Jornal da Unicamp*, Ano 2013, n.587. Entrevista concedida a José Horta Nunes. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/odiscurso-nao-funciona-de-modo-isolado>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

HOLANDA, S. B de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, F. e LEANDRO FERREIRA, M. C. *Análise do discurso no Brasil, mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p.163-172. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf?fbclid=IwAR0R1fQkq3TBTiysNgFOY0RMWr92SNyc_3ROYsqNqW5CdoOI4Oow8-LOSk>

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.

INDURSKY, F. (1995) A construção metafórica do povo brasileiro. In: *Organon: o texto em perspectiva* (Revista do Instituto de Letras), vol. 9, nº 23, p. 143-152. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

LE GOFF, J. (1994) *História e memória*. 3. ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: UNICAMP.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/o-brasilespora-por-voc%C3%AA.html> > Acesso em: 10 set. 2020.

MARIANI, B. (2014). Uma proposta de arquivo sobre o sujeito da cidade do Rio de Janeiro. In: CABRAL, A.; FARBIARZ, A.; TAVARES, D. *Pesquisas em mídia e cotidiano*. Rio de Janeiro: EDUFF e Rio Bookks, 2014.

MEDEIROS, V. *Dizer a si através do outro - do heterogêneo no identitário brasileiro*. Tese Doutorado. Instituto de Letras da UFF, Departamento de Ciências da Linguagem, Programa em Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, 2003.

_____. *Do heterogêneo no identitário brasileiro: percursos de uma tese*. Fragmentum, n. 29, parte II. Laboratório Corpus: UFSM, Abr./Jun. 2011.

NASCIMENTO, E.V.B. (2019) *Discursos sobre cidade e efeitos do exótico no jornalismo de viagens*. Dissertação Mestrado em Divulgação Científica e Cultural. Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2019.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes, São Paulo, SP: FAPESP, São José do Rio Preto, SP: PAPERP. 2006.

_____. *A construção dos leitores nos discursos dos viajantes e missionários*. Dissertação de Mestrado. Unicamp: 1992.

_____. *Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas*. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul. /dez. 2008.

OLIVEIRA, S. *Sobre o funcionamento do político na linguagem*. Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 34 - jan-jun 2014.

ORLANDI, E. P. (2019). “Entrevista com Eni Orlandi”. *Pensares*, São Gonçalo - RJ, n. 17, p. 8-17, 2020.

_____. “Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi”. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan. / dez. 2006. Disponível em: < <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Analise%20do%20Discurso%20-%20Eni%20Orlandi.pdf> > Acesso em: 07 jun. 2022.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço urbano: sentido e materialidade digital* [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013b, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LBEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

_____. A natureza e os dados (A constituição histórica de um modelo de pesquisa de campo). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 27, p. 47–57, 2011a. DOI: 10.20396/cel.v27i0.8637028. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637028>. Acesso em: 4 out. 2021.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p.61- 151.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11ed. Campinas,SP: Pontes Editores, 2013a.

_____. *Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia*.1983. In:<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>

_____. *Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas, 1, 35-47, 1995.

_____. *Eu, tu, ele - Discurso e real da história*. Campinas,SP: Pontes Editores, 2017, p. 94.

_____. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.

_____. *O que é linguística*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. Os sentidos de uma estátua: Fernão Dias, individuação e identidade pousoalegrense. *Entremeios: revista de estudos do discurso*. v.1, n.1, jul/2010. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br>

_____. Palavra de amor. *Cad. Est.Ling.*, Campinas, n.19, p.75-95, jul./dez, 1990.

_____. Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *Rua*, Campinas, 1998, p.9-19.

_____. Práticas sociais de fabricação da memória. *RUA*, Campinas, SP, v. 26, n. 2, p. 511–527, 2020. DOI: 10.20396/rua.v26i2.8663436. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8663436>. Acesso em: 18 dez. 2021.

_____. “Prefácio” e “Vão surgindo sentidos”. Em Eni Orlandi (Org.) *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Segmentar ou recortar*. In: *Linguística: questões e controvérsias*, publicação do curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos- 10, 1984, p.9-26.

_____. *Terra à vista - discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

PAVEAU, M. A. Les énoncés natifs du web : analyse du discours des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest). Campinas; Unicamp. 2014. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/>. Acesso em 28 de abril de 2021.

PÊCHEUX, M. *A análise do discurso: três épocas* (1983). In: GADET, Françoise. & HAK, Tony.(org.). Por uma análise automática do discurso. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.

_____. *Ler o arquivo hoje*. In: Gestos de Leitura, 2010.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *Metáfora e interdiscurso*. Em: ORLANDI, E. P. (Org.) Análise de discurso: Michel Pêcheux. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. Em: CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M.; PÊCHEUX, M. (Orgs.). *Materialidades discursivas*. Tradução de Débora Massmann, Maria Onice Payer, José Horta Nunes, Freda Indursky, Eduardo Alves Rodrigues, Mônica Graciela Zoppi-Fontana, Tatiane Freire de Moura, Ana Cláudia Fernandes Ferreira, Greciely Cristina da Costa, Heloisa Monteiro Rosário, Eni Puccinelli Orlandi, Gabriel Leopoldino dos Santos, Luiza Katia A. Castello Branco, Mariza Vieira da Silva, Marcos Aurélio Barbai, Lauro José Siqueira Baldini, Cristiane Dias. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

PEREIRA, D. D. S. *#Somostodos(...): percursos de sentido em uma hashtag*. 2017. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Universidade Estadual de Campinas.

PETRI, V. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ROBIN, R. *A memória saturada*. Tradução de Greciely Costa e Cristiane Dias. Campinas: Ed. da Unicamp, 2016.

_____. *Cybermigrances: traversées fugitives*. Quebec : VLB Éditeur, 2004.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. *Nota sobre a noção de cultura e sua relação com a de civilização: O Ocidente como observatório das formas de vida social*. Fragmentum, Número Especial. Jul/Dez 2018.

SALLES, A. C. COSTA, G. *Recortes e(m) análise: no movimento da narrativa cinematográfica*. In: RUA [online]. n°. 22. Volume 2, p. 553 - 572 – ISSN 1413- 2109/2179-9911 - Junho/2016. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua>

ZOPPI-FONTANA, M. G. *SLOW SCIENCE: a temporalidade da ciência em ritmo de impacto*. Leitura (UFAL), v. 50, p. 223-257, 2012. Disponível em < <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1156/791> >. Acesso em 5 nov. 2020.

Lista de links

1. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-em-sua-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores.shtml>
2. <http://www.turismo.gov.br/o-brasilespera-por-voc%C3%AA.html>
Acesso em: 10 set. 2020.
3. [Estátua de Iracema volta a ser pichada: "Não vai ter Copa" | O POVO](#)
Acesso em 4 out., 2021
4. <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/descubra-o-brasil/noticia/projeto-descubra-o-brasil-mostra-um-pais-recheado-de-atracoes.ghtml>
Acesso em: 11 nov. 2017
5. <https://instagram.com/portodegalinhas?igshid=6v1q8hfm76sv>
6. <https://quantocustaviajar.com/blog/turismo-em-brumadinho-reerguer-a-economia-da-cidade/>
7. <http://www.portalmessejana.com.br/>
Acesso em: 07 set. 2021